



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANGELINA DO NASCIMENTO SILVA

CURRÍCULO E FORMAÇÃO INTEGRAL DO ESTUDANTE
NO COTIDIANO ESCOLAR

FORTALEZA
2016

ANGELINA DO NASCIMENTO SILVA

CURRÍCULO E FORMAÇÃO INTEGRAL DO ESTUDANTE
NO COTIDIANO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Currículo e Ensino

Orientador: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S578c Silva, Angelina do Nascimento.
Currículo e Formação Integral do Estudante no Cotidiano Escolar / Angelina do Nascimento Silva. – 2016.
187 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil.
1. Desenvolvimento Integral do Estudante. 2. Currículo. 3. Cotidiano Escolar. 4. Avaliação. I. Título.
-

ANGELINA DO NASCIMENTO SILVA

CURRÍCULO E FORMAÇÃO INTEGRAL DO ESTUDANTE
NO COTIDIANO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Currículo e Ensino

Orientador: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil

Aprovada em: 28 / 07 / 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Luiz Albuquerque Botelho
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. José Ernandi Mendes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À memória de meus avós maternos – Maria Rita do Nascimento e Manoel Estevan do Nascimento e meu avô paterno Benedito Angelino da Silva por todo o amor e zelo dedicados em minha infância e por me darem o melhor presente que recebi na vida: meus pais Maria Alice e Francisco Angelino, os progenitores de minha história.

À memória de um grande professor/educador Marconi Reis, por fazer com que eu criasse asas em minhas costas, e conseqüentemente o desejo de querer voar...

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão singular, não poderia deixar de expressar minha gratidão às pessoas que contribuíram com a conclusão de mais uma etapa da minha jornada pela vida.

Contemplando o universo, encontro uma luz que emana sobre toda a natureza, Deus Todo-poderoso que me agraciou com o dom da vida e sempre me sustentou com a sua mão amorosa, dando-me a graça de seguir em frente na busca da realização de meus sonhos, acreditando nas potencialidades com as quais me dotou. A Ti sou grata Deus, por nutrir diariamente a minha fé e dar-me força para prosseguir na minha caminhada. Grata, pela felicidade proporcionada pelas coisas boas e pelos ensinamentos aprendidos com as coisas desagradáveis. A Ti toda honra e glória!

Nesse momento, me remeto a toda minha história de vida, por isso não poderia deixar de mencionar aqueles que foram meus grandes mestres na escola da vida, meus pais, Maria Alice e Francisco Angelino. Aos quais sou grata pelo carinho, pelo amor, o cuidado e por investirem em mim suas melhores expectativas. Obrigada por me darem a “régua e compasso”, para traçar com segurança as linhas da minha vida, especialmente minha mãe Maria Alice, por com seu amor maternal me acolher em suas orações e sempre compreender tão bem em minhas ausências.

Agradeço meus irmãos Ednaldo, Reginaldo, Arnaldo, Ednardo, Marinaldo, Ivonaldo, Ronaldo, Regina e Regiane. Sou grata pelo carinho, admiração, por nossas histórias de vida e de (con)vivência, cumplicidade e camaradagem, não só pelos laços de sangue, de amizade e irmandade, mas por nos conhecermos desde as entranhas.

Aos meus sobrinhos Francilene, Ana Clara, Letícia, Raquel, Paulo Jonas, João Pedro, Paulo Jonas, Mateus, Paulo Henrique, Venâncio e Eduardo (Dudu). Obrigada por me remeterem a infância, por cada sorriso, carinho, abraços, que fazem meu coração transbordar de amor e felicidade.

À minha avó paterna Raimunda da Conceição, pelo exemplo de perseverança, ousadia, amor, alegria e por todas as histórias contadas, as quais sempre me encantam.

À todos os meus familiares representados pelas minhas tias Carmezina e Francisca (Franquinha), pelos primos Dênis, Gilson e Ângela pelo carinho que a mim devotam e pelo incentivo e apoio ao longo dessa caminhada.

Às minhas cunhadas e cunhados, Francineide (Neide), Vanilsia, Joana D'arc, Eraldina (Dina), Edvânia, Antônio Marcos (Marquinhos) e Ednardo. Obrigada pelo carinho, admiração e apoio nos momentos que precisei.

Às minhas amigas de toda a vida, aqui representadas por Eliana, Natália e Anália, que tantas vezes me ajudaram a relaxar e me encorajaram a seguir a diante. Obrigada por dividirmos os problemas, as angústias cotidianas, nossas crises existenciais, e por tantos risos e conversas soltas ao vento. Um amor de irmã.

Aos amig@s Lia, Livia, Heleiton, Marília e Anderson por estarem sempre aptos a ajudar, pela admiração e apoio. Grata por acreditarem em mim e por me fazerem crer na amizade como partilha, solidariedade e companheirismo.

À mãe de meu namorado Vanessa, por me transmitir a serenidade, a leveza de espírito e pela admiração. A você, todo meu respeito, carinho e admiração pela mulher guerreira que tu és.

Ao meu namorado Felipe Monteiro, presente enviado por Deus, que preenche meus dias de esperança e meu coração de amor. Obrigada por simplesmente ter vivenciado comigo minhas angústias, essa experiência e por se interessar por tudo que me traga alegria ou dor, por tomar para si o papel de ombro amigo e de companheiro para todas as horas. Tu és um encontro alegre que tem aumentado a minha potência de vida, de criação, de movimento, de força para autopreservar na existência. À Deus, toda honra e glória, pelo que temos vivido, meu bem!

Aos companheiros de mestrado, pelo aprendizado que compartilhamos, em especial àqueles a quem tive uma aproximação pessoal, Emília, Thalita, Ronald e Osmar Hélio. Agradeço por todos os momentos juntos, por compartilharem seus conhecimentos, as conversas pelos corredores, as palavras positivas e apoio nos momentos de aflição. Vocês são um bem precioso que o mestrado me apresentou.

Aos companheiros do grupo de estudo LEDUM, com os quais compartilhei essa experiência e contrituiram para a minha aprendizagem, Jeriane Rabelo, Renato, Girliane, Cristiane e Sandra. Grata por tudo!

Às Professoras Bernadete Porto, Ana Iorio, Kelma Matos e Ari de Andrade, pelo carinho e por serem exemplos de profissionais, pelo incentivo e valorosa dedicação a mim destinada.

Às professoras Patrícia Holanda e Meiricele Calíope, que me despertaram o desejo de obter mais conhecimento, me lançando nesse novo mundo de descobertas: a pesquisa.

Aos Professores Luiz Botelho e Ernandi Mendes, membros tanto da Comissão do Exame de Qualificação quanto da Banca de Defesa desta Dissertação. Agradeço pela competência, interlocuções e pelas valorosas contribuições para meu trabalho.

Ao meu orientador, Professor Paulo Meireles Barguil, por favorecer meu crescimento e por todo aprendizado que me proporcionou, os quais ultrapassam os meios acadêmicos. Obrigada pela dedicação, incentivo, compreensão e por suas sábias palavras, as quais me transportam para o mundo da reflexão, da filosofia de mim mesma e da vida.

À Capes, pela concessão de bolsa de Mestrado, fomentando parte deste estudo.

Agradeço aos docentes, gestores, estudantes e todos que compõem a escola EMEIF Pequeno Polegar (nome fictício para preservar a instituição e os sujeitos envolvidos) de Cascavel-CE, que contribuíram para essa pesquisa e me acolheram tão bem em seu espaço.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento e realização desta dissertação, tais como os meus professores e estudantes, familiares, amigos e colegas que me incentivam e orientam a seguir em frente.

Jamais, também deixarei de agradecer a todas as pessoas de todas as cores, credos e (en)cantos que se agregaram em meu coração nas diversas estações de minha vida, onde me transmitiram os saberes informais. Por fim, cito Neruda, por dizer de forma tão singela aquilo que eu mesma gostaria de expressar: “Quando se diz obrigado, se dizem muitas coisas mais, que vêm de muito longe e de muito perto, de tão longe como a origem do indivíduo humano, de tão perto como o secreto pulsar do coração”.

Eu queria uma escola que cultivasse a curiosidade de aprender que é em vocês natural.

Eu queria uma escola que educasse seu corpo e seus movimentos: que possibilitasse seu crescimento físico e sadio. Normal.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a natureza, o ar, a matéria, as plantas, os animais, seu próprio corpo. Deus.

Mas que ensinasse primeiro pela observação, pela descoberta, pela experimentação. E que dessas coisas lhes ensinasse não só o conhecer, como também a aceitar, a amar e preservar.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a nossa história e a nossa terra de uma maneira viva e atraente.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse a usarem bem a nossa língua, a pensarem e a se expressarem com clareza.

Eu queria uma escola que lhes ensinassem a pensar, a raciocinar, a procurar soluções.

Eu queria uma escola que desde cedo usasse materiais concretos

para que vocês pudessem ir formando corretamente os conceitos matemáticos, os conceitos de números, as operações...

pedrinhas... só porcariinhas!

... fazendo vocês aprenderem brincando...

Oh! meu Deus!

Deus que livre vocês de uma escola em que tenham que copiar pontos.

Deus que livre vocês de decorar sem entender, nomes, datas, fatos...

Deus que livre vocês de aceitarem conhecimentos "prontos", mediocremente embalados nos livros didáticos descartáveis.

Deus que livre vocês de ficarem passivos, ouvindo e repetindo, repetindo, repetindo...

Eu também queria uma escola que ensinasse a conviver, a cooperar, a respeitar, a esperar, a saber viverem em comunidade, em união.

Que vocês aprendessem a transformar e criar.

Que lhes desse múltiplos meios de vocês expressarem cada sentimento, cada drama, cada emoção.

Ah! E antes que eu me esqueça: Deus que livre vocês de um professor incompetente.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O currículo se caracteriza pela socialização, no cotidiano da escola, de valores e conteúdos considerados desejáveis à aprendizagem do estudante. É nessa perspectiva que foram investigados o cotidiano de uma escola, entendido como currículo, do sistema municipal de ensino de Cascavel-CE, tendo como objetivo principal identificar práticas cotidianas vivenciadas na comunidade escolar que contribuem no processo de desenvolvimento integral do educando. Foram realizadas observações no espaço escolar e registros no diário de campo com o intuito de compreender como os professores e estudantes se relacionam em suas práticas cotidianas e como essas vivências impactam na vida dos discentes. Os autores que contribuíram no referencial teórico, que pesquisam sobre Currículo, Avaliação e Cotidiano Escolar, foram: Armstrong (2008), Barguil (2000, 2006), Esteban (2003), Freire (1996), Goodson (1995), McLaren (1977, 1991), Pacheco (1996), Sacristán (1998), Santomé (1995), Saul (1995), Senge (2005), Sibilía (2012), Silva (2009) dentre outros. A pesquisa foi de natureza qualitativa e quantitativa, com estratégia metodológica de Estudo de Caso. Participaram da investigação três professoras do 5º ano do Ensino Fundamental e os estudantes do 5º ano de uma escola no município de Cascavel. Para que os dados fossem gerados, utilizamos como instrumentos a aplicação de questionários aos discentes, entrevistas semiestruturadas com os professores e a observação participante, com registro em diário de campo. No que concerne às práticas pedagógicas tecidas no cotidiano escolar na sala de aula, constatamos a predominância da abordagem do conteúdo de uma forma tradicional, a qual não favorece o desenvolvimento de aspectos motores e afetivos, tão somente os cognitivos. Dentro de suas condições materiais, a escola busca formar o indivíduo para o exercício da cidadania, pautando-se em princípios cristãos da generosidade, igualdade, justiça, cooperação e do respeito.

Palavras chave: Desenvolvimento integral do estudante. Currículo. Cotidiano escolar. Avaliação.

ABSTRACT

The curriculum is characterized by the socialization, in the daily life of the school, of values and contents considered desirable to student learning. It is from this perspective that we investigated the daily life of a school, understood as a curriculum, of the municipal education system of Cascavel-CE, with the main objective of identifying daily practices experienced in the school community that contribute to the overall development process of the learner. Observations were made in the school space and records in the field diary in order to understand how teachers and students relate to their daily practices and how these experiences impact on students' lives. The authors who contributed to the theoretical framework, which research on Curriculum, Assessment and School Daily, were: Armstrong (2008), Barguil (2000, 2006), Esteban (2003), Freire (1996), Goodson (1995), McLaren (1977, 1991), Pacheco (1996), Sacristán (1998), Santomé (1995), Saul (1995), Senge (2005), Sibilia (2012), Silva (2009) among others. The research was qualitative and quantitative, with methodological strategy of Case Study. Three female teachers of the 5th year of Elementary School and the students of the 5th year of a school in the municipality of Cascavel participated in the investigation. For the data to be generated, we used as instruments the application of questionnaires to the students, semi-structured interviews with the teachers and the participant observation, with registration in the field diary. With regard to the pedagogical practices woven in the school everyday in the classroom, we found the predominance of the content approach in a traditional way, which does not favor the development of motor and affective aspects, only cognitive ones. Within its material conditions, the school seeks to form the individual for the exercise of citizenship, based on Christian principles of generosity, equality, justice, cooperation and respect.

Keywords: Integral development of the student. Curriculum. School routine. Evaluation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CONSTRUÇÃO CURRICULAR DE MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA	15
2.1 Nascimento: saindo do casulo.....	16
2.2 Infância: abrindo o baú da imaginação	18
2.3 Família: minha matriz curricular	22
2.4 Lembranças escolares	24
2.5 O encontro com o mundo acadêmico: uma nova estação	28
2.6 Experiência profissional: uma principiante em labirintos curriculares.....	30
3 COMPREENDENDO CURRÍCULO	33
3.1 O currículo como campo de estudo	33
3.2 A avaliação curricular como expressão de juízo de valor	43
4 O COTIDIANO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O SABER.....	50
4.1 Estudos do cotidiano escolar	50
4.2 A escola e o cotidiano na vida dos estudantes	56
4.3 Educação e Formação Integral do estudante	63
5 O CAMINHAR METODOLÓGICO	77
5.1 As categorias de análise e a metodologia adotada.....	77
5.3 Procedimentos e técnicas	79
5.3 A escola.....	80
5.4 Os sujeitos	86
5.5 Tratamento e análise dos dados.....	91
6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	92
6.1 Observações em sala de aula	92
6.2 O que revelam os questionários	105
6.3 Entrevista com as professoras	113
7 SÍNTESE CRÍTICA	126
7.1 Pontos relevantes a serem retomados.....	126
7.2 Implicações da pesquisa e sugestões de continuidade	132
REFERÊNCIAS.....	134
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES	138
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS	140
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	141
APÊNDICE D – DIÁRIO DE CAMPO	142
APÊNDICE E – ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS	177
ANEXO A – IMAGENS DE NOSSA SENHORA	187

1 INTRODUÇÃO

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe; vem, em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar.” (Rubem Alves)

A temática sobre currículo tem sido muito discutida no campo educacional. Várias teorias já foram desenvolvidas para tentar compreender o currículo em diversos contextos e tempos. É mediante o currículo que podemos perceber como o conhecimento está sendo pedagógica e didaticamente tratado na escola, que valores são considerados importantes a serem ensinados aos discentes e quais as concepções de Homem, mundo e sociedade estão no currículo.

Compreendo que o currículo exerce uma forte influência sobre a aprendizagem dos estudantes, pois abrange tanto os conhecimentos considerados desejáveis e válidos a serem trabalhados, bem como o modo que se estrutura todo o ambiente escolar. Entendendo dessa forma, devemos refletir como a escola está repensando seus currículos, mediante metodologias e práticas, tendo como ponto de partida as suas vivências cotidianas.

No que concerne à avaliação, ela é um elemento fundamental no processo educativo, uma vez que o ato de avaliar é repleto de juízo de valor, no qual se verifica metas, se estabelecem objetivos e se promovem novos caminhos que norteiam as práticas educativas e a dinâmica curricular ocorrida no cotidiano escolar.

Necessário, pois, que se indague: “Como os professores e estudantes se relacionam em suas práticas cotidianas?”, “Como o cotidiano escolar transforma e impacta na vida dos discentes?”, “Quais as ações elaboradas pelo grupo gestor e professores valorizam os estudantes como sujeitos pensantes, ativos, críticos e reflexivos na sociedade?”.

Não existe uma definição exata sobre o currículo e essas também não são utilizadas para atribuir-lhes um verdadeiro significado, pois a definição de currículo depende dos diferentes autores, teorias e contextos nos quais são retratados. É nessa perspectiva que o objetivo geral desta pesquisa foi **identificar as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando.**

O meu interesse por esta temática surgiu no decorrer do curso de graduação em Pedagogia, cursado na Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, quando tive a oportunidade de ter sido bolsista do CNPq, no período de 2010 a 2011. Durante a minha atuação no projeto de pesquisa *Experiências de Avaliação Curricular, possibilidades teórico-práticas*, vinculado ao eixo temático Avaliação Curricular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFC, percebi que a forma como o currículo é caracterizado, os conteúdos considerados relevantes, os valores a serem transmitidos estão relacionados à maneira como ele é definido pelos diferentes autores, teorias e contextos sociais.

Esse primeiro contato com a pesquisa científica me despertou novas inquietações, questionamentos sobre currículo, avaliação e suas implicações na prática cotidiana do professor e na dinâmica curricular das escolas. Vale lembrar que as primeiras aproximações sobre o campo curricular surgiram durante a atuação como bolsista, uma vez que as disciplinas cursadas até então, durante o curso de Pedagogia, não haviam me proporcionado elementos conceituais básicos para diferenciar currículo escolar, currículo *vitae* e tantas outras modalidades.

Outro aspecto importante que justifica esse estudo aconteceu durante o desdobramento da minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação em Pedagogia, cujo tema era *Perfil Político Pedagógico de uma escola pública localizada em zona rural em Cascavel-Ceará: docentes, discentes e currículo*, as categorias currículo e Avaliação Externa foram as que mais se destacaram.

Em virtude disso, muitas inquietações surgiram em relação ao currículo das escolas e a influência das avaliações externas nos anos iniciais do Ensino Fundamental foram surgindo e a que está mais diretamente ligada a esta pesquisa destacou-se: “Quais são as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando?”.

Durante minha atuação como professora regente em uma escola pública em Cascavel-Ceará, presenciei o quanto as avaliações externas exercem poder de controle sobre a gestão escolar, as práticas cotidianas do professor e os conteúdos curriculares. Com o intuito de não ser apenas um professor transmissor de conhecimentos e executor de testes que avaliam apenas o cognitivo, ou, diga-se de passagem, prezem a memorização, busquei me debruçar na pesquisa científica para

ampliar novos olhares e criar novas possibilidades de rever as relações estabelecidas entre o ser humano e a sociedade.

Tendo em vista o currículo como o principal contribuinte na formação de identidades dos educandos, dos valores socializados, das atividades pedagógicas nos processos de ensino e de aprendizagem, foi que surgiu o interesse em identificar as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação holística do educando, especificamente no município de Cascavel-Ceará, onde nasci e onde pretendo atuar profissionalmente.

Os sujeitos do estudo foram estudantes dos 5^{os} anos do Ensino Fundamental e professores que atuam na rede municipal de ensino de Cascavel, para que pudesse analisar sua compreensão de currículo, as implicações da prática pedagógica e ações desenvolvidas pela comunidade escolar, a partir de suas narrativas e observações do cotidiano da escola.

Para o desenvolvimento desse estudo utilizei a metodologia do estudo de caso, pois ela “[...] permite responder como e porque aquelas características específicas que observamos são possíveis, em um quadro teórico mais amplo, como as grandes tendências se manifestam, ou não, em realidades sociais concretas”. (ROESE, 1998, p. 193).

Essa investigação materializa-se mediante pesquisa exploratória, na qual possibilitou conhecer melhor a realidade em estudo e pesquisa bibliográfica que proporcionou conhecimentos teóricos referentes ao tema em destaque. Tal revisão permitiu uma reflexão e ligação da literatura sobre currículo com os objetivos dessa pesquisa e melhor aprofundamento e compreensão nos dados coletados.

Foram realizadas também entrevistas semiestruturadas com docentes e aplicados questionários a estudantes, além de observações na referida escola.

Para compreensão das questões levantadas na pesquisa, debruicei-me nos estudos de vários teóricos, dentre os quais, destaco: Barguil (2000, 2006), Esteban (2003), Freire (1996), Goodson (1995), McLaren (1977, 1991), Pacheco (1996), Sacristán (1998), Santomé (1995), Silva (2009).

A presente pesquisa teve como objetivo geral:

- ✓ Identificar as práticas cotidianas vivenciadas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral dos educandos.

Os objetivos específicos foram:

- ✓ Identificar como os professores e estudantes se relacionam em suas práticas cotidianas;
- ✓ Refletir como o cotidiano escolar transforma e impacta na vida dos discentes;
- ✓ Identificar as ações elaboradas pelo grupo gestor e professores que valorizam os estudantes como sujeitos pensantes, ativos, críticos e reflexivos na sociedade.

O presente trabalho divide-se em sete partes que se articulam. O primeiro capítulo é esta *Introdução*, na qual situo o leitor sobre a temática, objetivos de estudo e estrutura do texto dissertativo. O segundo capítulo, intitulado *A construção curricular de minha própria história: partes de mim*, apresenta um apanhado de minhas memórias sobre minha vida até os dias atuais. Considero essas reflexões importantes para compreender o caminhar da presente pesquisa e quanto a pesquisadora está implicada no estudo e na análise.

No terceiro capítulo, *Compreendendo currículo*, exponho algumas considerações sobre currículo e prática avaliativa, procurando entendê-los historicamente, bem como suas relações com as organizações do espaço-tempo escolar.

O quarto capítulo, *O cotidiano escolar e sua relação com o saber*, realizo reflexões sobre o cotidiano escolar e saberes produzidos nas relações sociais.

No quinto capítulo, *O caminhar metodológico*, apresento a metodologia, os procedimentos e técnicas de pesquisa, o *lócus* e os sujeitos envolvidos, além das categorias de análises.

O sexto capítulo, *Discussão e análise dos dados*, discuto as concepções dos estudantes e docentes expressos nos questionários, nas entrevistas e observações em sala de aula.

Por fim, o sétimo capítulo, *Síntese Crítica*, apresento as minhas considerações finais, elaboradas a partir das minhas reflexões, observações e achados durante o caminhar da pesquisa.

Acredito que os resultados obtidos nesta pesquisa contribuirão para compreender aspectos teóricos e práticos do currículo, do cotidiano escolar.

2 A CONSTRUÇÃO CURRICULAR DE MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA

“Somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos.” (Miguel Arroyo)

Escrever sobre nossas memórias é uma prática muito gratificante, pois nos permite resgatar do porão do tempo, lembranças marcantes, que fazem parte de nossa identidade. Quando recordamos o passado, as vivências, situamo-nos em um tempo vivido, sentimos saudades, rimos por dentro, refletimos e nos (re)encontramos novamente.

Tentar colocar em uma simples folha de papel a história de vida, momentos vividos, tristezas, alegrias, aventuras, superações, e expectativas para o futuro é uma tarefa difícil e ao mesmo tempo prazerosa. É difícil, porque não dá para definir em poucas linhas a emoção de cada momento e nem simplesmente traçar o perfil de alguém, pois o ser humano é inacabado e se faz dia a dia, trazendo consigo sentimentos, anseios, metas, sonhos, uma cultura, uma história.

Nem todos possuem a sensibilidade no olhar para perceber o outro em sua essência. Desde então, também é uma atividade prazerosa, pois recordar é reviver, repensar e refletir seu verdadeiro eu.

Nossa vida é cheia de surpresas pelo caminho e sempre descobrimos algo novo em nossa jornada, bem como a maneira de expressar o que pensamos e sentimos modifica de acordo com o momento que vivemos, com as experiências que adquirimos, pois não somos seres estáticos, estamos sucessíveis a mudanças.

A capacidade de refletir, analisar e atribuir significados às coisas e à vida é o que nos faz diferente dos demais seres vivos. Compreendo, portanto, que seria impossível você, caro leitor, saber de minha vida toda nesses relatos, apenas pode saber de detalhes que contarei, pois nós seres humanos somos complexos demais para se resumir em palavras.

Entretanto, tentarei expressar um pouco de minha história, sendo que a percepção do meu ser será interpretada de diversas formas por cada um de vocês, pois cada pessoa possui um olhar diferenciado do outro e as interpretações aqui lançadas sobre a minha pessoa dependerão da sensibilidade do seu olhar.

Vale também lembrar que esta presente exposição autobiográfica tem a finalidade de mostrar o quanto nossa trajetória de vida se expressa em nossas práticas cotidianas, na exposição de nossas ideias e conseqüentemente em nossa formação profissional. Acredito que, por meio do relato (auto)biográfico, trazemos à tona a descoberta profissional, a história de vida, o percurso formativo e a relação estabelecida consigo mesmo, com o outro e com a vida.

A partir da reflexão autobiográfica é possível compreendermos que “[...] somos produzidos pelo que (por aqueles) que produzimos (nós somos o produto de nossas obras de vida) e não mais, ou não somente, por aqueles que nos produzirem.”. (LANI-BAYLE, 2008, p. 312).

Destaco ainda que a reflexão sobre o processo formativo e autobiográfico, nos possibilita a compreensão dos elementos que contribuíram para a formação da identidade docente. Como assevera Brzezinski (2002, p. 08):

A identidade construída pode ser pessoal ou coletiva. A primeira é configurada pela história e experiência pessoal e implica um sentimento de unidade, originalidade e continuidade, enquanto que a segunda é uma construção social que se processa no interior dos grupos e das categorias que estruturam a sociedade e que conferem à pessoa um papel de status. A identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva.

Por fim, aqui se encontram apenas algumas recordações no que se refere ao meu nascimento, infância, configuração familiar, lembranças escolares e o percurso acadêmico. Seria impossível registrar toda uma história em poucas linhas, pois muitas vezes a escrita não dá conta de mensurar todos os detalhes emocionais, memoráveis e vividos, porém farei o esforço de, mediante ela, deixar rastros do pouco que vivi e senti, pois a vida tem muito a nos ensinar e eu muito a aprender.

2.1 Nascimento: saindo do casulo

A vida é um dom de Deus e existir para que possas registrar tudo isso é um verdadeiro milagre. Expressarei nessas breves linhas minha estreia nesse mundo, porém antes de deter-me à data que entrou na história de minha vida, ou vice-versa, a data em que minha vida entrou na história, devo lembrar-lhe de alguns acontecimento apenas como um meio de não me tornar aqui o centro das atenções. No ano de 1989, a Europa passou por um dos seus grandes acontecimentos na

história da humanidade, a Queda do Muro de Berlim, que além de ser símbolo da divisão da Alemanha em dois Estados pós 2ª Guerra Mundial, representa a divisão do mundo em dois blocos. Neste mesmo ano, o Brasil também passou por grandes mudanças tanto políticas, econômicas e sociais. No dia 15 de novembro, aconteceu o centenário da Proclamação da República e, em 17 de dezembro, Fernando Collor de Mello foi o primeiro Presidente do Brasil a ser eleito pelo voto direto, após o fim da Ditadura Militar.

A década de 1990 foi permeada por grandes acontecimentos históricos no campo educacional, político, econômico e social. Tais como: o surgimento do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (1990), a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), e, no âmbito do estado do Ceará, a criação do Sistema Permanente de Avaliação Básica do Estado do Ceará – SPAECE (1992), entre outros.

Diante desse contexto apresentado, gostaria de salientar um grande acontecimento que marca a Família Nascimento, no dia 11 de julho de 1989, no interior de Cascavel, em um lugarzinho chamado Sítio Serrote, o nascimento do décimo filho do casal, Maria Alice e Francisco Angelino, eu: Angelina do Nascimento Silva, sendo agraciada com o dom da vida.

Vim ao mundo pelas mãos da parteira Nazaré, nascida sobre o solo de minha própria casa. Com apenas 2 kg e 400 g, era uma menina sadia até os primeiros meses de vida, porém tão pequenina, magrinha, que até se perdia entre as fraldas. Minha mãe até pensara com o passar dos meses, que, mesmo tendo nascido sadia, por ser tão magrinha não resistiria. Com um ano de nascida fui agraciada com as mazelas que na vida pode aparecer. Tive catapora, sarampo, pereba, papeira e, como se ainda não fosse pouco, até aos sete anos de idade estava entre as crianças desnutridas da região.

Com o passar dos anos, fui saindo do casulo aos poucos, como as borboletas: eu conseguia dar pequenos voos e encontrar os pólenes escondidos nas flores do campo. Com a vida, aquela menina Angelina, vai amadurecendo, conhecendo seus desafios, novas estações e então imagina que tem asas em suas costas e voa cada vez mais alto, pensando ela que o mundo é muito grande, imenso e que quanto mais voa mais se torna pequena diante de tudo o que Deus fez.

2.2 Infância: abrindo o baú da imaginação

“A maturidade do homem é ter voltado a encontrar a seriedade com que brincava quando era criança.” (Nietzsche)

A infância é uma das fases mais mágicas na qual tudo gera motivo de diversão e brincadeira, pois as crianças têm um jeito mágico de transformar fantasias em realidade. Nessa fase encantadora de minha vida, compartilhei com meus irmãos e amigos várias brincadeiras, fantasias e jogos.

Nessa bela época, brinquei bastante de boneca com minha irmã (até meus dez anos), jogava bola com meus irmãos, bila, pião, esconde-esconde, pulava amarelinha, corda, subia em galhos de cajueiro, etc. Como morava no interior, o ambiente me proporcionava muitas aventuras, gostava de tomar banho de chuva, açude, rio, andar a cavalo, de bicicleta. Essas brincadeiras e demais estripulias me proporcionaram minha inserção no mundo, o conhecimento com o outro, a interação e o desenvolvimento de laços de amizades.

Brinquedos não tive muitos, confesso, mas tinha a casinha de boneca mais linda de todas, um cajueiro onde no meu imaginário se transformava em um lindo lar, seus galhos eram as varandas, o caule as escadas, e em seu tronco meu mundo mágico acontecia. Lembro-me que brinquei muito de esconde-esconde, nas noites de lua cheia, passa-anel, cadê o grilo, amarelinha, pula corda e dancei cirandas na luz das fogueiras de São João.

Como aos oito anos de idade, eu e meus irmãos já acompanhávamos meus pais na agricultura, as quintas de cajueiros, os pés de mangas e a colheita do milho e feijão passaram a ser nosso novo cenário de brincadeiras. Brincava de subir nos galhos de cajueiro, nas mangueiras para pegar manga da moda, e fazer apostas quem primeiro terminava de encher o saco de milho e feijão.

Sempre à tardinha ia tomar banho de açude e brincávamos de pega-pega dentro d'água, fazia aposta quem passava mais tempo debaixo d'água, e andávamos de canoa e boia. Por vezes, também pulávamos da parede do açude para dentro d'água e atravessávamos o açude nadando. Minha mãe ficava preocupada quando íamos tomar banho e demorava muito, mas sempre íamos com nossos irmãos mais velhos e já sabíamos nadar, mas como minha vó dizia: “Água

não tem cabelo”, e quando se junta uma molecada na mesma lagoa, todo cuidado é pouco.

O bom de ser criança é que a vida é uma constante brincadeira de roda, uma dança de ciranda, parece que nunca a gente cansa. Por vezes, também jogava bola no terreiro lá de casa com os vizinhos e meus irmãos, como eles achavam que menina não sabe jogar bola, ficava no gol. Pelo menos assim, também não me machucava, homens, às vezes, no lugar de chutar a bola, chuta é nossas pernas. Brincava de bila, jogava baralho e também o jogo da onça, este muito parecido com o jogo de damas. Porém, não tínhamos o material concreto, então desenhávamos no chão e as peças que eram utilizadas no jogo eram pedras.

Na escola, não me lembro de ter brinquedos. Quando ainda na infância estudava na Creche Criança Feliz, nossas brincadeiras eram faz de conta, amarelinha, pega-pega, esconde-esconde. Lembro-me de que existiam algumas peças de montagem que a professora nos dava, também só isso. Confesso que na escola focava-se mais no conteúdo do que na brincadeira. Tínhamos que aprender a soletrar, fazer contas, por isso o tempo da brincadeira era mais reservado ao momento do recreio.

Apesar de gostar muito de ler, não tive muito contato com histórias infantis na escola. Lembro-me que o livro da alfabetização era comprado por nossos pais, e quanto aos de historinhas infantis só lembro de alguns: *A galinha que plantava trigo*, *Maria vai com as outras*, *Os três porquinhos*. Já na adolescência com o incentivo da professora Joana D’arc (minha professora de Português), passei a explorar mais a literatura e comecei a sentir falta dos livros que devia ter lido quando criança.

Um de meus livros favoritos é *O Pequeno Príncipe*, o qual tive contato mediante uma amiga que estudava Letras Português e morou comigo na Residência Universitária. *O Pequeno Príncipe* nos traz grandes reflexões sobre a vida, valores, sentimentos.

Outro livro que está entre meus favoritos é *Poliana*, que conta a história de uma menina que sempre procura uma maneira positiva de ver as coisas que acontecem na vida, o que ela chama de jogo do contente. Ao lê-lo, percebi que muitas vezes sou uma Poliana, pois, assim como a personagem, procuro muitas vezes ver os dois lados da situação.

São muitos os acontecimentos e fatos que marcam a vida de nós seres humanos e muitas vezes procuro encontrar explicações para fatos que fazem parte de mim, de meus gostos, meus sonhos e que por vezes não estiveram tão presentes em algumas fases de minha vida. Citarei alguns exemplos.

Durante grande parte de minha vida, não tive contato com a música, pois como não existia energia elétrica onde eu morava até meus dez anos de idade, a música que se fazia presente eram as cantorias e embolados, repentes que ocorriam às vezes na casa de vizinhos quando aparecia algum cantor de viola. As músicas de que me lembro da época eram as cantadas nos terços e novenas da igreja.

Minha avó materna tinha um radinho à pilha que ela só escutava no horário de meio dia no programa do João Inácio Show, porém só passava notícias. Na minha adolescência quando meu pai comprou um toca fita foi que passei a ouvir algumas músicas, geralmente de banda de forró e sertanejo.

Confesso que atualmente não tenho muita simpatia por músicas de forró, muito menos sertanejo, mas, quando passei a ter contato com a internet, ao entrar na faculdade, imaginei: Agora sim, vou pesquisar algumas músicas boas para ouvir, já que na rádio só passa músicas do Leonardo e Zezé de Camargo e Luciano. Foi então que conheci Engenheiros do Hawaii, Djavan, Lenine, Gonzaguinha, Nando Reis, Renato Russo, Bob Marley, entre outras.

Percebi então que, para todo fato, existe pelo menos uma explicação, não ter tido contato com variados livros na infância, não ter assistido filme acompanhado de pipoca, não ter contato com peças teatrais e nem me balançado na rede em belas tardes entoadas pela melodia de boas músicas, foi o que me fez buscar, embora que tardio, os sabores de algo antes não vivido, sentido e que quisera mesmo que tarde vivenciar.

Amo a expressão da arte, das formas mais variadas que ela possa se assumir, no desenho, na pintura, na arquitetura, nas melodias, na encenação teatral, e nada é mais nobre que ao viajar de ônibus sentir o vento acariciar meu rosto embalado pelo som de Engenheiros do Hawaii. Assim, como minhas ideias surgem nas madrugadas frias, acompanhadas sempre de uma bela música.

Relembrar os tempos de meninice faz-me reviver um tempo que permanece encantado dentro de mim. O tempo nos permite amadurecer, assumir novas responsabilidades antes não existentes, porém também tem a capacidade de

fazer momentos eternos. Ao lembrar as aventuras, as peripécias, os amigos que tive, minhas origens, expresso um suspiro de saudade daquele tempo, que por ora expresso por palavras, e tantas outras recordo com meus sobrinhos a brincar.

Ah! Minha infância...

Angelina do Nascimento Silva

Ah! Minha infância...
 Sou daquele tempo que ainda brincava-se de boneca,
 Jogava bola, pipa e pião.
 Pulava amarelinha, corda,
 Brincava de esconde-esconde, caiu no poço, cobra- cega,
 Jogava dado, baralho e bila.
 Andava a cavalo, jegue,
 De bicicleta e carro- de- mão.
 Subia no pé de goiabeira, manga e caju.
 Comia guabiraba, seriguela,
 Pitomba e cajá! Todas, fresquinhas no quintal da vizinha lá de casa.
 Minha infância foi no tempo que gripe era doença de rico!
 Foi no tempo que existia inverno,
 E que tomar banho de chuva não dava febre, tosse, resfriado e não fazia mal.
 Ainda bem que aproveitei bastante!
 Tomei banhos de chuva e nem tinha medo de trovão,
 Mas, os relâmpagos eram os únicos que traziam
 Qualquer criança levada para dentro de casa.
 Tomei banhos de açude, nos riachos e rios.
 Andei de canoa, boia e nadei feito peixe... Que nem as piabas ganhavam de mim!
 Fazia fogueiras, simpatias e dizia: Viva São João!
 Comia milho assado, canjica, pamonha, mungunzá...
 Minha infância foi no tempo em que no Natal, ainda acreditava existir Papai Noel,
 Acreditava-se em duendes e bicho papão...
 Besta- fera, lobisomem, visagem e coisas do além.
 Ouí cantorias, embolados, anedotas.
 E as profecias dos mais velhos dizer que o sertão ainda ia virar mar
 O fim das eras estava pra chegar e que devíamos nos benzer!
 Tive (tenho) carinho e amor de papai, mamãe, vovó e vovô.
 Dos tios, primos, amigos e vizinhos...
 E meus irmãos, se eu contar, você não vai acreditar!?
 Ao todos somos dez e pense em uma molecada pra se danar!
 Minha infância foi a melhor que uma criança do interior poderia ter.
 Dancei ciranda, cantei, sapateie...
 Pinte o sete, desenhei o oito.
 Aproveitei o máximo que pude!
 Presenciei o canto dos pássaros, o pô- do- sol.
 E a lua cheia sair por entre a serra do alpendre lá de casa.
 Fui menina levada, tagarela, magricela, traquina, risonha e tão curiosa que tinha
 nos sonhos o mundo por descobrir.

2.3 Família: minha matriz curricular

Minha família é natural de Cascavel-Ceará, que dista 64 km da capital desse Estado. Moramos em uma comunidade localizada a 18 km do município. Meus pais Francisco Angelino da Silva, 62 anos e Maria Alice do Nascimento Silva, 65 anos, são aposentados como agricultores rurais. Meus pais casaram na igreja católica ainda jovens e desse enlace matrimonial nasceram onze rebentos, dentre os quais a primeira foi concedida apenas estrear seus primeiros dias de vida nesse mundo.

Minha mãe, quando jovem, costurava para a vizinhança e também bordava. Meu pai sempre viveu da lavoura, plantava (hoje, cultiva pouco desses alimentos) milho, feijão, batata, jerimum, maxixe, algodão, cana-de-açúcar, mandioca, sendo que sua maior renda vinha da safra da castanha de caju.

Meus irmãos e eu trabalhávamos quando criança na agricultura ajudando meus pais e cabia também a nós mulheres fazermos renda de bilros (pequenas peças de madeira em forma de pêra com fio de linha enrolado em sua extremidade), uma prática artesanal que fazíamos na almofada (uma espécie de saco fechado contendo palhas secas de bananeira ou capim) com a ajuda dos bilros, formando assim uma renda, a qual utiliza-se para decorar vestidos, toalhas, etc. No lugar onde morávamos, chamado de Sitio Serrote, que dista sete quilômetros do distrito de Guanacés, tinha uma escola chamada de grupo escolar e a creche na qual estudei meu primeiro ano de jardim de infância.

Apesar dos afazeres domésticos e da agricultura, meus pais nos incentivavam ir à escola e nos dias de prova destinávamos apenas às tarefas escolares. Nem todos os meus irmãos concluíram o Ensino Médio, dentre os dez, apenas cinco conseguiram. Os demais apenas concluíram o Ensino Fundamental, pois, devido ao trabalho cansativo nos corte de carnaubal no qual passava de meses fora de casa, foram perdendo o interesse pelos estudos, ou melhor dizendo, o cansaço físico os afastou da escola.

Hoje sete encontram-se casados, sendo destes apenas uma que ainda não possui filhos no casamento e três solteiros, dentre estes eu que resolvi me aventurar na busca do conhecimento que se esconde não só nas folhas dos livros. Dos dez filhos vivos de mamãe, eu fui aquela que costumam chamar “a que vai ficar doida na família de tanto estudar”. Pois é, não sabia que buscar o conhecimento

poderia me considerar para alguns assim, mas até que com o tempo os conceitos mudam e hoje já me caracterizam como a “única que quis algo na vida”.

Confesso que meus irmãos gostam da vida deles como está e não apresentam até o presente momento interesse em querer saber que “bicho” é esse chamado faculdade. Todos trabalham, sendo dois na lavoura com meu pai, dois no comércio e os demais na indústria do curtume de couro que se localiza no distrito de Guanacés.

Os pais sempre querem para seus filhos aquilo que por alguma razão de suas vidas não puderam experienciar, e é isso que percebo na relação dos meus irmãos com meus nove sobrinhos o desejo que estes alcancem através dos estudos o conhecimento que não lhes foi concedido no momento de sua primeira jornada pelos caminhos letrados.

A escola é o lugar onde se aprende não só a escrever, a contar, a ler, mas também onde se faz amizades, se socializa e aprende para a vida. Mesmo o conhecimento sendo algo milenar, a escola como instituição nem sempre existiu. Muitas pessoas, há algumas décadas, não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola como nós atualmente temos.

Há algum tempo, meus pais me contaram que em sua infância não existia escola. Havia apenas aulas particulares, em que as pessoas mais abastadas da região traziam professores para ensinar seus filhos. Geralmente a professora ficava na casa de alguém e era uma pessoa que sabia ler, escrever e contar. Muitas vezes, estas eram consideradas “moça velha” ou “vitalina”, como eram chamadas as moças na época que tinham idade de aproximadamente trinta anos e ainda não haviam casado.

Bem, meus pais só aprenderam, segundo eles, a primeira carta de ABC, ou seja, aprenderam a escrever o nome, ler e contar. Minha mãe sabe ler, escrever ainda apresentando alguns erros de ortografia e a contar, porém não domina as quatro operações. Meu pai, diferente de minha mãe, aprendeu a escrever o nome ou ‘desenhar’ o nome, mas não sabe ler nem escrever, mas faz contas na cabeça que é uma beleza!

Meus pais não desfrutaram das leituras que encontramos nos livros, das memoráveis histórias ocorridas nos corredores, pátios e salas de aula e muito ainda da sensação de receber livros novos. Não fizeram uma faculdade ou leram o “derradeiro livro” como diz meu tio, mas possuem conhecimentos preciosos sobre a

vida, como o respeito, o amor, a gratidão, a lealdade, que vão além dos conhecimentos teóricos que adquirimos nos livros. Minha família se constitui meus grandes mestres na escola da vida.

2.4 Lembranças escolares

Aos seis anos de idade, começa meus estudos e minha socialização no mundo escolar na Creche Criança Feliz, tendo como professora Raimunda Ombrósio. Ela se situava no quintal da casa da ministra da igreja, que foi construída por intermédio de um projeto. Ela era um espaço apertado, onde tinha apenas a sala de aula e um banheiro. Lá tive meu primeiro contato com as letras, aprendi as vogais, algumas consoantes e a escrever o meu primeiro nome: ANGELINA.

Lembro-me ainda com exatidão os castigos recebidos quando fazíamos algo de errado ou não obedecíamos à professora. As formas de punição diante de alguma má criação era ficar de joelho de frente para a parede, e se implicássemos com algum colega a professora usava a palmatória como ameaça. Contando isso uma vez para algumas colegas, elas acharam uma história parecida com a de seus avós, isso por me acharem muito nova para ainda alcançar a palmatória. O fato de isso acontecer depende de um determinado tempo histórico, as concepções de educação que prevaleciam, a formação pedagógica da professora e também creio que por morar no interior as informações chegassem muito tardias.

Mesmo sendo esse um ambiente educacional com poucos recursos pedagógicos, estrutura inadequada e ainda seguindo um modelo extremamente tradicionalista, foi na Creche Criança Feliz que dei meus primeiros passos diante desse mundo que é cheio de contradições.

Depois da Pré-escola, passei a estudar na escola Abdon Dantas de Almeida, localizada em Guanacés. Como se situava em um local muito distante de minha casa, tinha que calcular meus horários para chegar a tempo na escola, pois não tínhamos transporte escolar. Eu e meus irmãos acordávamos quatro horas da madrugada e nos encontrávamos no caminho com outros colegas que também iam estudar. Minha mãe ficava em casa cuidando de seus afazeres e meu pai ia pra roça, então essa responsabilidade de levarmos até a escola a princípio ficava a cargo de meus irmãos mais velhos que também estudavam.

Na escola Abdon Dantas, me deparei com uma nova realidade, pois a estrutura era ampla, se comparada com a anterior, novos professores, colegas, outro método de ensino. Nessa escola, que estudei até o 5º ano do Ensino Fundamental, comecei a dar novos passos e descobrir novos horizontes.

Todas as sexta-feiras, tínhamos que ir para o informativo escolar, que se realizava no pátio onde a princípio rezávamos o Pai Nosso, depois ouvíamos os informes da semana, algumas pessoas mandavam recados para os colegas ou professores e finalizávamos com o Hino Nacional e uma música assim:

Bom dia, bom dia, bom dia

O dia está tão feliz

Bom dia, bom dia, bom dia

Vamos sorrir e cantar

A natureza é tão bela

Que nos ensina a amar

Durante a semana cívica, os informativos aconteciam todos os dias. Tínhamos que cantar, além do Hino Nacional, também o Hino da Independência e o da Bandeira. Cantávamos algumas músicas e depois saíamos em fila para a sala. Quando se aproximava a data do Sete de Setembro, os professores juntamente com a direção já haviam pensado em algum tema específico para o desfile. Ensaivamos um mês antes para que tudo ocorresse bem no dia.

Também comemorávamos o Carnaval, confeccionávamos as máscaras e no dia fazíamos aquela festa, dançávamos, pulávamos, jogávamos papel picado e caíamos na folia. Na Páscoa, sempre tinha festinha, recebíamos uma lembrancinha e um bombom de chocolate. No dia das mães e dos pais, a escola também promovia uma festa para parabenizar os pais. Nas festas juninas, a direção promovia o Arraiá do Compadre Abdon, fazia bingo, vendia comidas típicas em prol de algum benefício para a escola. E por fim, a melhor de todas as festas, o Natal, ficávamos ansiosos para receber as provas, entrar de férias e comemorar o Natal.

Outras datas, como o dia do índio, do soldado, dos escravos, folclore, dia da bandeira, do professor, da árvore, entre outros, sempre pintávamos algum desenho. Gostávamos de comemorar o dia da criança, pois tinha gincana, premiação, música, doces, salgados, etc.

Como toda criança gosta de descontração e de brincar, as sextas-feiras eram conhecidas como o dia da recreação. Íamos para um campo de futebol ver os meninos jogarem, cada turma organizava uma torcida e era aquela algazarra. As professoras também faziam gincanas, como, por exemplo, andar com uma colher na boca, na qual tinha uma bola, correr em um saco, ela não explicava que sentido tinha essas atividades, acho que nem sabiam, mas estavam trabalhando com nossa psicomotricidade e estimulando dessa forma nosso espírito competitivo e também o saber perder.

Até à quarta série tínhamos aulas de Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. O professor explicava o conteúdo, passava tarefas para casa, de classe e também utilizávamos um caderno de caligrafia. Todos os dias era verificada a tarefa de casa. Caso essa obrigação fosse cumprida, ele colocava Bom, Legal, Ótimo, Parabéns ou Excelente. Às vezes, ele trazia algum carimbo com desenhos animados como Mickey, Pato Donald, estrelinhas. Porém o que nos deixava felizes era receber do professor um excelente ou parabéns, era como se ganhássemos um prêmio.

Quando ingressei na quinta série do Ensino Fundamental, o elenco de disciplinas era outro. Foram acrescentadas as matérias Educação Artística, Educação Religiosa e Espanhol. Estudos Sociais foi dividido em História e Geografia. Aconteceu também uma mudança no número de professores, de um para quatro.

Neste período, surgiu o Tele Ensino e passamos a ter nossas aulas na TV. Assistíamos a aula e depois o professor aplicava as atividades em grupo contidas no caderno de atividades. Essa nova metodologia de ensino não foi muito significativa para o meu aprendizado, pois não tínhamos o material de apoio, que era o livro que tinha todas as explicações da aula, não havia uma interação professor-estudante, e também era chato ficar sentada assistindo às aulas de Educação Física, pois víamos as pessoas se alongando e não nos exercitávamos...

Nessa escola, tive uma trajetória difícil, pois, devido à dificuldade de transporte nas primeiras séries, enfrentei esse percurso com meus irmãos e alguns amigos a pé. Às vezes, pegávamos alguma carona no caminho, em outras ocasiões, íamos de bicicleta, a cavalo, do jeito que desse certo! Foi o imenso desejo de aprender, de buscar novos horizontes, um raiozinho de sol, que nos fez encarar,

com ousadia e coragem, aquele percurso não como algo sofredor e cansativo, mas algo divertido e acima de tudo uma superação.

Quando passei para a sexta série, tive que estudar na escola Custódio da Silva Lemos, pois no estabelecimento anterior só tinha até à quinta série do Ensino Fundamental. Nesse mesmo período, o serviço de transporte escolar iniciou: passamos a ir de ônibus para a escola! Tudo era uma novidade para mim, aumentaram as matérias, comecei a ter aula também de Física, Química, Inglês, Literatura e Biologia. Agora, estudávamos Matemática também nas aulas de Física, Geografia e Química, pois ela estava em fórmulas, escala e fuso horário.

Os professores do Ensino Médio, desde o princípio, nos estimulavam a estudar para fazer o vestibular, nos levavam para passeios, nos falavam das Residências Universitárias. Eles criaram o Pré-veste, aulas extras nas quais eles focavam os conteúdos do vestibular. Na nossa escola, pública e com poucos recursos, tínhamos apoio da diretora e dos professores. Eles nos disponibilizavam materiais da sala de estudos, organizavam ônibus para nos trazer no dia da prova e procuravam da melhor maneira possível mostrar que poderíamos ir além, que éramos capazes. Esses professores fizeram a diferença em minha vida, pois despertaram em mim algo fabuloso: o desejo de aprender.

Em 2007, quando terminei o Ensino Médio, devido ao fato de minha isenção ter vindo fora do prazo por causa da greve dos correios, não me inscrevi no vestibular. Como minha cunhada e meu irmão trabalhavam e não tinha quem ficasse com os filhos deles, resolvi ir trabalhar lá, pois como não sabia a probabilidade de passar no vestibular, era melhor ir arrecadando dinheiro para começar a pagar uma faculdade, no caso a Universidade Vale do Acaraú – UVA, que era a única no município de Cascavel.

Sempre achei que não importava o local que iria fazer a faculdade, mas a dedicação que iria ter. Sabia que passar na UFC seria muito melhor, mas se isso não viesse a acontecer iria me empenhar para cursar a Pedagogia na UVA. Hoje compreendo que Deus realmente nos lança o momento certo para tudo em nossa vida. Ter estudado em uma instituição como a UFC me proporcionou uma visão maior sobre o mundo que me rodeia, a vida e as relações humanas. Hoje, penso que, mesmo que alguém seja esforçada, a instituição a qual curse uma faculdade também influencia na sua formação acadêmica, pessoal e profissional.

Ressalto, contudo, que, quando comecei a dar os primeiros passos pelo caminho dos letrados, encontrei escolas que me consideraram um “[...] estudante esponja, aquele que absorve o conhecimento” (BARGUIL, 2014), pois achavam suficiente que eu aprendesse a contar, somar números simples, porém complexos para mim, com o intuito de não levar bolinhos na mão. Presenciei lousas riscadas a giz completa de letras que a mim não traziam sentido algum. Noites a luz da lamparina memorizando palavras retiradas de um livro que nada me acrescentava a não ser uma boa nota na média, caso decorasse sem esquecer ponto e vírgula aquilo que o professor tinha proposto.

O currículo procurou me engessar de todas as formas, por meio do silêncio, da pressão, da rigidez. Porém, tive a sorte, mesmo que tardia, de encontrar professores não meros “[...] locutores, professor que transmite o conteúdo” (BARGUIL, 2014), mas condutores de sonhos e esperança que me fizeram fugir das armadilhas e artimanhas desse currículo cheio de labirintos.

Acredito que

[...] trocar o discurso do professor, o exercício do livro por uma brincadeira, um jogo, um *software*, um filme ou algo do gênero é insuficiente se o aprendiz continuar sentado e sem o direito de compartilhar o que sabe, bem como se o profissional permanecer insensível à vida que pulsa à sua frente e dentro dele... (BARGUIL, 2014).

Por mais que surjam novas teorias, que se romantize a educação, que surjam novas metodologias e tecnologias, nada mudará se não percebermos o aprendiz em sua essência, se não compartilharmos o conhecimento com o outro e não entendermos a relação Homem-universo-vida.

2.5 O encontro com o mundo acadêmico: uma nova estação

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.”

(Hannah Arendt)

Em 2008, fiquei cuidando dos meus sobrinhos e fazendo cursinho à noite para o vestibular. No ano seguinte, consegui passar no vestibular de uma forma

milagrosa, pois estava entre os classificáveis, sendo a sexta colocada. Mesmo assim arrisquei ir para a chamada dos classificáveis. Sobraram quatro vagas para os classificáveis e eu ainda estava fora da classificação. Mas, como um passe de mágica e de uma forma milagrosa, só compareceram três pessoas para preencher essas vagas e, assim, sobrou uma. Esse foi um dos momentos mais emocionantes de minha vida. Quase não acredito que tinha conseguido e minha mão quase não assina o papel de tão trêmula.

Antes de escolher o curso no qual ia prestar vestibular, conversei com minha amiga Eliana, que já cursava Pedagogia na UFC sobre esse curso, consultei testes vocacionais e os professores do cursinho trouxeram a lista com as opções e as disciplinas optativas. Um dos critérios para a escolha do curso foi as disciplinas específicas que constavam na prova da segunda fase. Como eu tinha mais afinidade com Geografia e História e havia me informado sobre o curso de Pedagogia, este se constituiu minha opção de curso. Gostaria também de ressaltar que outro critério para a inscrição no curso foi desde criança brincar de ser professora, desejo esse que pretendia realizar.

O curso de Pedagogia me fez acreditar na Educação como algo transformador e necessário para o desenvolvimento integral e harmônico de todas as faculdades humanas. Sem a Educação, seria impossível vivermos em sociedade, pois os interesses de uns sempre haveriam de se chocar com os demais. E tendo em vista que nascemos seres e vamos nos tornando humanos, educar seria aproveitar as potencialidades dos seres, desenvolvendo suas virtudes.

Com meu ingresso no curso de Pedagogia, fui morar em Fortaleza em uma Residência Universitária – REU. Durante a minha vida de residente, aprendi a conviver com o diferente, a ser mais tolerante, a ouvir, a calar quando é a hora, a aceitar as pessoas de seu modo, a reivindicar os meus direitos e também que a minha liberdade termina quando começa a do outro. A vida na REU é um aprendizado imenso, que levarei por toda a vida, pois tem me proporcionado conhecer novas pessoas, fazer novas amizades e compreender o ser humano em sua dimensão histórica, psicológica e social.

O mestrado é um sonho que foi alimentado ainda na graduação durante o contato com a pesquisa científica. Minha trajetória de vida, as experiências docentes me despertaram a curiosidade pela Ciência, a pesquisa e conseqüentemente o desejo de transformar sonhos.

2.6 Experiência profissional: uma principiante em labirintos curriculares

“Se não morre aquele que escreve um livro ou planta uma árvore, com mais razão, não morre o educador, que semeia vida e escreve na alma.” (Jean Piaget)

Em 2013, tive minha primeira experiência em sala de aula em uma escola de Cascavel, localizada na zona rural do município. Eu havia recentemente me formado em Licenciatura Plena em Pedagogia e mediante seleção no município para contratação de professores, fui lotada em uma escola rural para lecionar do 6º ao 9º ano as disciplinas de História e Geografia. Confesso que foi um desafio, uma vez que tenho consciência que o profissional adequado para tal cargo seria um licenciado em História e Geografia.

Dizem que o professor nunca se esquece do primeiro dia de aula. O meu então foi daqueles, pois o ventilador caiu no meio da sala, de tão velho que se encontrava. Depois do susto, fiquei tranquila por constatar que esse acontecimento não atingiu fisicamente nenhum de meus estudantes.

Procurei, durante meu período na escola, não apenas repassar o conteúdo que me era proposto, mas estabelecer vínculos de amizade, trocas de saberes, motivar os estudantes a buscarem o conhecimento e desenvolver cotidianamente novas estratégias de ensino que possibilitassem a troca de experiências, a reflexão, o diálogo.

No ano seguinte, passei a lecionar o 4º ano em uma escola situada no distrito da cidade. Essa experiência foi a mais desafiante, pois diariamente presenciava casos de violência e agressões na sala de aula. Minha turma superlotada, tinha também discentes que necessitavam de Atendimento Educacional Especializado.

A maioria dos estudantes da minha turma era composta por filhos de pais separados e que viviam sobre a tutela dos avós. Dentre os desafios encontrados por conta das agressões em sala, diariamente a coordenação nos pressionava quanto aos testes de leitura e escrita exigidos pela Secretaria Municipal de Educação – SME, bem como sua interferência nos planos de aula.

Diariamente, eu refletia sobre os desafios encontrados no cotidiano escolar, minha prática pedagógica, as metodologias adotadas e conseqüentemente as exigências internas e externas, as quais me pareciam mais preocupadas com o índice de rendimento da escola nos testes a que os aprendizes seriam submetidos do que propriamente com eles.

Essa situação me inquietava, pois compreendo a Educação como agente transformador. O estudante deve ser percebido, antes de tudo como um ser humano e que o espaço escolar não são meros depósitos de gente, mas um ambiente promotor de aprendizagens, desafios, oportunidades, reflexão, onde se deve viver valores e relações humanas mais saudáveis.

A docência é a profissão que escolhi para exercer mesmo sabendo dos desafios enfrentados pelo caminho e que me trazem cotidianamente reflexões sobre o Homem, a educação, os valores e a sociedade. Questiono-me sobre minha prática pedagógica, minha metodologia, meus conceitos, em virtude das situações enfrentadas no cotidiano escolar.

O professor tem uma das rotinas mais imprevisíveis pra quem se dispõe a conhecer novos seres. É uma profissão cheia de ousadia, desafios, certezas, incertezas, medos, aprendizagem, esperança, fé. Na sala de aula, temos que educar usuário de drogas, criança que foi violentada, a que ficou órfã, a que foi espancada, a que passa fome e carecem de amor e carinho. Isso lhe assusta? São apenas algumas das realidades enfrentadas na escola, pois existem muitas outras que chegam a ser até alarmantes.

Vale destacar, contudo, que, apesar das dificuldades enfrentadas por muitas pessoas, cada ser tem talentos, desejos e sonhos a serem desenvolvidos, num processo que o cotidiano da escola, mediante o olhar sensível do professor, pode ajudar a acontecer. Antes de percebermos o indivíduo em suas particularidades, precisamos reconhecer antes de tudo o ser humano, um aprendiz que também tem sonhos, alegrias, criatividade e esperanças.

Procuramos o apoio da família, o qual na maioria das vezes não encontramos. Então, dividimos nossas angústias, incertezas, medos e desafios com os colegas de profissão, ou até mesmo com aquele nosso melhor amigo. Com o governo e todo o sistema, pouco ou nenhum apoio é encontrado, pois eles estão preocupados apenas em quantificar dados, via IDEB, SAEB...

Eles esquecem de que a aprendizagem não pode ser medida ou quantificada, mas avaliada por processos. Eles esquecem que por trás de um índice, existem pessoas com suas singularidades, as quais interferem no seu desempenho escolar. Porém, diante de tantas angústias e desafios, o que motiva o trabalho do professor é ver seu estudante progredir e de alguma forma ser lembrado.

Seja encontrando um discente do passado na rua e ele te cumprimentar: “Oi, professora. Como a senhora está? Sinto saudades de suas aulas!”. Seja ouvir daquele aprendiz que fazia algazarra em sua aula: “Professora, eu não queria me comportar assim, o que eu faço pra mudar?”. Seja escutar de seus estudantes que está lendo aquele livro tão falado na sala de aula. Seja ouvir na sua aula de História um estudante: “Professora, quando assisti o jornal que falava das manifestações só me lembrei da senhora!”. São muitas as situações cotidianas que nos revelam o quanto somos responsáveis na formação do cidadão.

São nos singelos gestos que vamos percebendo que as poucas horas em sala de aula se manifestam em algumas ações cotidianas, as quais nos fazem perceber, enquanto educador(a), que nossa influência na vida de nossos estudantes e na formação de seus conceitos é um ato de grande responsabilidade, pois estamos muito mais do que ensinando a ler e escrever, mas desenvolvendo virtudes humanas.

3 COMPREENDENDO CURRÍCULO

“O currículo é trajetória, viagem, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é o texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade”.

(Tomaz Tadeu da Silva)

Neste capítulo apresentarei como compreendo o currículo e avaliação curricular e a discussão de como estes são pensados pelos autores em suas dimensões técnica-pedagógica, política e culturais. Para tanto, destaco os estudos de Barguil (2000, 2006), Esteban (2003), Goodson (1995), Hoffmann (2001), Nóvoa (1993), Sacristán (1998), Silva (2009), dentre outros.

3.1 O currículo como campo de estudo

O desenvolvimento curricular tem se firmado nas últimas décadas, como uma área científica própria, no âmbito das Ciências da Educação. Porém, antes de apresentar algumas reflexões referentes ao currículo como campo de estudo, é necessária uma breve introdução no que se refere às teorias do currículo.

O que é uma teoria? Como surgem as teorias do currículo? Quais os caminhos que percorrem seus estudos? O que distinguem as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas?

De acordo com o dicionário Houaiss (2009, p. 1.829), teoria é um conjunto de regras ou leis, mais ou menos sistematizadas, aplicadas a uma área específica. Em geral, está implícita a correspondência entre a “teoria” e a “realidade”, pois a teoria pensa e reflete sobre a realidade existente.

Entende-se a teoria como um elemento de reflexão sobre determinado fato, a qual submetida a determinadas regras representa “[...] uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade que – cronologicamente, ontologicamente – a precede.”. (SILVA, 2009, p. 11). Desse modo, pressupõe-se a teoria não como algo estático e pré-determinado, mas como expressão subjetiva, ontológica, sociocultural do mundo que nos rodeia em determinado tempo histórico.

No entanto, quando se discute currículo, várias compreensões são atribuídas por mais diversos autores sobre suas teorias. Comungando com Silva (2009), o currículo é um objeto que precede a teoria, portanto, faz-se necessário que o entendamos para que possamos descrevê-lo, explicá-lo e analisá-lo. Ressalto ainda a teoria como o conhecimento que constrói a realidade, uma vez que tem a capacidade de modificá-la, sendo que esta surge em decorrência da realidade e das ideias que se materializam em determinado tempo espaço.

Contudo, a perspectiva pós-estruturalista, que é uma vertente filosófica predominante na análise social e cultural, faz questionamentos quanto ao conceito de teoria, uma vez que consideram a ideia de discursos ou textos. Segundo essa vertente,

A “teoria” não se limitaria, pois, a descobrir, a descrever, a explicar a realidade: a teoria estaria irremediavelmente implicada na sua produção. Ao descrever um “objeto”, a teoria, de certo modo, inventa-o. O objeto que a teoria supostamente descreve é, efetivamente, um produto de sua criação. (SILVA, 2009, p. 11).

Baseando-se nesses argumentos, para os pós-estruturalistas a ideia de discurso faria mais sentido, uma vez que a teoria descobre e descreve um objeto, enquanto o “[...] discurso em troca, produz seu próprio objeto: a existência do objeto é inseparável da trama da linguística que supostamente o descreve” (SILVA, 2009, p. 12).

A existência de uma teoria sobre o currículo está basicamente ligada à emergência de um campo profissional de estudos mais sistematizado e especializado sobre o currículo em determinados espaços e tempos. De acordo com Hamilton (1992), há uma ausência na discursão sobre a origem do termo currículo. Ele afirma que se pode mencionar o *Oxford English Dictionary* como primeira fonte do registro da palavra currículo na Universidade de Glasgow, de 1633. Sendo que a palavra aparecia como atestado de graduação outorgado a um professor.

O termo currículo aparecia de acordo ainda com Hamilton (1992) nos escritos de Calvino, como as expressões *vitae curriculum* (ou *vitae currículo*), porém não como um significado educativo. Portanto, entende-se que, antes mesmo da palavra currículo existir como campo de estudo especializado, professores de todas as épocas já estiveram envolvidos de alguma forma com o currículo. Apesar de não

existir uma compreensão sobre currículo nos mais variados contextos históricos e sociais, existia um método de ensino a ser seguido, guiado, instrumentalizado.

Ainda compartilhando das ideias de Silva (2009), etimologicamente, “currículo” é uma palavra que vem do latim que significa “pista de corrida”, portanto pode-se dizer que seria o percurso, a trajetória daquilo que nos tornamos. Pacheco (1996, p. 16) afirma que

O lexema currículo, proveniente do ético latino *currere*, significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir e encerra, por isso, duas ideias principais: uma de sequência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos. [...] Manifesta-se, assim, um conceito de currículo definido em termos de projecto, incorporado em programas/planos de intenções que justificam por experiências educativas, em geral, e por experiências de aprendizagem, em particular. Se o *currículum vitae* é o percurso concreto de uma dada pessoa, então o currículo (da educação formal ou informal) é o projecto que obedece a propósitos bem definidos. (PACHECO, 1996, p. 16).

O interesse pelo campo curricular resulta da preocupação com as organizações e métodos do conhecimento educacional. O estudo sobre currículo e suas teorias ainda é recente no campo educacional. Goodson (1995, p. 07) enfatiza que

O currículo tal como o conhecemos atualmente não foi estabelecido, de uma vez por todas, em algum ponto privilegiado do passado. Ele está em constante fluxo e transformação. De forma igualmente importante e relacionada, é preciso não interpretar o currículo como resultado de um processo evolutivo, de contínuo aperfeiçoamento em direção a formas melhores e mais adequadas. Uma análise histórica do currículo deveria, em vez disso, tentar captar as rupturas e disjunturas, surpreendendo, na história, não apenas aqueles pontos de continuidade e evolução, mas também as grandes continuidades e rupturas.

De acordo com Silva (2009), foi mediante os estudos da literatura americana e das condições sociopolíticas e institucionais da educação de massas nos anos vinte no contexto americano, que surgiu, nos Estados Unidos, o currículo como campo profissional especializado. Diante do contexto político cultural da época, buscava-se o estabelecimento da Educação como um objeto próprio de estudo científico e preocupava-se com a manutenção de uma identidade nacional, em virtude do crescente processo de urbanização, industrialização e migração no país.

É nesse contexto de mudanças na sociedade estadunidense, que em 1918, de acordo com Silva (2009), o currículo aparece pela primeira vez como

campo de estudo especializado no livro *The Curriculum* de Bobbitt. Esse livro é considerado um marco para a educação estadunidense no campo curricular. Inspirado na concepção teórica e na administração científica de Tyler, o modelo institucional idealizado na compreensão de currículo de Bobbitt é a fábrica.

No modelo de Bobbitt, os estudantes devem ser processados como produto fabril. No discurso curricular de Bobbitt, pois, o currículo é supostamente isso: a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados. (SILVA, 2009, p. 12).

Como se percebe, as concepções iniciais de currículo, consideradas teorias tradicionais, estavam especificamente interligadas a objetivos e métodos a se atingir para aquela época. Desde então, com os estudos de Bobbitt, surgiram no campo educacional várias discursões sobre a temática currículo, principalmente no que se refere ao campo teórico.

Várias são as questões levantadas no campo curricular sobre como é instrumentalizada e realizada sua ação, quais sejam: “Que conhecimento deve ser ensinado?”, “Por que ensinar esses conhecimentos e não outros?”, “Que cidadão se quer formar?”, “Como ensinar?”, “O que os estudantes precisam aprender?”, “O que é o currículo?”, “Qual é a sua utilidade?”

As respostas para as várias perguntas que possam surgir estarão vinculadas às concepções de Educação, Homem e sociedade, as quais são historicamente construídas. Não existe apenas um conceito de currículo, pois existem várias definições de diferentes autores e teorias construídos de acordo com determinados contextos culturais. De acordo com Pacheco (1996, p. 18):

O currículo é um propósito que não é neutro em termos de informação, já que esta deriva de diferentes níveis e é veiculada por diversos agentes curriculares dentro do contexto de vários condicionalismos. Assim, o currículo corresponde a um conjunto de intenções, situadas no *continuum* que vai da máxima generalidade à máxima concretização, traduzidas por uma relação de comunicação que veicula significados social historicamente válidos.

Comungando com o pensamento do citado autor, Silva (2009, p. 14) salienta que “[...] uma definição não nos revela o que é, essencialmente, o currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é”.

Pertinente também a declaração de Pacheco (1996, p. 16):

Insistir numa definição abrangente de currículo poder-se-á tornar extemporâneo e negativo dado que, apesar da recente emergência do currículo como campo de estudos e como conhecimento especializado, ainda não existe um acordo generalizado sobre o que verdadeiramente significa.

Como se percebe a partir desses relatos, não existe um conceito ou definição exata de currículo, pois se entende que este é construído de conhecimentos socialmente e historicamente definidos como válidos e desejáveis de acordo com os interesses de quem o elabora em determinado tempo e espaço.

Goodson (1995, p. 21) assevera que

O currículo escrito não passa de um testemunho visível, público e sujeito a mudanças, uma lógica que se escolhe para mediante sua retórica, legitimar uma escolarização. Como tal, o currículo escrito, promulga e justifica determinadas intenções básicas de escolarização, à medida que vão sendo operacionalizadas em estruturas e instituições.

Ressalto, com base no pressuposto do currículo como um processo construído socialmente e ontologicamente, que ao descrevermos a história do currículo não o vejamos como algo estático, mas como um artefato em constante construção. O currículo constitui um significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades segundo valores tidos como desejáveis e incontestáveis para determinados grupos.

Compartilho do pensamento de Veiga-Neto (1999, p. 101 apud BARGUIL, 2006, p. 138) ao defender que:

[...] examinar um currículo – ou teorizar sobre Currículo – implica resgatar práticas esquecidas, documentos obscuros, discursos já silenciados, num minucioso processo de remontagem genealógica que nos leva a compreender tanto outros sistemas de pensamento quanto as continuidades e descontinuidades históricas que se sucederam até aquilo que hoje temos e até aquilo que hoje somos.

Com base nas teorias tradicionais de currículo, o currículo estava basicamente voltado para a economia. Portanto, baseado nos escritos de Bobbitt e no princípio de Tyler, o qual priorizava basicamente os métodos e técnicas, o sistema educacional deveria educar pessoas eficientes, objetivas e com mão de obra qualificada para a inserção na fábrica.

No entendimento de Silva (2009, p. 23),

Bobbitt propunha que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial. Tal como na indústria, Bobbitt queria que o sistema educacional fosse capaz de especificar precisamente que resultados pretendia obter, que pudesse estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa e formas de mensuração que permitissem saber com precisão se eles foram realmente alcançados.

As orientações de Bobbitt permitiram construir uma das vertentes dominantes no pensamento educacional estadunidense. Contudo, em meados do século XX, surgiu uma nova vertente liderada por John Dewey, que contrasta com as ideias inicialmente elencadas por Bobbitt.

Silva (2009) ressalta que, diferentemente de Bobbitt, Dewey levava em consideração no planejamento curricular os interesses, as experiências de jovens e adultos. Percebe-se nas ideias de Dewey a preocupação com princípios democráticos na construção educacional.

Concordo com Doll Jr. (1997, p. 69 apud BARGUIL, 2006, p. 145) para quem

Para a escola se transformar nessa comunidade vislumbrada por John Dewey, é necessário os objetivos educacionais serem cada vez mais vistos numa perspectiva perto de sua ideia (estabelecidos dentro do processo educacional, experiencial e que tem como subproduto a aprendizagem) e se afaste da concepção de Tyler (determinados antes da experiência e que, mediante avaliação, pode medir o quanto a aprendizagem ocorreu).

Ainda segundo Silva (2009), o modelo de Bobbitt encontra consolidação definitiva no livro de Ralph Tyler, no qual os estudos sobre currículo tornaram-se decididamente estabelecidos em torno da ideia de organização e desenvolvimento.

Na década de 1960, aconteceram várias agitações e transformações sociais, políticos e culturais na sociedade brasileira como em outras partes do mundo. Destacam-se os movimentos feministas, as lutas contra a ditadura militar no Brasil, a liberação sexual, os movimentos estudantis, etc.

Nesse cenário de lutas e transformações sociais que surgem as teorias críticas contrárias a visão tradicional. A perspectiva crítica questionava as desigualdades sociais e econômicas provedoras da concepção conservadora tradicional de ensino até então dominante.

As teorias críticas desconfiam do *status quo*, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. As teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste, adaptação. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permita compreender o que o currículo faz. (SILVA, 2009, p. 30).

Conforme Estrela e Nóvoa (1993, p. 23), mesmo que muitas vezes o currículo seja conotado como um programa ou plano de estudos, ele “[...] compreende os objetivos a atingir, reporta-se a necessidades educativas e engloba atividades, métodos e meios de ensino- aprendizagem, não deixando de fora sequer os próprios processos de avaliação dos alunos.”.

Diante da compreensão crítica de currículo, entendo-o não apenas como a listagens de conteúdos que são considerados desejáveis e válidos serem ensinados, mas que estes envolvam as experiências cotidianas, as práticas pedagógicas e os processos de avaliação dos sujeitos nele envolvidos. Na concepção crítica, o currículo também é compreendido como elemento que constrói a identidade e a multiplicidade de conhecimentos.

A escola, por ser um espaço que proporciona múltiplos conhecimentos, constitui um poderoso artefato para reflexão, observação, diálogo e interação. Com base na Nova Sociologia da Educação, pautados nas ideias marxistas, passa-se a pensar em um currículo multicultural que considere os meios de reprodução, dominação, ideologia e identidade.

Concordo ainda com Estrela e Nóvoa (1993, p. 311), quando declaram que

[...] o currículo enfatizado é o selecionado de fato como conteúdo dos procedimentos de controle. O que a experiência de aprendizagem significa para os alunos é transmitida pelo tipo e conteúdo dos controles de que é objeto, trate-se de conteúdos formais ou informais, externos ou realizados pelo próprio professor que pondera um determinado tipo de conteúdo.

Um dos marcos fundamentais da teoria crítica sobre currículo está pautado em Althusser, no seu livro *A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado*. Silva (2009) destaca o pensamento de Althusser de que “[...] a escola tem contribuído para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, através das matérias escolares, as crenças que nos fazem ver os arranjos sociais, existentes como bons e desejáveis.”. (SILVA, 2009, p. 32).

Na análise crítica de Althusser, a escola contribui para a reprodução das ideologias da classe dominante, uma vez que atinge maior parte da população por um período de tempo mais prolongado. Mediante seu currículo, a escola expressa direta ou indiretamente às estruturas sociais existentes como boas e desejáveis. Na concepção de Althusser, “[...] a escola contribui para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, através das matérias escolares, as crenças que nos fazem ver os arranjos sociais como bons e desejáveis.” (SILVA, 2009, p. 32).

Bourdieu e Passeron, conforme Silva (2009), foram os primeiros pensadores de uma teoria crítica educacional, propondo um conceito de Pedagogia Racional, onde questionavam o currículo que reproduzisse, na escola, as mesmas condições que apenas as crianças da classe dominante têm na família, possibilitando-lhes a mesma imersão duradora na cultura dominante que faz parte: “[...] o currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante.”. (SILVA, 2009, p. 35).

Bourdieu e Passeron desenvolveram críticas à Educação baseados na concepção de capital cultural, pois, conforme esses pensadores, “[...] a dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural. É através da reprodução da cultura dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida.”. (SILVA, 2009, p. 34). É por intermédio do capital cultural que são expressos gostos, valores, hábitos de uma determinada classe social, os quais são posteriormente internalizados e introjetados pelos arranjos sociais predominantes.

O currículo das escolas, portanto, está baseado na cultura dominante e por diversas vezes atendeu à demanda política e social de determinadas classes sociais, reproduzindo dessa forma desigualdades sociais e formando indivíduos que reforçam essas relações de desigualdade e exclusão.

Nesse contexto, no final dos anos sessenta, surgiu em vários países um movimento contrário às concepções burocráticas e administrativas de currículo, chamado de reconceptualização, a qual “[...] exprimia uma insatisfação crescente de pessoas do campo do currículo com os parâmetros tecnocráticos estabelecidos pelos modelos de Bobbitt e Tyler.”. (SILVA, 2009, p. 37).

A partir de então, passa-se a questionar, baseado em concepções fenomenológicas, hermenêuticas e autobiográficas, as perspectivas tradicionais de currículo vigentes. Essas vertentes filosóficas buscam a compreensão subjetiva que

se estabelecem nas relações pessoais e cotidianas do ser humano. Desse modo passa-se a pensar em um modelo de currículo que vise ao indivíduo em suas relações com seus pares e o mundo, não se limitando apenas à vida escolar, mas contemplando as relações estabelecidas com o mundo durante a vida (SILVA, 2009).

Várias são as concepções de currículo que vão se estabelecendo em cada momento histórico. Na visão pós-crítica, o qual é posterior às teorias críticas, o currículo é entendido para além da construção de significados e valores culturais, mas como o local onde se produzem significados e valores sociais, políticos, econômicos, históricos, ou seja, um construtor de identidades.

Destaco, nesse sentido, Goodson (1995, p. 25):

Que tipo de educação de massa está sendo visado quando o popular é não somente ignorado mas positivamente desvalorizado? É aconselhável analisar o que se pratica em sala de aula sem levar em consideração esta prévia batalha crítica sobre definição e construção de currículo? Quando a investigação se limita à realização imediata de conhecimento sobre a matéria escolar, existe grave perigo de perpetrar uma miopia, que prejudicando a visão dos alunos sobre a sala de aula, inevitavelmente obscurece e mistifica um componente fundamental na complexidade da vida em sala de aula.

Diante de uma concepção pós-crítica se estabelece a ideia de currículo como emancipação social, no qual a escola é o espaço onde se constrói identidade e se estabelece diferentes trocas de saberes. Compreendo que o currículo não seja somente uma lista de conteúdos a serem transferidos, mas que dialogue com questões de gênero, multiculturalismo, diferença, cultura, identidade e poder, as quais são tão influentes nas relações que vivemos.

Sacristán (1998) enfatiza que o currículo estabelecido nas escolas é o responsável pelas escolhas dos conteúdos selecionados e este é utilizado como procedimento de controle das práticas educativas. Assim, “[...] a experiência de aprendizagem que significa para os alunos é transmitida pelo tipo e conteúdo dos controles que é objeto.”. (SACRISTÁN, 1998, p. 311).

Entendo que o currículo nas escolas deve promover a relação professor-estudante e que estes sejam percebidos como sujeitos ativos, construtores do seu conhecimento e não somente apenas meros executores de conhecimentos estabelecidos por aqueles que detém o poder de selecionar o que se considera desejável.

Sacristán (1998, p. 312) declara que

[...] em nosso sistema educativo, o progresso do aluno dentro do sistema escolar fica totalmente nas mãos dos professores, ou seja, são únicos depositários dos procedimentos formal de controle, o que lhes confere um enorme poder dentro da instituição.

Entendendo a ação do professor como elementar na formação cidadã, faz-se necessário que sejam estabelecidas trocas dialógicas, com o objetivo de promover questionamentos e oportunidades de discussões críticas em que os sujeitos envolvidos no processo de educacional construam coletivamente sua cidadania, seus pensamentos, seus sentimentos, sua identidade.

Defendo que a escola, enquanto instituição formadora, promova oportunidades para que os aprendizes aprendam a se relacionar com o mundo, o outro e consigo mesmo. Corroboro, portanto com Freire (1996, p. 47), quando afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para que a sua própria produção ou a sua construção.”.

Na mesma direção é a reflexão de Silva (2009, p. 60):

Na perspectiva da educação problematizadora, ao invés disso, todos os sujeitos estão ativamente envolvidos no ato do conhecimento. O mundo – o objeto a ser conhecido – não é simplesmente “comunicado”; o ato pedagógico não consiste em simplesmente “comunicar o mundo”. Em vez disso, educador e educandos criam, dialogicamente, um conhecimento do mundo.

No decorrer desses estudos, percebi que nem todos os objetivos, ideologias que se buscam atingir com o currículo apresenta-se de forma explícita, havendo, portanto, um currículo oculto, que “[...] é aquele constituído por todos os aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes.”. (SILVA, 2009, p. 78).

Compreendo que as ideias implícitas, como valores, conceitos, ideologias, cultura atuam simbolicamente nas práticas cotidianas no ambiente escolar. No entanto, essas relações podem influenciar positivamente ou negativamente na formação de conceitos e na aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

De acordo com Santomé (1995, p. 201) o “*curriculum* oculto” é expresso cotidianamente no processo de ensino e exerce influência sobre os valores, procedimentos e conhecimentos de acordo com os interesses da classe hegemônica em determinado momento sócio-histórico.

O *curriculum* oculto faz referência a todos aqueles conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que se adquirem mediante a participação em processos de ensino e aprendizagem e, em geral, em todas as interações que se dão no dia-a-dia das aulas e escolas. (SANTOMÉ, 1995, p. 201).

Estrela e Nóvoa (1993, p. 23) nos apontam que o currículo oculto como sendo “[...] não expressamente firmado nos planos e documentos curriculares, imprevisível, inesperado e não consciente.”. Desta forma, percebo também que o currículo oculto se expressa nas experiências e vivências dos educandos, os quais denotamos como algo imprevisto, que não está formalmente explícito e firmado, mas que causa grande impacto sobre valores e ideologias perpassadas ao educando.

Diante desses estudos, percebi que existem várias concepções de currículo que se distinguem de acordo com suas teorias, ideologias, valores e objetivos a serem alcançados em determinado espaço e tempo. Entendo, contudo, que é mediante o seu currículo que a escola se organiza, promove caminhos a serem seguidos, estabelece metas a serem alcançadas e ideologias a serem propagadas. Os estudos sobre essa temática são necessários para que possamos repensar a educação, as relações sociais e a concepção de cidadão que se pretende formar ou que se está formando.

Seguindo o pensamento desses autores, tentarei identificar as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando, os conteúdos considerados válidos e desejáveis os estudantes aprenderem, levando em consideração os relatos e observações no cotidiano escolar.

3.2 A avaliação curricular como expressão de juízo de valor

A avaliação é parte integrante dos processos de ensino e de aprendizagem e atualmente tem se tornado um dos temas mais debatidos no âmbito educacional. O ser humano durante sua relação existencial está constantemente

avaliando, desde situações simples, como a roupa que escolherá para vestir, assim como situações complexas, que trarão consequências em longo prazo, como, por exemplo, decidir casar, qual faculdade fazer, onde morar, etc.

No âmbito educacional, tal como nas situações cotidianas, é necessário eger critérios de avaliação. Compreendo, contudo, que naquele precisa acontecer de forma mais sistemática, contextualizada, planejada, pois eles são utilizados nas práticas pedagógicas. A avaliação exerce forte influência sobre o que e como os professores ensinam e o os estudantes aprendem, motivo pelo qual a forma como esta se materializa no cotidiano escolar precisa ser refletida.

De acordo com Saul (1995), a avaliação curricular surgiu como disciplina científica a partir de 1950, nos Estados Unidos, mediante projetos de desenvolvimento de ensino e como resposta à insatisfação dos programas educacionais. Suas primeiras discussões, porém, foram efetivadas por Lewy nas décadas de 1930 e 1940, as quais trouxeram considerações teóricas e metodológicas e recomendações práticas para o desenvolvimento dessa área.

De acordo com Lewy (1979), as raízes da avaliação curricular encontram-se na área de Avaliação Educacional, havendo inicialmente uma preocupação com a avaliação da aprendizagem dos discentes, utilizando-se dessa forma testes, exames e medidas. Não havia, no entanto, uma preocupação com programas educacionais, fato este que provocou o interesse por novos estudos que discutissem conceitos, métodos, teorias e novos modelos de avaliação.

Inicialmente a avaliação, chamada objetivista, baseava-se em princípios comportamentalistas e tinha influência do pensamento de Tyler, tais como, objetividades, métodos e controle. De acordo com Saul (1995), esse tipo de avaliação recebeu várias críticas, uma vez que

A noção de avaliação como sinônimo de medida e valorizada principalmente pelas características de objetividade, fidedignidade e possibilidades de manipulação matemática dos dados (Stufflebeam,1971) recebeu várias críticas em função de ser uma noção simplista, inflexível e limitada, levando ao risco de relegar um plano secundário aspectos importantes do processo de ensino- aprendizagem. Esta noção de avaliação dicotomiza, por sua vez, a relação entre meios e fins. (SAUL, 1995, p. 29).

Os estudos de Lewy foram importantes e se tornaram objetos de análise para outros estudiosos sobre avaliação curricular. Posteriormente, surgem críticas ao paradigma objetivista e comportamentalista apresentado por Tyler e alguns

autores propõem novas teorias e métodos de avaliação curricular. Cronbach (1980 *apud* SAUL, 1995, p. 46) afirma que

Um programa de avaliação é um processo através do qual os participantes aprendem sobre si mesmos e sobre a racionalidade de seu comportamento. A tarefa da avaliação é facilitar um processo plural e democrático mediante esclarecimento e a informação de seus participantes.

No Brasil, segundo Saul (1995), a avaliação curricular teve início a partir da década de 70, com o aparecimento de projetos de currículo. “O modelo mais utilizado e divulgado oficialmente foi o de Stufflebeam, cujo enfoque é a tomada de decisão.” (SAUL, 1995, p. 35). Esse enfoque está mais vinculado aos processos de gestão.

No contexto brasileiro, contudo, a abordagem qualitativa, que se contrapunha à abordagem quantitativa vinculada às concepções de Tyler, surgiu a partir de artigos publicados na revista *Educação e Avaliação*, nos anos de 1980 e 1981. As questões curriculares dessa forma passaram a discutir modelos e práticas democráticas de avaliação que se contrapunham às práticas autoritárias e objetivistas, até então, prevalecentes (SAUL, 1995).

Comungo com Saul (1995, p. 45), quando declara que

Compreender uma situação onde integrem seres humanos com intencionalidade e significados subjetivos requer levar em consideração as diferentes posições, opiniões e ideologias mediante as quais indivíduos interpretam os fatos e objetivos e reagem nas diferentes situações. A posição do avaliador não é neutra, livre de considerações de valor.

Entendo, dessa forma, avaliações qualitativas com o propósito de compreender seu objeto de estudo, os processos de aprendizagem e de ensino, bem como os sujeitos envolvidos, mediante seu contexto, objetivos e interesses daqueles que nele atuam.

Vários estudos foram realizados com o intuito de melhor compreender as várias facetas da avaliação escolar para estabelecer novas metodologias, rever estratégias de ensino e práticas pedagógicas que promovam reflexões sobre a relação do Homem consigo mesmo, o outro e a vida. Considero, portanto, importantes esses questionamentos: Por que se avalia? Quando se avalia? Quem avalia? Quais são os impactos da avaliação para a vida dos sujeitos envolvidos?

Entendo que essas indagações são fundamentais no campo educacional, uma vez que as avaliações, constantes no cotidiano escolar, influenciam significativamente na prática educativa e nas relações estabelecidas dentro do contexto da escola e fora dela.

Compartilho das ideias de Barguil (2000, p. 72-73), ao salientar que:

[...] toda pessoa, durante toda a sua existência de alguma forma, vincula-se a escola: seja como professores, alunos, pais ou parentes de alunos. Creio não ser salutar que somente uns pouco se proponham tratar desse tema, pois as questões referentes à avaliação escolar nos remetem à vivência do saber na sociedade e não somente na escola. Quando se diz que o Homem é um ser social, se quer expressar que é na vivência com seus pares que o Homem atualiza a sua potência de ser pessoa, pois é a partir das inúmeras relações que estabelece com o meio que ele vai, pouco a pouco, construindo os pressupostos, os valores, as crenças que guiarão a sua conduta social. A escola, portanto, devido tanto ao tempo em que ele permanece nela, como à importância reputada a ela, tem um papel importante na constituição do Homem como tal.

A cultura avaliativa é definida como um conjunto de conceitos, valores, crenças, comportamentos que são vivenciados cotidianamente nas práticas pedagógicas sobre o ato de educar. Segundo Hoffmann (2001, p. 10), a avaliação é:

Substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo seu pensar e agir. Não há tomada de consciência que não influencie a ação. Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada.

A avaliação, tal como é concebida no âmbito educacional, está intimamente ligada a um juízo de valor daquele que a pratica. Sacristán (1998, p. 111) declara: “[...] a qualificação ou juízo que se dá a um exame ou qualquer conduta de um aluno ou trabalho depende de um juízo por parte do avaliador, sendo assim, o currículo que passa por um processo de avaliação é o mais valorizado.”.

Péchenart (1977 *apud* ESTRELA; NÓVOA, 1993, p. 26) declara que

A avaliação inclui quer um *juízo de realidade*, respeitante ao referido, quer um *juízo de valor*, efectuado a partir do confronto entre referente (cuja escolha já implica um juízo de valor) e o referido. De fato é esta definição que permite enquadrar os juízos de avaliação que geralmente se espera que sejam feitos a cerca dos programas e currículos, como um juízo de *eficácia* ou de *sucesso*, que relaciona resultados e objetivos, ou de *qualidade* e de *mérito*.

No âmbito educacional, é necessária a avaliação curricular, uma vez que esta procura averiguar os diferentes níveis, a eficácia dos objetivos, os desafios encontrados para a concretização do currículo em ação, refletindo dessa forma sobre a produção do sucesso ou fracasso escolar. Sacristán (1998, p. 312) afirma:

O fracasso escolar não expressa, por exemplo, mais do que uma disfunção, uma falta de acomodação dos alunos a “certas exigências”, mas sem maior valor diagnóstico do que esse, ao referir-se a conceitos e critérios internos de rendimento escolar, a conhecimentos e processos de aprendizagem ponderados internamente por função do próprio sistema de valores, práticas e teorias implícitas dominantes com as quais os sistemas escolares e curriculares funcionam.

Tradicionalmente a avaliação curricular é permeada por um processo que qualifica e classifica a aprendizagem como certa ou errada, satisfatória ou insatisfatória. Quando a avaliação tem caráter conteudista e somativo, tende a reproduzir conhecimentos desvinculados da realidade do estudante, do seu cotidiano escolar e não considerando o aprendiz como um sujeito singular, historicamente construído. Dessa forma, tendem a selecionar e caracterizar os discentes como “brilhantes”, aqueles que conseguem uma média para ser aprovado, ou “incapazes”, aqueles que não alcançaram as metas.

Luckesi (1990 *apud* BARGUIL, 2000, p. 75) questiona

Se a escola verifica ou avalia a aprendizagem do aluno. Através do estudo dos conceitos de verificação – perceber como algo é – e avaliação – a partir da percepção de algo, formar-se uma ação/decisão nova –, ele afirma que a escola, de fato, pratica verificação, pois a aferição da aprendizagem não é utilizada para subsidiar a ação pedagógica, como no caso da avaliação, mas simplesmente para aprovar ou reprovar o aluno, sob um clima de tensão constante.

A avaliação, vista desta forma, tem um caráter classificatório e excludente, gerando um clima inclusão e exclusão. Comungamos com Esteban (2003, p. 15) que “[...] a avaliação classificatória configura-se com ideais de mérito, julgamento, recompensa e punição, exigindo o distanciamento entre os sujeitos que se entrelaçam nas práticas escolares cotidianas.”

Sacristán (1998, p. 311) afirma que “[...] a avaliação atua como uma *pressão modeladora da prática curricular*, ligada a outros agentes, como a política curricular, o tipo das tarefas nos quais se expressa o currículo e o professorado escolhendo conteúdos ou planejando atividades.”. Dessa forma, compreendo que a

avaliação analisa o cotidiano escolar, a estrutura física do local, os aspectos socioculturais e políticos pedagógicos, que permeiam a efetivação do currículo no contexto educacional.

Considero a avaliação curricular uma ação coletiva, a qual envolve muitas esferas, tal como a avaliação da aprendizagem do estudante, avaliação da instituição e do sistema de ensino, avaliação das práticas docentes. Faz-se, portanto, necessário promover uma reflexão entre os sujeitos envolvidos e os contextos que repercutem seu processo de desenvolvimento, com o intuito de ampliar os conhecimentos e rever novas possibilidades metodológicas e pedagógicas que contribuam para formação cidadã.

Esteban (2003, p. 34) declara: [...] avaliar é indagar e indagar-se, num processo compartilhado, coletivo, em que todos se aventuram ao conhecimento buscando o autoconhecimento. Processo em que a interação sujeito-sujeito é indispensável e insubstituível.”.

Vale destacar que muitas vezes a avaliação é vista como tarefa apenas do professor, recaindo sobre este todas as exigências e responsabilidades no que concerne aos resultados considerados satisfatórios ou não satisfatórios atribuídos à aprendizagem do discente.

Ao adotar o objetivo de atribuir valor a uma pessoa, a avaliação não proporciona um espaço de diálogo em que os processos e os produtos são compartilhados pelos sujeitos envolvidos. Esteban (2003, p. 35) alerta que

A avaliação pretende promover uma reflexão que participe da experiência de ensinar com a de aprender, tecida coletivamente na sala de aula, na sala de professores, no pátio, no refeitório, no banheiro, nos corredores, no portão, na biblioteca, nos tantos outros lugares por onde transitam os sujeitos que se encontram na escola para realizarem, juntos, um trabalho que visa à ampliação permanente dos conhecimentos.

É importante que a avaliação curricular envolva todos os sujeitos do espaço educacional, considerando as dimensões culturais, políticas e históricas, as quais estão relacionadas a aspectos subjetivos e peculiares de cada um. Destaco, ainda, que esta se desenvolva em um processo dialógico, reflexivo, transdisciplinar, o qual proporcione aos sujeitos envolvidos a ampliação da sua compreensão de mundo, Homem e sociedade.

Estrela e Nóvoa (1993, p. 24) enfatizam:

O desenvolvimento curricular (ao serviço do qual a “avaliação curricular formativa” se coloca) se articule com a ação educativa a todos os níveis e em todos os planos, e que a avaliação curricular se articule, se relacione com a avaliação educativa a todos os níveis (alunos, conteúdos e sua organização, métodos pedagógicos, meios, materiais e manuais escolares, equipamentos e instalações, estabelecimentos escolares, ciclos e sistema de ensino).

Entendo que a avaliação curricular é parte essencial nas etapas do processo de aprendizagem e que se faz necessário o envolvimento de todos os sujeitos envolvidos no ato de educar. Acredito que os educandos aprendem de formas variadas em um determinado tempo e espaço, de acordo com a cultura no qual está inserido, a partir das diferentes vivências e experiências pessoais, coletivas e cotidianas.

No entanto, vale destacar que as políticas de avaliação, tais como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), a Avaliação Nacional de Rendimento Escolar, conhecido como a prova Brasil e a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), tem exercido forte influência no currículo escolar, bem como nas práticas cotidianas e elaboração do conteúdo pelo professor. Percebe-se que estas políticas de avaliação estão baseadas em resultados, testes e índices de rendimento do estudante, o que demonstra ênfase no cognitivo.

Pertinente o esclarecimento de Arroyo (2013, p. 35):

As recentes políticas de avaliação centralizada quantitativa se dão por desempenhos, por etapas, para quantificar progressos, sequências de ensino-aprendizagem reforçarem lógicas progressivas, sequências rígidas, aprovadoras, reprovadoras de alunos e mestres. As avaliações e o que avaliam e privilegiam passaram a ser o currículo oficial imposto às escolas. Por sua vez o caráter centralizado das avaliações tira dos docentes o direito de serem autores, sujeitos da avaliação do seu trabalho. A priorização imposta de apenas determinados conteúdos para avaliação reforça hierarquias de conhecimentos e conseqüentemente de coletivos docentes.

Faz-se necessário, para tanto, um olhar crítico, reflexivo e dialógico dos sujeitos sobre as práticas avaliativas, contemplando as dimensões físicas, cognitivas, emocionais, artísticas e espirituais, bem como a ampliação de investigação por estudiosos com o desafio de construir uma teorização com base empírica.

4 O COTIDIANO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O SABER

“Não é nada fácil a decisão de aventurar-se ao desconhecido. É preciso muito preparo e acreditar que valerá a pena.”

(Jussara Hoffmann)

Para que se compreenda como se configura a dinâmica curricular da instituição escolar, é necessário observar as relações estabelecidas pelos atores sociais nesse cotidiano, no qual se expressam valores, concepções de sociedade e de cidadão que se pretende formar, pois é nessas relações que são constituídos os conhecimentos, a identidade dos educandos.

Nesse capítulo, farei um breve histórico de como as pesquisas de cotidiano se desenvolveram no Brasil. Depois, dissertarei sobre o impacto do dia a dia na vida dos estudantes.

4.1 Estudos do cotidiano escolar

De acordo com Alves (2003), a primeira tendência sobre estudos do cotidiano tem suas origens e predominância nos Estados Unidos, o qual identificava o cotidiano como “caixa preta”, metáfora utilizada para explicar o desconhecimento do que acontece no interior da escola, nas relações cotidianas.

Essa expressão, conforme Alves (2003), tem sua origem no objeto que pode ser encontrado após um desastre de avião, que guarda várias informações sobre o voo. Essa locução também é comum no ensino de ciências, quando o professor usa uma caixa para estimular nos estudantes sua capacidade imaginativa para descobrir o que pode haver numa caixa com objetos que fazem barulho. Com esse artefato, busca-se ampliar no aprendiz sua capacidade de idear e não que esse acerte o conteúdo da caixa.

Essa metáfora, pois, designa a busca de entender o que ocorria no interior da “caixa preta”, ou seja, da escola. A transformação do que ocorre dentro da escola depende da capacidade imaginativa daqueles que a ela se dedicam e dela fazem parte. Alves declara:

Não importando o que se passa no interior da “caixa preta”, a intervenção no *sistema* deve se dar sobre os planos de entrada (*inputs*), a partir de uma realimentação com dados obtidos na finalização do processo anterior (*feedback*), possível através da avaliação dos indicativos fornecidos pelos resultados de saída (*outputs*). A aplicação das provas de final de ciclos e cursos, como se faz em nosso país e tantos outros, nos fornece uma concretização desse “modelo”. (ALVES, 2003, p. 03).

Percebe-se ainda uma ideia muito hegemônica sobre as instituições de ensino, pois não se busca compreender a realidade que ocorre no interior da escola, as relações estabelecidas, que a caracteriza pelo rendimento obtido mediante provas, as quais são as mesmas para todos os contextos educacionais.

De acordo com essa autora, um segundo momento de pesquisas sobre cotidiano aparece quando os estudiosos argumentam que as relações hegemônicas sobre cotidiano escolar e a cultura são insuficientes para se compreender o cotidiano escolar em sua completude, os sujeitos nele envolvidos, bem como suas dificuldades e as possíveis soluções para os fatos sociais.

Eles tiveram como inspiração os escritos de Gramsci e os teóricos da Escola de Frankfurt, especialmente Habermas, que discutiam novos paradigmas em currículo, e, assim, introduziram a dimensão de cotidiano em suas pesquisas como forma de compreender a escola e as suas relações sociais.

Os pesquisadores nessa área, ainda de acordo com Alves (2003), entendiam ser indispensável a ação ativa dos atores sociais, mediante reuniões, processo denominado *Pesquisa Participante*. Esses estudos têm forte influência dos movimentos sociais organizados, principalmente os baseados nas ideias de Paulo Freire. Essa tendência foi desenvolvida, na área de currículo, especialmente por Ana Maria Saul, a qual exerceu influência decisiva nos trabalhos sobre cotidiano e em demais áreas como, por exemplo, avaliação educacional.

Alves (2003) destaca ainda as pesquisas do norte-americano Robert Stake, o qual percebia a necessidade de observar os fatos ocorridos diariamente na escola como forma de pensar esse, sem generalizá-lo, uma vez que não se pode igualar os fatos ocorridos em determinado contexto com outro: cada instituição segue determinado ritmo, de acordo com sua realidade.

Os trabalhos de Robert Stake permitiram o desenvolvimento de pesquisas significativas sobre o cotidiano por pesquisadores brasileiros. Alves (2003) destaca os estudos de Menga Ludke e Marli André, as quais formularam uma escola de pesquisadores do cotidiano, sendo referências nessa temática.

Com as análises de Stenhouse (1991), na Inglaterra, e de seus seguidores, desenvolve-se a ideia de *professor-pesquisador*, o qual é responsável por intervir no cotidiano escolar à medida que questiona, reflete, pesquisa, analisa suas ações, suas práticas desenvolvendo desta forma novas propostas educativas. De acordo com Stenhouse, para compreendermos os saberes elaborados por cada escola de um sistema educativo, faz-se necessário estudarmos múltiplos sujeitos neles envolvidos e as relações estabelecidas no cotidiano.

Alves (2003) atenta que, com a tradução no Brasil dos trabalhos realizados no México por Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell (1986), os estudos de cotidiano na escola incorporam uma nova ideia:

Mas que a tendência de escrever a escola em seus aspectos negativos dizendo o que “há nelas ou que não corresponde ao modelo de análise adotado” (p.10) tão comum nas pesquisas de cotidiano desenvolvidas pela tendência hegemônica, o importante é perceber que devemos estudar as escolas em sua realidade, como elas são, sem julgamentos *a priori* de valor, e principalmente, buscando a compreensão de que o que nela se faz e se cria precisa ser visto como uma saída possível, naquele contexto, encontrada pelos sujeitos que nela trabalham, estudam e vão levar seus filhos. (ALVES, 2003, p. 04).

Compartilho desse pensamento, uma vez que, ao estudarmos o cotidiano escolar, devemos não apenas apontar erros e fazer julgamentos, mas compreendermos os motivos que levam a determinadas ações, refletindo sobre o contexto no qual se insere seus sujeitos, buscando dessa forma contribuir para novas concepções de Homem, mundo e sociedade.

Na pesquisa que realizei, busquei não apenas descrever fatos negativos ocorridos no cotidiano escolar, mas compreender as relações estabelecidas pelos sujeitos nele envolvidos, uma vez que compreendo que construímos nossa história, nossa identidade nas relações cotidianas que mantemos com nossos pares.

Concordo dessa forma com Alves (2003, p. 05), quando declara:

Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes, partem, então, da ideia de que é nesse processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, a maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro.

É nas relações cotidianas que aprendemos a enfrentar os desafios que a vida nos oferece. Nas nossas relações, estamos expostos a sentir diferentes emoções, aprendizagens, conhecimento, pois cada pessoa é um ser singular, cada contexto possui vários significados, a depender da cultura individual.

É no cotidiano que aprendemos a solucionar problemas, pois é vivendo o cotidiano, na composição de seus acontecimentos, que vamos mudando a vida e os contextos no qual ela pulsa. Acredito, dessa forma, que é no cotidiano que o aprendiz se desenvolve, aprende, se constrói. Faz-se necessário, portanto, que este seja desafiado a várias possibilidades de aprendizagens, ao seu desenvolvimento espiritual, motor, afetivo, social, político e não apenas cognitivo.

Entendo também que existem vários modos de criar conhecimentos no cotidiano escolar, o que está relacionado às concepções elaborados pelos sujeitos que nele participam, nas reflexões do professor sobre sua prática, nas relações estabelecidas por todos que fazem o contexto escolar. É nesse espaço-tempo que podemos tecer conhecimentos, criar possibilidades de aprendizagem e discussões, pois é no cotidiano da escola que o currículo se consolida, se expressa.

Estou de acordo com Macedo *et all* (2004, p. 21):

[...] no currículo tecido e cada escola concreta, vamos encontrar em movimento, sendo trançados/destrançados/trançados de outra forma, múltiplos conhecimentos, o tempo todo e em todos os espaços (na sala de aula, nos corredores, na sala do cafezinho dos professores, no pátio de recreio, na biblioteca, na cozinha, no portão): aqueles que professores/professoras, alunos/alunas e todos os que circulam pela escola trazem da família, do grupo religioso, da associação ou do sindicato que frequentam, do time de futebol no qual jogam, do clube onde vão, das fofocas da vizinhança, dos programas de televisão ou de rádio que vêem/ouvem; (...) Todos esses conhecimentos, com sua carga de positividade e negatividade, bem como em sua importância relativa, estão na escola e tencionam-se mutuamente. No entanto, só notamos alguns deles e não aprendemos a fixar o modo como a maioria organiza-se e torna-se conhecimento “verdadeiro” em nós. É preciso, pois caracterizar os processos pelos quais estes conhecimentos se formam e se “perdem” como sendo complexos, cheios de dúvidas e incertezas e deixar dito que, sobre eles, tudo temos ainda a aprender.

Compreendo que, nas relações estabelecidas no contexto do cotidiano, os sujeitos envolvidos expressam conhecimentos e valores constituídos nas suas relações, desenvolvendo dessa forma todos os seus sentidos. São nesses espaços-tempos que se constroem identidades, utopias, conhecimentos e memórias múltiplas.

Entendo, contudo, que geralmente existe um currículo elaborado por uma classe hegemônica, o qual serve como um guia que normatiza as ações dos professores em sua atividade pedagógica, bem como as ações dos sujeitos nele envolvidos. Esses guias funcionam como mecanismos de controle sobre as ações de todos que dele participam, sejam dos estudantes, em seu rendimento escolar, seja dos professores, em alcançar níveis de aprendizagem, seja dos gestores, em atingir metas.

De acordo com Macedo *et al.* (2004, p. 36), um dos mecanismos de avaliação e controle mais praticados

[...] é a “testagem” dos alunos. Tanto algumas escolas como redes de ensino têm optado por provas únicas ao final dos bimestres, semestres ou anos letivos como forma de controlar o desenvolvimento do programa pelo professor. A avaliação passa a funcionar, então, articulada ao currículo formal, como uma tentativa de controle do processo pedagógico desenvolvido no cotidiano da escola.

De acordo ainda com os referidos autores, os procedimentos de controle nas escolas estão centrados nos conteúdos, nas habilidades a serem desenvolvidas pelo currículo em ação e nos mecanismos de avaliação, os quais determinam os padrões de comportamentos que devem ser cumpridos.

Esses autores salientam ainda:

Atualmente, com a avaliação básica via Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB), um processo semelhante pode estar se iniciando. Ao definir os conteúdos a serem avaliados em cada etapa da escolarização básica, o SAEB acaba por direcionar os currículos das escolas no sentido dos conteúdos/habilidades medidos pelas provas do SAEB. Se imaginarmos que a avaliação seja utilizada para a distribuição de verbas para os sistemas mais eficientes, o controle fica ainda mais poderoso. (MACEDO *et al.*, 2004, p. 37).

Corroboro com esses autores, uma vez que entendo que a escola geralmente tem se preocupado com a transmissão e assimilação de conteúdos. O que se busca na maioria das vezes é atingir uma determinada meta, habilidades que devem ser desenvolvidas, conteúdos a serem trabalhados para que os aprendizes sejam considerados pessoas escolarizadas, deixando de considerar, nas relações cotidianas, o processo de produção sociocultural, política, ética, espiritual e emocional.

Com o propósito de compreender a dinâmica curricular que ocorre no cotidiano da escola, busquei mediante esse estudo identificar as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando.

Para alcançar tal meta, são valorosos os estudos de Peter McLaren, importante crítico e estudioso canadense, que estudou as relações, os rituais cotidianos das escolas. McLaren buscou desenvolver uma teoria crítica emancipatória da educação, questionando a relação que a escola estabelece com a ordem social dominante e como essas relações reproduzem o capital cultural dominante e os sistemas de controle sobre os sujeitos neles envolvidos.

Em suas análises sobre os rituais da escola, esse pesquisador busca demonstrar como as escolas reproduzem as ideologias e o código cultural dominante, os quais preparam a classe trabalhadora para a condição de subalternos e mantenedores da mesma.

As escolas servem como ricos repositórios de sistemas de rituais; que os rituais representam um papel crucial e inerradicável no conjunto da existência do estudante, e que as dimensões variadas do processo ritualístico são intrínsecas aos eventos e transações da vida institucional e na tessitura da cultura da escola. (McLAREN, 1991, p. 29).

Em sua concepção, os rituais nos permitem identificar o código cultural e as ideologias que, subjetivamente, simbolicamente, são transmitidos, e como são organizados e distribuídos os conhecimentos. O uso do termo ritual em suas pesquisas busca “[...] levar a sério conceitos de poder e dominação, que considera o ritual uma produção cultural construída como uma referência coletiva ao simbólico e a experiência localizada da classe social de um grupo.” (MCLAREN, 1991, p. 30).

Entendo que, no cotidiano da escola, são expressas várias ideologias, diversos códigos culturais. Em virtude disso, termos um olhar minucioso em relação às subjetividades é fundamental para que não venhamos a nos corromper tendo em vista os controles aos quais somos subordinados. Na escola, são constituídos conhecimentos, criam-se novas possibilidades de investigação e descobertas.

Se continuarmos a reproduzir apenas os valores das classes dominantes, estaremos conduzindo os futuros cidadãos à ideia de exclusão social. O currículo exerce forte influência nas relações, estabelecidas no cotidiano da escola, na

construção de identidades e ideologias. Compartilho das ideias de McLaren (1977, p. 216), quando declara:

O currículo representa muito mais que um programa de estudos, um texto em sala de aula ou vocabulário de um curso. Mais do que isso, ele representa a introdução de uma forma particular de vida; ele serve, em parte, para preparar os estudantes para posições dominantes ou subordinadas na sociedade existente. O currículo favorece certas formas de conhecimento sobre outras e afirma os sonhos, os desejos e valores de grupos seletos de estudantes sobre outros grupos, com frequência discriminando certos grupos raciais, de classe ou gênero.

No currículo está imbricada a ideia de cidadão que se pretende formar para determinada sociedade. No entanto, por entender que este se expressa nas relações estabelecidas no cotidiano e nos rituais da escola, é que considero necessário o estudo do mesmo com um olhar mais apurado para que se possa compreender as diferentes relações estabelecidas pelos atores sociais em determinados espaços-tempos.

Comungo, portanto, com McLaren (1977, p. 216), quando evidencia que

O conhecimento adquirido em salas de aula deveria ajudar os estudantes a participarem em questões vitais que afetam suas experiências cotidianas, em vez de simplesmente endeusar os valores do pragmatismo mercantilista. O conhecimento escolar deveria ter um objetivo mais emancipatório do que abater trabalhadores (capital humano) e ajudar as escolas a se tornarem a cidadela da ideologia corporativista. O conhecimento escolar deveria ajudar na criação de condições produtivas para a autodeterminação do estudante na sociedade mais ampla.

Com base nos estudos de cotidiano aqui elencados, busca-se nesse projeto identificar as práticas cotidianas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando. Pretendo não buscar erros ou julgar, sob o prisma de certo ou errado, uma vez que entendo que não existem verdades. Pretendo manter um diálogo sobre as conexões que se estabelecem no cotidiano e que são tão primordiais para a construção de conceitos.

4.2 A escola e o cotidiano na vida dos estudantes

A escola, enquanto organização social, tem passado por diversas mudanças no que concerne às suas estruturas físicas, suas políticas educacionais, suas práticas pedagógicas, seus significados e papéis na sociedade, pois vivemos

em um mundo com muitas transformações sociais, físicas, econômicas e políticas. A escola, por ser um espaço-tempo que promove o conhecimento científico, estabelece relações sociais, propicia a vivência de valores e socializa o saber, entendendo ela deve estar continuamente atualizando seu currículo, suas metodologias, seus objetivos, suas técnicas avaliativas, de modo a se adequar às novas demandas sociais.

Para que compreendamos os desafios e como se estrutura a escola nos tempos atuais, faz-se necessário entender a proposta inicial da instituição escolar ao que concerne à era industrial. Sibilía (2012, p. 28) afirma que

[...] a função primordial da escola não consistia prioritariamente em instruir os alunos em determinados saberes ou conhecimentos práticos, mas em “habitua-los a permanecer tranquilos e a observar pontualmente o que lhes é ordenado.” A primeira e mais capital etapa do adestramento infantil deveria ser dedicada, portanto, a acostumar as crianças a ficar sentadas em seus lugares durante períodos regulares e previamente estabelecidos, obedecendo às ordens dos superiores.

A função principal da escola, na era industrial, era manter os estudantes sob controle e ordem, adequando-se dessa forma ao modelo fabril e à máquina industrial. Pretendia-se, no entanto, preparar os sujeitos que nela se formavam para adequar-se às normas da indústria, contribuindo com sua força de trabalho.

O processo de industrialização trouxe grandes influências para as instituições escolares, pois se precisava adequar as pessoas para exercer a mão de obra na fábrica, e, para tanto, era necessário que estas fossem habituadas a obedecer, se manterem em ordem, e não instruí-las para o desenvolvimento intelectual e científico. Em decorrência disso, as escolas adequavam seus currículos à situação vigente, instruindo seus discentes a adequar-se às demandas do capitalismo.

De acordo com Gounet (1999), o Fordismo, modelo de produção em massa, criado por Henry Ford, revolucionou a indústria automobilística e produziu a primeira linha de montagem automatizada. Com o esquema taylorista/fordista, começa-se a pensar a organização do trabalho e sua administração de uma forma científica.

Esse modelo demandava um tipo de trabalhador que fosse objetivo, eficiente. Não se pensava ainda em um trabalhador flexível e com muitas competências, pois o trabalho era fragmentado, a produção padronizada, sendo o

mesmo caracterizado pela força física, havendo desta forma uma radical separação entre planejamento e execução do trabalho.

Vale destacar que as linhas de montagem, além de transformar as condições de trabalho do Homem, inspirou os educadores da primeira metade de século XIX a basearem seus modelos de ensino na imagem da linha de montagem. Senge (2005, p. 30) destaca que

De fato, a escola pode ser o exemplo mais completo na sociedade moderna de uma instituição que foi totalmente modelada pela linha de montagem. Como qualquer linha de montagem, o sistema foi organizado em estágios discretos. Chamados de séries, segregaram as crianças por idade. Todos deveriam subir de um estágio para outro juntos. Cada estágio tinha supervisões locais – os professores responsáveis por ele. Classes de 20 a 40 alunos reuniam-se por períodos especificados em um dia marcado para testes. Toda a escola havia sido projetada para andar em uma velocidade uniforme, completa, com sinetas e horários diários rígidos. Cada professor deveria saber o que deveria ser tratado para manter a linha andando, embora tivesse pouca influência na velocidade preestabelecida, que era determinada pelos conselhos escolares e currículos padronizados.

O modelo da linha de montagem alterou também a maneira que se estrutura o currículo escolar e conseqüentemente as relações cotidianas. Passou-se a manter o controle, a disciplina e a ordem nas relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo de educar. Vale ainda ressaltar que “[...] o modelo industrial das escolas não apenas mudou a maneira como os estudantes aprendiam, como também mudou o que era ensinado.” (SENGE, 2005, p. 31).

Compartilhando do mesmo pensamento de Senge (2005), Sibilia (2012, p. 30) afirma que

[...] entre as imensas transformações implicadas pela modernização do mundo, mudou muito o que se considerava que convinha aprender: quem tinha de saber o quê, através de quais procedimentos e com que objetivos. Por isso o que hoje chamamos “educação” funcionava de modos diferentes antes da instauração original dos modernos estabelecimentos de ensino coletivo.

Basicamente o modelo de funcionamento da escola era inspirado nas linhas de montagem, tal como na fábrica, a escola passava a controlar seus estudantes assim como se controla uma máquina. As crianças, no entanto, teriam que passar horas sentadas durante períodos de tempo estabelecidos por seus superiores.

A primeira e mais capital etapa do adestramento infantil deveria ser dedicada, portanto, a acostumar as crianças a ficar sentadas em seus lugares durante períodos regulares e previamente estabelecidos, obedecendo as ordens de seus superiores. Ou, como traduz o especialista brasileiro Alfredo Veiga Neto, “ensinar as crianças a ocupar melhor seu tempo e seu espaço” e “de forma comum ou padronizada”. O primordial, portanto, era forçar essa adaptação dos corpos infantis às definições radicalmente novas do tempo e do espaço que se anunciaram na modernidade, já que “qualquer um pode aprender as coisas relativas à cultura mais tarde, até mesmo fora da escola”. (SIBILIA, 2012, p. 28).

Como se percebe, a ideia que ainda se repercute nas escolas em manter crianças sentadas e estáticas remonta a um tempo distante. Muito do que se vivencia hoje no espaço escolar é consequência do pensamento educacional enraizado nas origens das linhas de montagem.

Senge (2005) também enfatiza que o sistema escolar estruturado em linhas de produção tem criado muitos problemas para pais, estudantes e professores, os quais ainda repercutem nos dias atuais, tais como os rótulos criados para as crianças mais desenvolvidas cognitivamente e as que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Criou definição operacional de crianças espertas e crianças burras; aquelas que não aprendiam à velocidade da linha de montagem para manter o passo, sendo rotuladas como “lerdas” ou, no jargão que atualmente está mais na moda, “com dificuldades de aprendizagem”. Estabeleceu a uniformidade do produto e do processo como uma norma, supondo a forma ingênua que todas as crianças aprendem da mesma forma. Transformou os educadores em controladores e inspetores, modificando a relação tradicional entre mentor e pupilo e estabelecendo a aprendizagem centrada no professor, em vez de no aprendiz. A motivação passou a ser responsabilidade do professor, em vez do educando. A disciplina tornou-se a observância de regras estabelecidas pelo professor ao em vez da autodisciplina. A avaliação passou a ser centrada em ganhar aprovação do professor em vez de levar o aluno a avaliar as próprias capacidades de forma objetiva. (SENGE, 2005, p. 31).

Seguindo o modelo da linha de montagem, o discente era visto como produto ao invés de construtor do conhecimento, como sujeito passivo que deveria ter o mesmo ritmo de desenvolvimento e aprendizagem dos seus pares. Os discentes, portanto, eram indivíduos moldados de acordo com os interesses do capital, uma vez que estes não exerciam sua autonomia e nem eram estimulados a refletir sobre suas ações, seus pensamentos e seus sentimentos.

Sibilia (2012) destaca que, baseando-se no pensamento industrial, o qual percebia “cada corpo como a peça de uma máquina”, as escolas precisavam manter

a disciplina, delimitando regras, limites, seus espaços e tempos. Dessa forma, era necessário criar paredes nas escolas para que os sujeitos fossem confinados, mantendo dessa forma a ordem e modelando seus comportamentos.

Sua chave consiste em encerrar os indivíduos num espaço delimitado por paredes, grades e fechaduras, com o interior idealmente diagramado para os fins específicos de cada instituição, em intervalos regulares de tempos, cujos limites e pautas devem ser igualmente estritos. Rotinas idênticas e progressivas se repetem em tais condições, com frequência diária e durante longos períodos de vida de cada sujeito. (SIBILIA, 2012, p. 28)

Compreendo que somos sujeitos ativos na sociedade e construtores de conhecimento e transformadores do ambiente em que atuamos, portanto, compartilho do pensamento de Sibilía (2012), ao enfatizar que a escola é uma máquina antiquada, uma vez que estamos no século XXI e mantemos as estruturas do século XX com recursos e pensamentos ainda do século XIX. Passamos por várias outras transformações, avançamos na Ciência e vivemos em um mundo densamente tecnológico. Os sujeitos da atualidade necessitam desenvolver novas competências e habilidades.

Ao observá-la sob o prisma histotuiográfico, essa instituição ganha os contornos de uma *tecnologia*: podemos pensá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo. E não é muito difícil verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vai se tornando *incompatível* com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI. (SIBILIA, 2012, p. 13).

Entendo a escola como um espaço em constante evolução e de aprendizado, pois, nas experiências que temos com o ambiente e o outro, estamos produzindo conhecimento e ampliamos a nossa capacidade de aprender. Nesse sentido, considero os rituais que ocorrem no cenário escolar como essenciais nesse processo de construção do Ser, do mundo e da vida.

[...] as escolas servem como ricos repositórios de sistemas de rituais. Que os rituais representam um papel crucial e inenarrável no conjunto de existência do estudante; e que as dimensões variadas do processo ritualístico são intrínsecas aos eventos e transações da vida institucional e na tessitura da cultura da escola. [...] para o educador falar de maneira inteligível e reveladora a respeito do comportamento humano no meio escolar, o conceito de necessidades rituais deve ser examinado em toda a sua complexidade e multiplicidade; além disso, esse conceito deve ser considerado reconsiderado e reexaminado a partir de um novo ponto de

vista teórico, que una a demonstração gestual e o significado simbólico a *construção* da realidade, ao invés de simplesmente *refletir* a realidade. (MCLAREN, 1991, p. 29).

É necessário refletir sobre os rituais que ocorrem no cotidiano da escola e como se manifestam as trocas de cultura, conhecimento, conceitos e ideologias nesse cenário, cujas práticas transformam vidas. Considero, portanto, essencial refletir seus impactos e como esses se manifestam, mediante seus símbolos, na subjetividade do aprendiz. Como o estudante é percebido em sua individualidade? Quais as dúvidas, anseios, traumas e conflitos ele carrega? Quais alegrias e prazeres o espaço escolar tem lhe proporcionado?

Ainda no que se refere à importância do espaço escolar no desenvolvimento do discente, Barguil (2006, p. 123) declara:

É por demais recorrente a ideia (e o sentimento) dos atores pedagógicos de que a escola é uma prisão, sendo a sala de aula o local onde isso mais se manifesta. Considerando-se ser a sala de aula que ocorre (ou deveria ocorrer...) a aprendizagem, é interessante se indagar qual a influência que essa sensação de aprisionamento pode ter no desenvolvimento dos alunos. E mais: seria possível construir um espaço onde isso fosse contradito?

Considero a sala de aula como um dos cenários principais na constituição do discente, por ser o espaço de maior permanência dentro da escola, no qual se estabelecem trocas de saberes, socialização de conhecimento, interação entre os pares. Destaco, também, a importância de analisar os demais espaços da escola no desenvolvimento da subjetividade do estudante.

Mesmo considerando o espaço da sala de aula como importante na construção dos saberes, vale destacar que a aprendizagem acontece antes de tudo no cenário da vida, nas relações que mantemos no mundo em que habitamos. Nesse sentido, compartilho do pensamento de Senge (2009, p. 36):

[...] nossa capacidade de aprender em qualquer cenário formal como a escola depende, em grande parte, da oportunidade de aplicar novas ideias ou visões a desafios que nos sejam significativos. Todavia, como o modelo centrado na sala de aula é dominante, os muitos locais onde a aprendizagem ocorre na vida de uma criança – pracinhas, lar, o teatro, equipes esportivas e (para muitos) as ruas – são rejeitados. Cada relação na vida de uma criança carrega uma dimensão de aprendizagem potencial. Tudo o que ela faz pode ser feito em um espírito de aprendizagem. Todos esses locais de aprendizagem são invisíveis do ponto de vista da sala de aula.

Acredito, portanto, que a aprendizagem ocorre nas relações dos sujeitos com o mundo e que estas se manifestam na sala de aula. No entanto, tendo em vista que a sala de aula ainda se constitui como um dos principais cenários de aprendizagem, é fundamental que o professor utilize da mesma para um encontro contínuo de aprendizagem, trocas de saberes e experiência entre todos os agentes pedagógicos, tornando, assim, esse espaço-tempo uma grande oportunidade de ensino e de aprendizagem.

Os estudantes, no entendimento de Senge (2009), constituem os únicos atores que estão em contato contínuo e que percebem por seus vários ângulos os três sistemas da educação escolar: a sala de aula, a comunidade e a escola. A escola, portanto, precisa se comprometer com todos as pessoas envolvidas, principalmente os estudantes para que eles possam evoluir.

Considerando o Homem como um ser em constante aprendizagem, e que esta ocorre nas suas experiências cotidianas e com o mundo, comungo do pensamento de Barguil (2006, p. 130):

[...] o Homem desde o início se relaciona com a natureza, num processo que se tornou cada vez mais intencional e elaborado, formulando conhecimento necessários para uma sobrevivência, aqui entendida para além da dimensão material, sempre mais satisfatória. A experiência e as descobertas advindas do cotidiano, quando compartilhadas com seus pares, representavam uma situação com potencial educacional, resultando daí que os atos de ensinar e aprender têm, originalmente, relação estreita com a vida.

Compreendo a escola como o espaço não apenas que se aprende a escrever, a ler e a contar, mas o lugar no qual as pessoas aprendem a conviver em sociedade, a expressarem seus saberes, adquirem conhecimentos e desenvolvem suas potencialidades.

Para tanto, entendo a Educação como essencial e necessária na formação do cidadão, pois é no processo de educar que está entrelaçado o preparo do indivíduo para a vida, o desenvolvimento de sua capacidade de aprender, de expressar e refletir, o estímulo de seu raciocínio lógico, o desenvolvimento de sua autonomia e interação entre seus pares. No ato de educar, estão expressos muito significados que, às vezes, se encontram implícitos nas trocas do espaço escolar.

Nós estamos em constante aprendizado, pois a vida nos permite a cada dia novas experiências, desafios, metas a serem cumpridas, objetivos a serem

alcançados e superações. Como aprendizes no cenário da vida, entendo o aprendizado como algo contínuo, portanto, a escola deve rever suas técnicas, seus métodos, seus conteúdos, e conseqüentemente buscar evoluir no decorrer de cada nova geração.

É nesse sentido que indago sobre as escolas na atualidade: “Elas estão repensando seus currículos, suas metodologias, suas práticas, suas vivências cotidianas?”, “Que sujeitos buscam formar para o século XXI? Um ser passivo aos fenômenos sociais, políticos, econômicos, ambientais ou um sujeito crítico, pensante, reflexivo e consciente de suas ações no mundo em que vive?”, “O que as escolas consideram importante ensinar?”, “Estamos dando vida à escola ou continuamos tentando ressuscitar (ou manter vivas) as escolas do passado?”, “O que os discentes pensam, sentem e aprendem na escola?”, “Como o cotidiano impacta subjetivamente na vida dos seus aprendizes?”.

São essas e várias outras inquietações que surgem quando tento repensar o cotidiano e sua relação na formação do cidadão. No cotidiano da escola, encontra-se o que é real, o expresso e o que impacta e traz significados na vida de cada aprendiz. É nas vivências, no toque, no contato verbal, gestual, na organização do espaço e na sintonia de tudo o que ocorre nele, a partir do momento em que o aprendiz entra na escola, que se formam identidades, conceitos, opiniões e se transmite valores, conhecimentos e estabelecem trocas de saberes. Portanto, entendo ser imprescindível refletir sobre como esse cotidiano transforma e impacta na vida dos estudantes.

4.3 Educação e Formação Integral do estudante

“Se quisermos que o mundo melhore,
precisaremos de escolas que aprendam.”
(Peter Senge)

Nos últimos anos, a discussão no que concerne à formação integral do estudante tem sido alvo de debates no campo educacional. Objetivando constituir uma Educação para além do capital, muitos estudiosos têm se dedicado a formar o cidadão em sua integralidade, buscando, assim, que ele se perceba como agente transformador de sua realidade social.

A Educação está além do ensinar o domínio da leitura, escrita e das quatro operações. Educação é uma ação transformadora que está relacionada com as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos integrantes de um determinado grupo social, é a compreensão do sujeito como ser histórico e transformador do meio em que vive. Partindo desse pressuposto, pretendo refletir sobre Educação e a Formação Integral do Estudante.

Refletir sobre formação integral do estudante nos remete a vários questionamentos, tais como: O que é formação integral do estudante? Como se forma integralmente o estudante? Como as escolas refletem a formação do estudante em sua integralidade? Como articular as práticas educativas com a formação plena do aprendiz?

Para se entender a concepção de formação integral do estudante faz necessário investigar os processos educacionais que a escola e a sociedade têm proporcionado às novas gerações. A ideia de formar o Homem em sua integralidade tem suas raízes na cultura grega perpassando o humanismo renascentista, até chegar às concepções atuais.

No período medieval, a Educação católica estava fundamentada no pensamento escolástico, o qual buscava formar o Homem para a vida espiritual e moral, tendo o cristianismo como a principal vertente de formação da pessoa. Vale destacar que, no contexto Ocidental, na Idade Média a Igreja Católica exercia forte influência e poder sobre a Humanidade.

De acordo com Vicentino (2012), todo o poder e prestígio no período medieval eram desfrutados apenas pelo alto clero, ligados à elite feudal. No entanto, cabe destacar que Educação era um privilégio apenas das classes mais favorecidas, uma vez que o cuidado com a formação ética, espiritual e intelectual estava destinada a elite feudal da época e a força física aos pequenos burgueses.

Conhecida, durante muito tempo como “Idade das Trevas”, a Idade Média trouxe uma imensa cultura popular baseada nas festas religiosas, na Arquitetura e na Literatura. De acordo com Perry (1981), o pensamento escolástico buscava adaptar o conhecimento clássico à uma concepção cristã do mundo, usando dessa forma a Filosofia Grega para provar as verdades das doutrinas cristãs. Vale destacar que o Cristianismo se constituía como principal religião na Europa, o que influenciava as manifestações filosóficas, espirituais, educacionais da época.

De acordo ainda com Vicentino (2012), nas universidades medievais, os pensadores passavam a dar ênfase aos problemas mundanos, não apenas às questões espirituais. Pressupostos religiosos, como a fé e a salvação da alma, predominavam entre os discursos filosóficos. Com o desenvolvimento das cidades, as tradicionais escolas do período medieval, que eram dirigidas quase unicamente para a formação de religiosos ou nobres, expandiram-se, recebendo o nome de *universitates*, e começaram a atender os filhos de mercadores e comerciantes enriquecidos.

Vicentino (2012) declara que, em decorrência do nascimento das cidades e o desenvolvimento do comércio, surge uma nova classe, a burguesia, a qual ocupa a elite social, tendo a mesma dado destaque a cultura, a novos pensamentos filosóficos, à literatura, manifestações antes monopolizadas pela nobreza e a Igreja. Com a criação das *universitates*, os estudos eram divididos em *trivium*, período em que o estudante permanecia por oito anos na universidade, o qual era composto de gramática, retórica e lógica, e o *quadrivium*, formado por aritmética, geometria, astronomia e música. Após concluir esse período, escolhia uma das áreas em que desejava se especializar.

Ainda no que concerne à Idade Média, destacam-se no cenário pedagógico as ideias de Santo Tomás de Aquino, o qual, de acordo com Vicentino (2012), recuperando o pensamento grego aristotélico, pretendia construir uma filosofia pautada na racionalidade das coisas do mundo e do cotidiano, que haviam sido menosprezadas durante a Alta Idade Média. Santo Tomás acreditava que o Homem nascia predestinado a um determinado fim, mas que ele tinha o livre arbítrio, ou seja, poderia fazer suas próprias escolhas baseando-se no princípio da racionalidade, uma vez que, sem o auxílio da razão, a fé, sozinha, não indicaria o caminho da salvação eterna. O pensamento de Santo Tomás contrapõe-se ao de Santo Agostinho, que defendia os princípios platônicos do “mundo das ideias”¹.

Ainda segundo Vicentino (2012), Santo Agostinho pregava que:

¹ De acordo com os princípios platônicos, as coisas que captamos com os “olhos do corpo” são formas físicas, as coisas que captamos com os “olhos da alma” são as formas não físicas, o ver da inteligência capta formas inteligíveis que são as essências puras. As ideias são as essências eternas do bem, do belo, etc. Para Platão, há uma conexão metafísica entre a visão do olho da alma e do objeto em razão do qual tal visão não existe. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Plat%C3%A3o>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

O “mundo das coisas”, ou real, seria apenas a manifestação física do “mundo das ideias”. Se quiséssemos encontrar a Verdade, deveríamos procurá-la entre as coisas reais, do mundo material, mas entre as ideias do mundo espiritual. Assim, ele criou uma teoria que dava pouco valor às coisas “mundanas” ou “terrenas”, e supervalorizava o mundo espiritual. (VICENTINO, 2012, p. 46).

O latim era a língua que predominava na divulgação dos textos gregos e romanos da Antiguidade Clássica, bem como na socialização de hábitos, costumes, saberes, os quais eram considerados importantes pelas camadas dominantes da sociedade e que deveriam conhecidos pelas novas gerações.

De acordo com Vicentino (2012), a partir dos séculos XV e XVI, a Arte, a Ciência, a Literatura e o conhecimento em relação ao mundo e ao Homem passaram por algumas transformações, merecendo destaque o Renascimento, surgido na Itália, que tinha uma visão mais racional sobre o Homem e a natureza. Começava, então, uma Era que se contrapunha à estrutura medieval que tinha Deus como centro de tudo.

Vicentino (2012) declara que o Humanismo era o principal valor do Renascimento, segundo o qual o Homem ocupava o centro do mundo, como sendo a medida de todas as coisas. Passava-se, então, a valorizar o individualismo, pois acreditava-se que cada pessoa era responsável por seu sucesso ou fracasso, contrapondo-se à concepção teocêntrica de que as pessoas nasciam predestinadas por Deus. O racionalismo ganha grande importância, uma vez que os renascentistas consideravam que o conhecimento derivava da observação e da experimentação. Vale destacar ainda a supervalorização das manifestações alegres do cotidiano, a exaltação do belo expressas na Arte e na cultura popular medieval.

A valorização do Humanismo contribuiu para um desenvolvimento significativo da burguesia e do pensamento filosófico, o qual valorizava o conhecimento do Homem e da vida, os valores éticos e morais como a justiça, o amor, o respeito. Posteriormente, contudo, com o surgimento do Iluminismo, uma nova corrente filosófica, passa-se a valorizar o pensamento científico, o qual trouxe grandes contribuições no campo social, político, econômico e educacional.

A Educação em seus primórdios era essencialmente voltada para a cultivação do corpo e do espírito. Havia uma preocupação em atribuir valores éticos, morais e a contemplação com o belo, a natureza. Porém, o desenvolvimento do

Homem em sua plenitude estava destinado às classes mais favorecidas, uma vez que cabia a maioria o trabalho material, a força de trabalho.

Com a expansão do capitalismo, de acordo com Tonet (2007, 2008), o trabalho passa a ser visto como uma forma de produção de mercadoria e acumulação de dinheiro. Havendo, dessa forma, uma dicotomia entre trabalho material e intelectual. Essa dicotomia entre trabalho material e espiritual, intelectual, acentuou as diferenças de classes, impossibilitando dessa forma uma concepção sobre formação plena do Homem. A educação estava mais pautada em princípios políticos e comerciais do que em princípios éticos voltados para a formação do cidadão em sua integralidade.

Gounet (1999) destaca a indústria automobilística como principal precursora do desenvolvimento do capitalismo e da evolução da indústria. A industrialização contribui para um novo modelo de Homem, o qual precisa se adequar às demandas do mercado e ao desenvolvimento tecnológico. Vale ainda destacar que a industrialização trouxe novas técnicas e ferramentas de trabalho, contudo a acumulação de excedentes tem trazido novos antagonismos de classes: explorados e exploradores, dominados e dominantes.

Consequentemente, a concepção de integralidade da pessoa e os valores a serem vivenciados nos currículos escolares, bem como a estrutura de seus espaços, tem se modificado. A escola busca, de acordo com a lógica do sistema capitalista, atender as demandas da atual sociedade mercadológica.

A Educação é responsável não só pela transformação social, mas um poderoso mecanismo para transformação humana em seus aspectos políticos, econômicos, espirituais. No entanto, dentro de uma sociedade mercadológica, aquela tenderá a enaltecer os interesses do capital.

Desde seus primórdios, a Educação tem sido privilégio de alguns. Na era industrial, a classe operária é educada para continuar com os serviços braçais e servir a seus superiores, enquanto a elite usufrui de uma educação intelectual mais sofisticada. No entanto, para que a escola cumpra com seu papel em formar o ser humano para a cidadania, para a transformação social, tendo como princípios a igualdade, a solidariedade e seu pleno desenvolvimento humano, faz-se necessário romper com a concepção dualista de educação, vislumbrando dessa forma a humanização do Homem.

O ideal de Educação tem se modificado ao longo dos séculos. É atribuição das novas gerações resgatar os princípios básicos de humanização estabelecidos na Grécia Antiga, para que as futuras gerações desenvolvam o cuidado com a natureza, a valorização do belo, a dignidade, a autonomia, a criticidade e assumindo a responsabilidade de suas ações no mundo. Freire (1980, p. 20) lembra que “[...] a educação deve preparar, ao mesmo tempo, para o juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar possibilidades de escolher o próprio caminho.”.

Paulo Freire (1980) defende o preparo do ser humano para a criticidade, a constituição de um cidadão crítico e consciente de suas ações. No atual cenário educacional, percebe-se uma exacerbada preocupação em melhorar dados estatísticos sobre o desempenho dos conteúdos aprendidos pelos estudantes, bem como a busca pelo padrão de excelência de escolas no que se refere aos melhores resultados em testes, e pouca preocupação com uma Educação de qualidade.

Armstrong (2008, p. 16) afirma que

A pressão para que obtenham notas mais altas nos testes e nas demandas para que *todos* os alunos exibam alta proficiência em leitura, matemática, ciências está provocando reverberações em todos os níveis da educação, resultando em alunos estressados na última série do ensino médio, alunos violentos na 8^o série, alunos com déficit de atenção na 3^a, e alunos de 4 anos que tiveram suas infâncias roubadas.

Nesse sentido, complementando o pensamento de Armstrong (2008), Arroyo (2013, p. 50) enfatiza que

As políticas, diretrizes e normas coincidem na priorização de currículos baseados em competências, nas avaliações de resultados, na pressão sobre os docentes, seus compromissos e responsabilidades. Coincidem na sua exposição ao massacre na mídia das escolas, seus mestres, coletivos e alunos com baixos desempenhos. Os currículos, as avaliações e a criatividade docente que se tornaram nas últimas décadas espaços de disputa, renovação e criatividade de coletivos foram fechados e cercados para serem tratados como territórios de controle, não mais de disputa. Territórios sagrados a serem cultuados. Logo controlados com novos rituais. O próprio campo do conhecimento objeto de disputa político- libertadora passa a ser objeto de controle.

Defendo que a escola possibilite aos estudantes momentos de aprendizagens que relacionem a inteligência com as emoções, os afetos, sendo necessário que eles estabeleçam sentido às suas ações. No entanto, como

assevera Sacristán (1998), o currículo das escolas é responsável pelos conteúdos selecionados, sendo desta forma o responsável pelos procedimentos de controles sobre as práticas educativas dos docentes.

A partir do exposto, é necessário indagar: “Que perfil de estudante desenvolver?”, “Como podemos desenvolver as capacidades físicas, cognitivas, psicológicas e espirituais dos estudantes com o mínimo de constrangimento?”, “Como canalizar o interesse de nossas crianças e jovens em aprender e descobrir a paixão e desejo pelo mundo do conhecimento?”, “Como desenvolver o ser humano em sua integralidade, respeitando suas individualidades e ao mesmo tempo reconhecendo-os como seres multiculturais?”.

A escola é um espaço-tempo privilegiado na divulgação e vivência de valores relacionados ao desenvolvimento integral do Homem, motivo pelo qual busco investigar as suas metodologias e práticas de ensino, bem como seus ideais, os quais se expressam no cotidiano.

É com preocupação que percebo as escolas muito preocupadas apenas em alcançar bons resultados em avaliações externas, pois isso influencia as ações docentes e de todos os que compõem esse ambiente. Compartilho do pensamento de Armstrong (2008, p. 19), quando afirma que

A aventura da aprendizagem, a fascinação da natureza e da cultura, a riqueza da experiência humana e o prazer de adquirir novas capacidades parecem ter sido abandonados ou seriamente reduzidos na sala de aula devido à inclinação ao atendimento de cotas, prazos, padrões de referência, ordens e objetivos.

Será que a busca incansável pela obtenção de índices tem deixado o desenvolvimento integral dos estudantes de lado? Armstrong (2008) denomina essa busca como Discurso dos Resultados Acadêmicos. Essa expressão encontra-se nas recomendações do Committee on Secondary School Studies, também conhecido como *Committee of Ten*, ocorrido nos EUA no século XIX e publicado em 1893.

Esse grupo, criado pela National Education Association e presidido pelo reitor de Harvard, Charles Eliot, reuniu-se com o intuito de ordenar uma população estudantil cada vez mais diversa que surgira ao longo do século XIX nos Estados Unidos. Especialmente importante foi a questão de quando o currículo deveria refletir as necessidades dos alunos que buscavam à universidade e dos alunos que não prosseguiriam com seus estudos após finalizarem o ensino médio. O Committee of Ten reconheceu a diferença existente entre as necessidades dos alunos que encaminhavam-se para a faculdade e dos que não o fariam, mas recomendou, em primeiro lugar, que

ambos os grupos cursassem um currículo acadêmico baseado quase inteiramente em um formato preparatório para a universidade (Pulliam e Van Patter, 1988). Dessa forma, o resultado acadêmico tornou-se a pedra angular da Educação dos Estados Unidos, uma prática tendenciosa até hoje. (ARMSTRONG, 2008, p. 28).

No entendimento de Armstrong (2008), também conta como significativo para o Discurso de Resultados Acadêmicos a criação e a proposição de testes. As escolas têm se destacado quanto ao desenvolvimento das crianças e adolescentes baseando-se no desempenho dos estudantes em pré-testes, avaliações, progresso adequado anual, etc.

Para que se atinja esse objetivo, contudo, todos os envolvidos nesse processo de educar mobilizam-se para que essas metas sejam alcançadas. Importante, contudo, investigar os estudantes estão sendo contemplados em sua integralidade nesse processo.

Essa expressão [Discurso de Resultados Acadêmicos] é empregada para designar a totalidade de atos de fala e comunicações escritas que consideram que o propósito central da educação é o de apoiar, estimular e facilitar a capacidade que o aluno tem de obter notas e pontuações altas em testes padronizados na escola, especialmente em disciplinas que compõem o núcleo central do currículo acadêmico. (ARMSTRONG, 2008, p. 22).

De acordo ainda com Armstrong (2008), esse tipo de aprendizagem não proporciona satisfação ao estudante, uma vez que ela ocorre como uma preparação para o futuro.

Os educadores querem que os alunos tenham bons resultados acadêmicos para que estejam prontos para algo que ocorrerá mais tarde (por exemplo, desafios, faculdade ou emprego). Às vezes, é o futuro próximo que está no centro da questão. Por exemplo, um professor da pré-escola poderia dizer algo como “preferiria que meus alunos não fizessem tantos exercícios, mas tenho que deixá-los para o rigor da 1ª série. Uma expressão frequentemente usada na educação da primeira infância, “estar pronto”, é um forte indicador de que o Discurso de Resultados Acadêmicos está presente. (ARMSTRONG, 2008, p. 24).

Defendo que o estudante seja preparado para o mundo do trabalho e o ingresso na universidade. No entanto, a aprendizagem de forma mecanizada, conteudista e excludente não proporciona o desenvolvimento integral do indivíduo visando ao exercício da cidadania.

É importante, também, frisar que o perfil de estudantes que temos atualmente nas instituições escolares segue os parâmetros do modelo da sociedade em que vivemos. Precisamos preparar os estudantes para se adequar ao seu tempo histórico. Sibilia (2012, p. 49-50) assevera que:

Assim, numa sociedade fortemente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e instada a adotar com rapidez os mais surpreendentes avanços tecno-científicos, em meios aos vertiginosos processos de globalização de todos os mercados, entra em colapso a subjetividade interiorizada que habitava o espírito do homem-máquina, isto é, aquele modo de ser trabalhosamente configurado nas salas de aula e nos lares durante os dois séculos anteriores. Assim, junto com os deslumbrantes espaços e utensílios que a contemporaneidade deu à luz, proliferam outras formas de construir a própria subjetividade e também novas maneiras de nos relacionarmos com o outro e agirmos no mundo.

A escola precisa de novos padrões que ultrapassem os moldes da escola tradicionalista, mecanicista e homogeneizada. O perfil de sujeito almejado nos currículos escolares encontra-se ultrapassado no que se refere às velozes mudanças do século XXI. Diante do avanço das tecnologias e da crescente globalização, não apenas as gerações mais novas, mas todos se encontram seduzidos pelas aparelhagens eletrônicas e o mundo cibernético.

No entanto, esse novo ambiente é antagônico aos moldes escolares, o que gera um choque entre os corpos e subjetividades contemporâneos e a escola. O ambiente escolar seria aquilo que "[...] teria permanecido imutável num mundo que se move aceleradamente." (SIBILIA, 2012, p. 52).

Entendo a escola como principal promotora da aprendizagem em todos os aspectos do sujeito, condizendo também com seu tempo histórico. É preciso preparar o indivíduo dentro de suas individualidades, considerando seus aspectos físico, emocional, cognitivo, porém seguindo os avanços de seu tempo e espaço.

Armstrong (2008) ressalta ainda que o Discurso de Resultados Acadêmicos é comparativo por natureza, uma vez que os resultados dos testes tem servido para comparações entre o desempenho individual de um estudante e um grupo coletivo de estudantes. Percebe-se, contudo, que a ênfase não está no processo de aprendizagem discente, mas no resultado final.

Há uma preferência notória no Discurso de Resultados Acadêmicos pelas comparações entre alunos, escolas, distritos escolares, Estados ou mesmo países, sem observar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo no interior de cada um desses grupos. Assim, por exemplo, o desempenho

individual de um aluno em teste padronizado será comparado ao desempenho de um grupo de alunos que fizeram o mesmo teste sob circunstâncias equivalentes em outro momento e lugar (uma medida “normativa”). Essa abordagem tem preferência no Discurso de Resultados Acadêmicos, e não a observação da evolução do aluno ao longo do tempo (uma medida que remete à “ipseidade”). Em nível organizacional, os escores dos testes são usados no Discurso de Resultados Acadêmicos a fim de comparar o desempenho individual das escolas ou de distritos escolares de um Estado. (ARMSTRONG, 2008, p. 24).

De acordo com o autor acima, esse Discurso tem supervalorizado os resultados dos testes e elaborado comparações através deles em nível geral entre municípios e Estados. Entendo que não convem comparar resultados de testes e avaliações externas, uma vez que as escolas, os professores e os aprendizes encontram-se em realidades sociais diferentes.

Defendo uma Educação pautada no desenvolvimento pleno do educando, considerando suas singularidades e o contexto sócio-histórico do qual fazem parte. Vale ainda destacar que a busca pelo alcance de metas, notas e níveis de desempenho dos estudantes tem modificado as dinâmicas curriculares e as ações pedagógicas ocorridas no cotidiano escolar.

Muito do ímpeto do Discurso de Resultados Acadêmicos não vem dos educadores em sala de aula, mas dos indivíduos que têm poder político, como, por exemplo, o presidente, os governadores, os legisladores, os executivos de grandes empresas. Com base em seus atos de fala (por exemplo, “nossas crianças estão ficando para trás no mercado de idéias”) e em seus textos escritos (por exemplo, leis como a NCLB²), eles criam um clima segundo o qual os educadores devem engajar-se no Discurso de Resultados Acadêmicos. Aqueles que estiverem mais comprometidos esse discurso no campo da educação serão, da mesma forma, indivíduos em posições de poder – por exemplo, altos funcionários da educação do Estado, superintendentes, diretores e outros tipos de administradores. Estes, por sua vez, criam um ambiente que exige daqueles que estejam sob seu comando (professores) que falem a mesma língua, especialmente quando em presença desses supervisores e administradores. (ARMSTRONG, 2008, p. 26)

Os professores têm a responsabilidade de fazer os estudante chegarem a objetivos traçados pelo sistema, o qual exerce um poder sobre as escolas. É importante, no entanto, refletir sobre as práticas do professor em sala de aula, pois as exigências para obtenção de resultados interfere nas práticas pedagógicas, bem como considerar as condições por ele vivenciadas.

² Lei “No Child Left Behind”.

Apesar dessa pressão, defendo que os professores não se acomodem e lutem pela transformação da Educação e em prol da sua autonomia profissional, assim como pela formação integral do estudante, contribuindo para um futuro melhor, pois “[...] a finalidade do conhecimento é também principalmente a de produzir respostas às verdadeiras necessidades humanas.”. (BRANDÃO, 2012, p. 60).

A ênfase em notas, escores e testes traz muitas consequências negativas para o campo educacional, bem como para o bom desenvolvimento dos estudantes em seus aspectos físico, social, emocional, espiritual, ético e cognitivo, uma vez que

Pelo fato de o academicismo enfatizar as disciplinas acadêmicas centrais (leitura, escrita, matemática e ciências), os componentes do currículo considerados à margem (arte, música, educação física, ec.) são negligenciados. (ARMSTRONG, 2008, p. 34).

Contraopondo-se ao Discurso de Resultados Acadêmicos, Armstrong (2008) enfatiza o termo Discurso do Desenvolvimento Humano, o qual pretende o crescimento humano integral, mediante um currículo flexível, que valoriza experiência para o desenvolvimento do indivíduo.

O Discurso de Desenvolvimento Humano é o registro das experiências de aprendizagem reais de cada aluno ao longo do tempo. Isso inclui o que o aluno disse, desenhou, escreveu, sentiu, cantou, experimentou, pensou (naquilo que se revele objetivamente), demonstrou ou expressões de maneira significativa em um contexto de aprendizagem real. (ARMSTRONG, 2008, p. 50-51).

Diferentemente do Discurso de Resultados Acadêmicos que busca atingir o sucesso escolar através de notas obtidas em testes, o Discurso do Desenvolvimento Humano considera o indivíduo em sua integralidade e busca desenvolver ambientes de aprendizagens, promovendo a interação, a autonomia, a criticidade e seu pleno desenvolvimento. Nessa perspectiva, cada indivíduo é um ser cultural, singular e ao mesmo tempo coletivo.

Há um respeito por qualquer aluno e por seu estilo e ritmo específicos de aprendizagem, bem como uma apreciação dos interesses, das aspirações, das capacidades, dos obstáculos, dos temperamentos e dos históricos que formam a base sob a qual uma pessoa cresce. Em vez de insistir na necessidade de um aluno dominar tal assunto, o Discurso do Desenvolvimento Humano está muito mais preocupado em moldar o currículo às necessidades específicas do aluno. Em vez de impor o que

todos os alunos devem aprender, o Discurso do Desenvolvimento Humano implica a criação de ambientes de aprendizagem que permitam ao aluno fazer escolhas significativas sobre o que aprenderá ao longo de suas experiências escolares, a fim de ajudá-lo a desenvolver a sua versão particular do que seja um ser humano integral. (ARMSTRONG, 2008, p. 51).

A escola é o espaço-tempo destinado a desenvolver as potencialidades das pessoas, suas virtudes. Limitar a aprendizagem em atividades que contemplam apenas a mecanização de conteúdos não garante o direito à vida, à humanização do Homem e seu avanço quanto ao uso das tecnologias, à compreensão de si mesmo, do outro e do mundo que o cerca.

Arroyo (2012, p. 44), entende ser necessário

Alargar a função da escola, da docência e dos currículos para dar conta de um projeto de educação integral em tempo integral que articule o direito ao conhecimento, às ciências e tecnologias com o direito à culturas, aos valores, ao universo simbólico, ao corpo e suas linguagens, expressões, ritmos, vivências, emoções, memórias, identidades diversas.

É fundamental no processo formativo que o indivíduo compreenda a si mesmo, sua cultura, seus valores, suas crenças e a realidade na qual se encontra para que possa compreender as várias possibilidades de comunicação com o outro e as várias possibilidades para transformação social, histórica e de si mesmo.

Para que o indivíduo conviva em harmonia e criticamente entre seus pares, é necessário que ele amplie suas visões sobre sua origem, as transformações históricas e a complexidade do próprio ser. Postulo que a escola tem o papel social de buscar, em suas ações cotidianas, o desenvolvimento pleno do ser, não se restringindo aos conteúdos acadêmicos.

Brandão (2012, p. 46-47) ressalta que o papel da escola:

É recuperar o que, em outros tempos, ora chamávamos de consciência crítica, ora de vida interior. É fazer circular entre redes de *entre-nós* – de pessoas vocacionadas ao dom, à troca, à reciprocidade e á partilha generosa – a experiência do criar saberes e sentidos através dos quais valha a pena aprender algo. Realizar essa aventura da mente e do coração, em vez de apenas reproduzir sujeitos centrados em um crescente “*mim-mesmo*”, e condicionados a acumular informações e conhecimentos utilitários através dos quais uma pessoa social se transforma em um indivíduo- de- mercado. Isto é, uma impessoal mercadoria residualmente humana e (ela bem sabe) tão descartável quanto uma obra qualquer.

É atribuição da escola repensar seu currículo quanto à flexibilidade de seus conteúdos e a conexão entre as disciplinas. Ressalto ainda a importância de os

professores reverem suas práticas pedagógicas, metodologias e ações de modo especial na sala aula. Embora entenda que é na escola, como um todo, que valores e identidades individuais são desenvolvidas, a sala de aula é o espaço privilegiado para tal mister.

O conhecimento exige um primeiro esforço mais íntegro e ativo do diálogo. Sendo um momento do aprendizado, ele não corresponde somente a informações cumulativas e funcionais que nos obrigam à fixação de regras e manejos do que a qualquer exercício de reflexão. Para conhecer através do aprendizado importa não apenas dominar uma técnica ou compreender uma questão, mas refletir sobre o que se aprende e conhece. Conhecer implica possibilidades da interpretação, de desacordo, de um diálogo-com, através do qual o que eu aprendo não é exatamente o que leio ou ensinam-se. É mais do que isso, ou algo diferente. Aprendo um conhecimento quando torno meu o pensamento de outro através do meu. (BRANDÃO, 2012, p. 47).

Ressalto como fundamental a promoção do diálogo entre todos os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem, uma vez que é mediante a interação que os saberes são socializados, ocorrendo a troca de conhecimentos, experiências e ideias que contribuem para o crescimento do indivíduo e suas ações na sociedade.

Sonho com uma educação que reconheça o ser humano como ser histórico e construtor de histórias, um sujeito ativo, pensante, singular, que cultiva

[...] as habilidades do aluno, de modo que seu futuro possa incluir relações exitosas com os outros, serviços significativos à comunidade, maturidade emocional, comportamento ético e paixão pela aprendizagem, entre muitas outras metas não- acadêmicas. (ARMSTRONG, 2008, p. 52).

No que concerne ao papel da educação para o desenvolvimento integral do estudante, Brandão (2012, p. 49-50) compartilha do mesmo pensamento de Armstrong (2008) quanto ao Discurso do Desenvolvimento Humano:

Uma educação que forme pessoas para serem solidárias e sujeitos participantes da transformação de si mesmos, de suas próprias vidas e destinos, de seus outros ao longo de suas vidas interconectadas, dos mundos sociais, em que vivem suas vidas. Uma educação que conspire contra todo o processo em marcha de robotização do humano, de horizontes curtos e funcionais, de um individualismo que de forma alarmante torna-se, depressa demais, a maior das virtudes, em um mundo em que o “sucesso na vida” parece ser tudo o que as melhores escolas prometem e em que um mundo pleno de “privê” parece ser o único paraíso pelo qual vale a pena estudar e “vencer na vida”.

Acredito numa Educação integral que vê o ser humano como agente transformador do seu meio, que divulga valores de conscientização sobre a natureza, o respeito aos direitos humanos, a diversidade, os princípios étnicos e busquem a transformação social.

Imagino uma educação que conceba pessoas criativas, compromissadas, competentes, que defendam seus direitos e cumpram com seus deveres de cidadãos. Defendo que a escola ajude a desenvolver o indivíduo em sua plenitude, ensinando-o para a vida em sociedade.

5 O CAMINHAR METODOLÓGICO

“Metodologia [...] é uma palavra de origem grega que significa o pensar (logos) sobre um caminho (ódos) para se chegar a um determinado objetivo (meta). É essencial na pesquisa planejar esse caminho, mesmo sabendo que, na maioria das vezes, o planejamento é modificado no decorrer do processo”. (MATOS; VIEIRA, 2001, p. 57-58).

No presente capítulo, apresentarei os procedimentos de pesquisa e descreverei a metodologia utilizada para obtenção dos dados analisados nesse estudo. Iniciarei, apresentando as categorias de análise e abordarei a metodologia utilizada na pesquisa. Em seguida, mostrarei o contexto da escola *lócus* de pesquisa e os critérios para a escolha dos sujeitos, bem como os procedimentos e técnicas de acordo com os autores Minayo *et al* (1994), Matos e Vieira (2001), Moreira e Caleffe (2006), Franco (2008) e Sakamoto e Silveira (2014), os quais possibilitaram a análise dos dados. Por fim, descreverei o modo de tratamento e análise dos dados.

5.1 As categorias de análise e a metodologia adotada

A presente pesquisa foi constituída a partir das seguintes categorias de análise: *Escola*, procurando entender seu papel na formação do cidadão e suas ações pedagógicas; *Currículo*, buscando compreender sua dinâmica e procedimentos pedagógicos utilizados em sala de aula; *Avaliação*, identificando características e repercussão nas práticas cotidianas e no contexto curricular; e, *Cotidiano*, discutindo rituais da escola que repercutem no processo de aprendizagem dos educandos.

Essas categorias foram criadas *a priori*, no projeto de pesquisa, uma vez que por meio delas busco identificar as práticas cotidianas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando. Neste caso,

segundo Franco (2008), as categorias são pré-determinados em função da busca da resposta específica do investigador. E, para essa pesquisa, considero as categorias citadas acima pertinentes para o material de análise e quadro teórico. Lembra Franco (2008, p. 67):

Uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido e ao quadro teórico definido. O sistema de categorias deve, também, refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens.

Para melhor compreensão das categorias de análise, dos procedimentos e técnicas utilizadas na pesquisa, trabalhei com a metodologia do Estudo de Caso, por acreditar ser a mais adequada para obtenção dos resultados que pretendíamos. De acordo com Sakamoto e Silveira (2014, p. 54), o “Estudo de Caso é uma modalidade de Pesquisa que se apoia na investigação de alguns casos particulares, porém, representativos, que possibilitam elaborar hipóteses válidas fundamentadas em construções teóricas plausíveis.”.

O Estudo de Caso é uma das metodologias mais utilizadas nas Ciências Sociais, segundo Vieira e Matos (2001). Mediante o Estudo de Caso, pode-se selecionar apenas um objeto de pesquisa, obtendo desse grande quantidade de informações e aprofundamento de problemáticas em seus aspectos mais relevantes.

O Estudo de Caso, considerado por Yin (2010) como método, de análise qualitativa das de informações coletadas e, neste sentido, podemos utilizar a observação, interagir com os participantes e ter maior aprofundamento dos aspectos em estudo. Considero ainda, de acordo com Yin (2010, p. 53), que

O caso desejado deve ser algum fenômeno da vida real, não uma abstração, como um tópico, um argumento ou mesmo uma hipótese. Essas abstrações, exceto a identificação de exemplos específicos ou casos, serviriam corretamente como sujeitos dos estudos de pesquisa usando outros tipos de métodos, mas não os estudos de caso. Para justificar o uso do método do estudo de caso, você deve dar um passo adiante. Deve definir um “caso” específico, da vida real para representar a abstração.

Entende-se que o caso escolhido para a pesquisa deve ser um fato específico da vida real que seja significativo e representativo. Considero o fenômeno aqui abordado, no caso, a dinâmica curricular cotidiana da escola como um fenômeno significativo e recorrente em determinado contexto real.

5.2 Procedimentos e técnicas

O exercício de pesquisar não pode acontecer de qualquer jeito. Ele requer atenção, tempo, cuidado, zelo. Não é tarefa fácil, pois precisa que o pesquisador tenha um olhar crítico e reflexivo diante dos dados que possa encontrar, bem como cuidado ao escolher os procedimentos que se adequem com a melhor interpretação do objeto de estudo. Há várias maneiras do pesquisador compreender e interpretar o objeto por ele estudado, bem como o contexto em que se encontra.

São dois os tipos de pesquisa, segundo a abordagem: a Pesquisa Qualitativa e a Pesquisa Quantitativa. De acordo com Sakamoto e Silveira (2014), a Pesquisa Quantitativa busca a objetividade e pretende traduzir em numerais as opiniões e informações coletadas. Contudo, a Pesquisa de cunho Qualitativo, por se tratar de uma análise descritiva, aborda aspectos da realidade, enfatizando o subjetivo como meio de compreender e interpretar experiências.

As pesquisas se caracterizam, segundo seus objetivos, em três modalidades: Exploratória, Descritiva e Explicativa. Essa investigação se materializa como Pesquisa Exploratória que “[...] é um tipo de Pesquisa que visa tornar familiares novos Objetos de estudo, muitas vezes buscando constituir um pensamento que permita posteriormente elaborar Hipóteses.”. (SAKAMOTO; SILVEIRA, 2014, p. 50) Compreendo que essa modalidade me possibilitou um melhor conhecimento da realidade em estudo.

Após a escolha da natureza dessa pesquisa não poderia deixar de respaldar, antes de tudo, em uma pesquisa de cunho bibliográfico, que possibilita conhecimentos teóricos que contribuem para uma reflexão e ligação da literatura sobre Escola, Currículo, Avaliação e Cotidiano Escolar com os objetivos dessa pesquisa e aprofundamento nos dados coletados.

Sem esse percurso metodológico, não seria possível a realização dessa investigação, pois se necessita em qualquer estudo de uma bagagem teórica e treinamento que a Pesquisa Bibliográfica proporciona. De acordo com Sakamoto e Silveira (2014), toda pesquisa requer um estudo bibliográfico.

No primeiro momento desse estudo, realizei uma pesquisa bibliográfica para familiarização com o tema em estudo, pois, de acordo com Matos e Vieira (2001), à medida que vamos desenvolvendo interesse por determinados termos, nos

familiarizamos com a literatura e estabelecemos uma relação das nossas reflexões e com as de outros pesquisadores.

Para tanto, utilizei o referencial teórico de autores como Freire (1987), Minayo *et al* (1994), Estrela e Nóvoa (1993), Gimeno Sacristán (1998), Matos e Vieira (2001), Esteban (2003), Goodson (1995), Silva (2009), Barguil (2000, 2006), Hoffmann (2001), entre outros, os quais têm sido referenciados em estudos da área educacional, sobretudo nos trabalhos que abordam as temáticas de escola, currículo, avaliação e cotidiano escolar.

Depois da leitura desses autores, entrei em contato com a escola para a permissão da realização da pesquisa, mediante uma carta emitida por meu orientador, apresentando-me como pesquisadora e meus objetivos. Após a permissão da escola para a coleta dos dados, iniciei a investigação.

5.3 A escola

O *lócus* dessa pesquisa é uma escola da Rede Municipal de Ensino de Cascavel-Ceará. A escolha da escola EMEIF Pequeno Polegar (nome fictício para preservar a instituição e os sujeitos envolvidos), decorre primeiramente do fato de ser natural de Cascavel e querer ampliar os estudos sobre o seu cenário educacional, uma vez que são poucos esses registros.

O segundo motivo desse estudo foi minha inquietação em saber como se configura o currículo escolar a partir das vivências cotidianas da escola e dos relatos de professores e estudantes, para assim compreender quais as suas implicações nos processos de ensino e de aprendizagem. Vale ainda destacar que a escola escolhida para a referida pesquisa, deu-se também pelo fato de esta ser considerada uma referência no que concerne aos bons resultados obtidos no Município quanto ao seu ensino, fato este que me impulsionou a compreender como se expressa seu currículo cotidianamente.

A EMEIF Pequeno Polegar é uma instituição filantrópica de pequeno porte, fundada em 1984, por Odílio Maia Moura e Maria Ana Célia Silva Borges, com a colaboração de demais conterrâneos da comunidade de Cascavel. O prédio da instituição foi doado em 12 de outubro de 1984, por Iolanda de Queiroz a pedido de seu filho Airton Queiroz, o qual pertencia ao seu pai, Edson Queiroz. A doação do casarão tinha o objetivo de atender, prioritariamente, aos filhos dos funcionários da

Indústria Cascaju, uma vez que a Educação Infantil ainda não era prioridade nessa época. De acordo ainda com a coordenadora, não existia inicialmente um convênio com a Prefeitura da cidade e o grupo Edson Queiroz era quem mantinha com merenda, limpeza, sendo professores os funcionários da empresa que tinham o curso de magistério.

Em virtude da procura de vagas por pais para atenderem seus filhos e da demanda de crianças carentes para a Pré-Escola e Alfabetização que a escola passou por algumas ampliações em seu espaço físico. Contudo, em 1987, devido à sua ampliação e demanda de crianças que estavam vinculadas a instituição, foi criada a Associação de Beneficência Joaquim Moura, dando-lhe amparo legal e continuidade ao trabalho que vinha sendo realizado. Nessa ocasião, ela passou a ser conveniada a Prefeitura, a qual assumiu a responsabilidade de contratar professores, manter a merenda, limpeza e material pedagógico.

No início de 1998, devido à grande procura dos pais de crianças que haviam concluído a Educação Infantil, demonstrando interesse pela 1ª série do Ensino Fundamental, a instituição passa a oferecer ensino da 1ª à 5ª série, com o intuito de atender aos pedidos dos pais. Desta forma, foram feitas novas reformas na instituição para receber as crianças que necessitavam estudar.

Atualmente, a escola conta com 922 estudantes matriculados, sendo estes filhos de pais assalariados, comerciantes, funcionários públicos, agricultores e vendedores ambulantes, sendo muitos de baixo poder aquisitivo. Vale ainda destacar que a instituição está situada em zona residencial e comercial, porém atende estudantes das localidades vizinhas, portanto, muitos dependem de transporte escolar para chegar à escola.

A EMEIF Pequeno Polegar atende, no período da manhã e tarde, crianças da Educação Infantil – 2 (duas) turmas do infantil IV e V pela manhã e 2 (duas) turmas de cada pela tarde, totalizando 8 (oito) turmas – e dos primeiros anos do Ensino Fundamental – pela manhã são 3 (três) turmas do 1º ano, 2 (duas) do 2º ano, 3 (três) do 4º ano e 3 (três) do 5º ano. No período da tarde, a escola atende 2 (duas) turmas do 1º ano, 3 (três) do 2º ano, 2 (duas) do 3º ano, 2 (duas) do 4º ano e 2 (duas) do 5º ano (Quadro 1).

Quadro 1 – Quantitativo dos estudantes matriculados na escola

SÉRIE	TURNO	Nº DE ESTUDANTES	TOTAL
Infantil 4 A e B	Manhã	27 e 26	53
Infantil 4 C e D	Tarde	24 e 23	47
Infantil 5 A e B	Manhã	29 e 29	58
Infantil 5 C e D	Tarde	26 e 25	51
1º ano A, B e C	Manhã	27, 29 e 25	81
1º ano D e E	Tarde	29 e 29	58
2º ano A e B	Manhã	31 e 29	60
2º ano C, D e E	Tarde	27, 27 e 28	82
3º ano A e B	Manhã	33 e 32	65
3º ano C e D	Tarde	29 e 31	60
4º ano A, B e C	Manhã	32, 34 e 32	98
4º ano D e E	Tarde	32 e 31	63
5º ano A, B e C	Manhã	28, 30 e 29	87
5º ano D e E	Tarde	29 e 30	59
TOTAL			922

Fonte: Pesquisa da autora.

Nesta pesquisa, optei por trabalhar com o 5º ano, pois é a transição dos estudantes para os anos finais do Ensino Fundamental, para investigar suas experiências cotidianas no espaço escolar durante sua trajetória e as contribuições do currículo para o seu desenvolvimento integral. As crianças cursando esse nível de ensino possuem mais autonomia para apresentar suas concepções.

A EMEIF Pequeno Polegar possui, em seu quadro docente, 22 (vinte e dois) professores, dentre os quais apenas um é concursado, os demais são contratados. Alguns já possuem curso superior completo, outros ainda o concluindo. Possui ainda 5 (cinco) professores de apoio de sala ou reforço escolar. Destaco ainda em seu quadro de funcionários 2 (dois) agentes administrativos, 2 (duas) secretárias, 1 (um) porteiro, 2 (duas) merendeira/os, 3 (três) coordenadoras, 9 (nove) serviços gerais e 1 (um) diretor.

Constato, pois, uma precarização do trabalho do docente, uma vez que alguns já lecionam mesmo antes de terem concluído a formação específica para tal função. Destaco, também, a desvalorização do docente por parte da gestão municipal para a promoção de concursos públicos que efetivem a contratação de professores e os respaldem em seus direitos trabalhistas.

O satisfatório exercício da docência requer que o professor tenha uma boa formação acadêmica, sendo imprescindível que ele constitua saberes para melhor respaldo e fidedignidade em suas ações. Desta forma, comungo com Nóvoa (1995, p. 19):

[...] é necessário um equilíbrio entre três dimensões essenciais a formação de qualquer professor: preparação acadêmica, preparação profissional e prática profissional [...] a prática encarregar-se-ia de demonstrar a prevalência da dimensão acadêmica, configurando um professor vocacionado em primeira linha para a transmissão de conhecimentos.

Vale salientar que o diretor se encontra nessa função desde sua fundação, uma vez que este era um dos antigos funcionários da Cascaju que trabalhava na gerência e hoje encontra-se aposentado. Destaco ainda, por parte deste, diante dos relatos de funcionários e observações cotidianas, o carinho, atenção e zelo dedicados a escola e seus estudantes.

Quanto aos recursos pedagógicos, a escola possui uma pequena biblioteca localizada nos fundos da sala do 3º ano. A sala encontra-se em local inadequado, uma vez que compartilha do espaço da sala de aula o que dificulta a concentração e o silêncio para a realização de leituras e pesquisa. Verificou-se ainda que contém um escasso acervo de livros paradidáticos, sendo que os livros expostos são, em sua maioria, livros didáticos, sequenciados de forma aleatória. Nesse espaço, são realizadas atividades como reforço escolar para os estudantes que demonstram dificuldade de aprendizagem. Destaco que nesse pequeno espaço encontram-se riquíssimos materiais pedagógicos como jogos confeccionados com matérias recicláveis por uma professora da escola voltados à Alfabetização.

Ressalto a importância dos jogos no processo de desenvolvimento do estudante e sua contribuição na expansão da leitura e escrita, bem como da interação social. Reconheço o valioso trabalho realizado por essa docente, cujo material, em grande parte, está empoeirado e guardado em caixotes por falta de espaço na biblioteca, impossibilitando a visibilidade do mesmo e o seu uso pelos estudantes.

Há também a sala de informática, com 10 (dez) computadores novos e atualizados e há um destes aparelho na diretoria, um na coordenação e outro na secretaria. A sala é climatizada, com tamanho mediano e possui data show. O trabalho realizado no laboratório de Informática com os estudantes tem

acompanhamento da professora de Informática. O programa utilizado é o Linux. Nas aulas de informática é trabalhado geralmente Português. Somente os discentes do 5º ano tem aulas de Informática, pois, de acordo com a coordenadora, a escola prioriza essa turma por ser o último ano deles na escola.

Vale destacar que os professores não utilizam a sala de informática para pesquisa em suas aulas. Foi observado que os computadores não disponibilizam acesso a internet, porém os situados na gestão e parte administrativa possuem acesso a internet. Não há brinquedoteca, nem recursos didáticos disponíveis para crianças com necessidades educacionais especiais e da Educação Infantil, apenas alguns jogos de montar e alguns brinquedos nas salas do Infantil.

A instituição em análise é uma escola de pequeno porte e possui uma estrutura simplificada. O espaço físico da escola é limpo, arejado e com boa iluminação. Sua estrutura física contém um andar, sendo que no térreo está localizada 9 (nove) salas de aula, 1 (uma) diretoria, 1 (uma) coordenação, 1 (uma) secretaria, 1 (um) almoxarifado, 1 (uma) cantina, 1 (um) depósito de merenda, 2 (dois) banheiros para os estudantes e 1 (um) para os funcionários, 1 (uma) sala de computação, 1 (uma) garagem e 1 (um) pequeno pátio. No andar de cima, existem 8 (oito) salas de aula, a biblioteca, 4 (quatro) banheiros, corredores e espaços para recreação e onde as crianças lancham. O piso e a pintura da escola estão em bom estado de conservação. Nas paredes das salas de aula e dos espaços externos da escola, são expostas as produções discentes, mural de avisos, fotos de registros de eventos realizados na escola. Vale destacar que 4 (quatro) salas de aula do andar de cima são climatizadas.

Nas salas de aula do térreo, encontram-se as turmas do infantil IV e V, e as do 1º e 2º ano. As crianças que estudam no térreo merendam no pátio próximo à cantina. Os demais do andar de cima, a merenda é levada por uma das assistentes que serve os estudantes em um espaço reservado para tal finalidade. Não existe espaço amplo que ajudem no desenvolvimento motor das crianças, uma vez que a escola, quando ampliou sua estrutura física para atender a demanda de vagas, reduziu a área do pátio.

No pátio, há um pequeno jardim. Não possui escorregador, balançador ou outros objetos que contribuam para a diversão das crianças. Contudo, a escola dispõe de uma quadra esportiva que se situa a alguns quarteirões da escola. Na quadra, são realizadas eventos da escola como dia das mães, festas juninas,

coroação e outras atividades que sejam realizadas na escola que necessitem de um local maior. No entanto, geralmente as crianças só dispõem desse ambiente nessas ocasiões.

Saliento ainda que a instituição tem forte presença religiosa, na qual o catolicismo predomina entre as práticas sociais cotidianas. Em muitos espaços físicos da escola, como na entrada da instituição, na direção e nos corredores encontram-se imagens de Nossa Senhora (ANEXO A).

Em relação à inclusão escolar, segundo a coordenadora, a escola ainda não está tendo o Atendimento Educacional Especializado, pois ainda não dispõe de sala de atendimento para essas crianças. Foi relatado também, que dentre as crianças que necessitam de Atendimento Educacional Especializado, somente 3 (três) são laudadas como necessitadas desse serviço.

Ainda segundo a coordenadora, o Projeto Político Pedagógico – PPP foi construído por algumas representantes da Secretaria de Educação, pois precisava possuir um eixo norteador para as escolas Municipais, contudo estas representantes, por unidades representativas, elaboraram o PPP da escola. A elaboração do PPP é o resultado de um curso de Formação de Executivos Escolares, no qual pretendia discutir sobre a (Re)Construção dos Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas Municipais, sendo este oferecido pela Secretaria Municipal de Educação, sob a direção da Coordenação Estadual de Formação dos executivos Escolares para a Formação Básica – CEFEB.

No que se refere ao planejamento dos professores e as avaliações, a escola recebe da Secretaria de Educação quinzenalmente os simulados de Matemática e Português. Sendo ainda que fica a cargo da Secretaria a elaboração das avaliações dos estudantes. Mensalmente, a Secretaria Municipal de Educação – SME envia os eixos dos conteúdos para serem trabalhados pelos professores. Quinzenalmente, os professores se reúnem para fazerem o planejamento de suas aulas na escola e mensalmente há um encontro na SME, quando é entregue a planilha que apresenta o conteúdo que será trabalhado durante o mês.

O contato inicial com a instituição ocorreu no dia 20 de abril de 2016. A princípio conversei com o diretor, o qual foi muito solícito com minha pesquisa, encaminhando-me para a coordenadora para programar os dias que viria à escola, bem como apresentar-me aos professores. No mesmo dia, tive contato com algumas professoras, as quais permitiram colaborar com meus estudos.

5.4 Os sujeitos

Em uma pesquisa, apenas o interesse em um tema não é suficiente para a concretização de uma investigação. É necessário, primeiramente, que haja o interesse, a dúvida, o questionamento do pesquisador sobre determinado assunto, o qual se constitui como o foco central que se busca procurar para responder o problema da pesquisa. De acordo com as inquietações da pesquisa, é que surge o Objeto de estudo.

O objeto de estudo é exatamente o que constitui o foco da investigação científica, isto é, o conceito, o evento, a relação, o elemento central a ser pesquisado, aquele que foi escolhido pelo pesquisador para a Pesquisa. (SAKAMOTO; SILVEIRA, 2014, p. 22).

Destaco, desta forma, o cotidiano escolar como o foco principal desse estudo, uma vez que busco investigar: quais as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando?

Buscando responder às inquietações dessa pesquisa, têm-se como sujeitos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e estudantes do 5º ano. O critério de escolha dos sujeitos, no que se refere ao corpo docente, baseia-se no fato dos professores serem os principais socializadores do conhecimento, estando cotidianamente na sala de aula, proporcionando trocas de saberes e elaborando conceitos. Dentre os professores, entrevistamos aqueles que lecionam no 5º ano do Ensino Fundamental. No que se refere aos estudantes, o questionário foi respondido pelos estudantes que compõem a turma do 5º ano B manhã. Quanto à escolha dos discentes, utilizou-se como critério estudantes do 5º ano, os quais estão concluindo a fase dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

As crianças participantes de nossa pesquisa são oriundas da classe trabalhadora, em sua maioria filhos de agricultores, operários, comerciantes, funcionários públicos e vendedores ambulantes. Estudam no período da manhã e vem no contra-turno para as aulas de Informática. Estes sujeitos compõem a turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A sala do 5º ano possuía 30 (trinta) estudantes, sendo que durante a pesquisa, inicialmente, encontravam-se apenas 22 (vinte e

duas) crianças devido a um surto de catapora. No final da pesquisa, a sala contava com 29 (vinte e nove) estudantes, pois um deles havia sido expulso, por motivos, segundo responsáveis da escola, de má conduta dentro do espaço educativo.

Ao perguntar as professoras e demais sujeitos inseridos no espaço educacional como a merendeira, a coordenadora sobre o por quê da expulsão do aluno, as mesmas destacaram que o discente desde que havia entrado na escola tinha histórico de má conduta, tais como bagunça na sala e demais espaços da escola, desrespeito com os professores, não fazia tarefas em sala etc.

No dia 13 de maio, enquanto estava na escola com seu irmão que também havia sido expulso juntamente com ele, os dois tinham bagunçado as salas de aula derrubando cadeiras e, no momento do lanche, jogado água em um dos colegas. Vale ainda destacar que os discentes que foram expulsos da escola eram considerados pelos docentes e demais como “crianças especiais”, uma vez que consideravam que eles tinham algum distúrbio em sua aprendizagem e comportamento.

Este fato me fez refletir sobre o real papel da escola: O que é educar? Quais são os seus objetivos diante da sociedade e da comunidade escolar? O que leva um aluno ao mau comportamento? Como desenvolver os aspectos físicos motores, espirituais e afetivos dos estudantes, principalmente estes considerados de má conduta ou “especiais”? Será que esse discente poderia ser reeducado? Afinal, qual é a função da escola? Quais outros organismos poderiam complementar a ação da escola em seu papel de educar?

São vários os questionamentos que nos fazem repensar o papel da escola e o quão difícil é a sua função, uma vez que esta não pode ser considerada a redentora de todos os problemas sociais, políticos e econômicos que estão em seu entorno. Entendo, todavia, que todos os envolvidos no campo educacional e demais organismos poderão coletivamente encontrar soluções e alternativas para acolher e contribuir para a formação espiritual, cognitiva, emocional e física do discente, sendo necessário o apoio e diálogo com os pais, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos e alunos.

Na sala de aula observada, havia 18 (dezoito) meninos, o que corresponde a 60% da turma, e 12 (doze) meninas, o que corresponde a 40% da turma, e crianças de 10 (dez) e 11 (onze) anos. Foi observado grande variedade

quanto à religião na turma, dentre eles católicos, evangélicos e Testemunhas de Jeová.

A turma do 5º ano é composta por três professores que lecionam de acordo com a distribuição do horário de suas disciplinas. Dentre estes apenas uma é concursada e as demais contratadas. Denominarei as docentes citadas nesse trabalho como P1, P2 e P3, com o intuito de preservar sua identidade

Verificou-se que uma das docentes leciona antes de ter uma formação específica na área de educação. Entretanto, o artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, de 1996, enfatiza que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996, p. 26).

Entendo que para o bom exercício da profissão docente e a compreensão do estudante como sujeito pensante, ativo, histórico e emotivo é necessário que o professor tenha uma formação profissional consistente, com saberes pedagógicos, metodológicos e científicos adquiridos na Universidade, no meio acadêmico somados a uma compreensão de mundo e de sociedade. O docente tem a função de instruir, educar e formar entendimentos, para além do senso comum.

Após o primeiro contato, comecei minhas observações no dia 25 de abril de 2016 na turma do 5º ano B manhã. A escolha por essa turma se deu por meio de um sorteio realizado por mim. A primeira coleta de dados foi feita mediante a verificação da existência de documentos como o Projeto Político Pedagógico da escola, conversa com a coordenadora sobre a instituição e observações do espaço escolar. Nesse momento, foi mantida uma proximidade com os funcionários para que compreendessem minha presença na escola durante a pesquisa.

A pesquisa foi realizada durante o período de um mês, iniciando-se com no dia 25 de abril de 2016 e finalizando no dia 20 de maio do mesmo ano. As observações ocorreram no período da manhã das 6h30 às 11h00. Após as primeiras aproximações com os sujeitos e o objeto de estudo, iniciei minhas observações em sala e conseqüentemente do espaço escolar e suas vivências cotidianas.

Nesse sentido, procurei observar as relações estabelecidas pelos sujeitos envolvidos, bem como os aspectos subjetivos e simbólicos encontrados no contexto escolar e nas práticas cotidianas. A observação foi participante, pois, nessa modalidade, o pesquisador passa a fazer parte do grupo para melhor coletar os dados.

A observação participante é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com o objetivo de observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo. (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 201).

Vale ressaltar, porém, que existem vantagens e desvantagens em relação a essa técnica no que diz respeito à revelação da presença do observador:

A maior desvantagem da revelação é que isso pode afetar o comportamento daqueles que estão sendo observados. Uma vantagem óbvia da participação não-revelada é que os membros do grupo a serem observados provavelmente não mudarão seus comportamentos uma vez que são mantidos na ignorância do fato de que estão sendo observados para efeitos de pesquisa. (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 202-203).

Mesmo concordando com esses autores, considero a observação participante importante para a compreensão de como se expressa o currículo escolar diante da realização das avaliações externas e quais são as possibilidades criadas no cotidiano da escola que ultrapassem os meios burocráticos. A observação foi desenvolvida na sala de aula e em outros ambientes da escola, durante um mês no turno da manhã.

Também utilizei como técnica de coleta de dados a entrevista com os professores do 5º ano B e questionário com os estudantes dessa turma, pois acredito que essas seriam mais adequadas para melhor interpretação das observações do ambiente escolar e suas relações com a construção dos saberes e para obtermos outras informações desejadas.

Utilizei a entrevista semiestruturada com os professores para refletir acerca de suas concepções referentes à identificação das práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem no processo de formação integral do educando.

As entrevistas foram realizadas com as três professoras que lecionam no 5º ano. Destas, duas escutas, com P1 e P2, aconteceram no dia 19 de maio de

2016, no período da manhã, ocorridas na sala de aula no horário que a maioria dos estudantes estavam no ensaio da quadrilha. A outra entrevista, com P3, ocorreu no dia seguinte, no final da aula da professora. Vale ressaltar que todos se mostraram solidários em contribuir com este trabalho, não mostrando nenhuma resistência. A entrevista com P1 teve duração de aproximadamente quarenta e cinco minutos, com P2 de aproximadamente trinta minutos, e com P3, cerca de 20 minutos.

Conforme Sakamoto e Severino (2014, p. 59) a entrevista “[...] semiestruturada ou semidirigida [...] supõe uma participação parcial do pesquisador que pode interferir em alguns momentos, introduzindo questões específicas durante a conversação.”. A escolha desse instrumento justifica-se por ter maior flexibilidade, propiciando um melhor aproveitamento nas respostas e um diálogo mais acolhedor.

Dessa forma, adotei um roteiro para nortear minhas ações sem sair do foco dos objetivos centrais desse estudo [APÊNDICE B]. Segundo Matos e Vieira (2001), nessa modalidade de entrevista, o entrevistador fala sobre pontos relacionados a um assunto específico, definidos pelo pesquisador.

No que se refere ao questionário [APÊNDICE A], foi aplicado com os discentes do 5º ano B, com o objetivo de ampliar os dados da pesquisa, bem como compreender a influência do cotidiano escolar na formação social, política, cognitiva, espiritual e individual dos estudantes. O questionário continha os dados de identificação nome, idade e dez itens de questões subjetivas. A aplicação do mesmo ocorreu em dois momentos, no primeiro momento foi no antepenúltimo dia de minhas observações em sala enquanto tinham alguns discentes ociosos devido à saída dos colegas para o ensaio da quadrilha que ocorreria no mês de junho.

O segundo momento foi no penúltimo dia de aula com os demais estudantes. Aconteceu após o intervalo quando a professora de produção textual nos cedeu gentilmente um tempo de sua aula. Quase todos os discentes demonstraram interesse em responder, apenas um mostrou-se insatisfeito em responder ao questionário, porém, mesmo ficando claro a não obrigatoriedade em responder, ele optou por responder. Os estudantes levaram em média trinta minutos para responder aos itens. Antes de entregar os questionários, foram explicados os objetivos e feita a leitura dos itens para os respondentes.

5.5 Tratamento e análise dos dados

Após a coleta dos dados, é necessário que se transcreva o material coletado para analisá-lo. É importante que a transcrição ocorra após os dados serem coletados, com o intuito de não perder os detalhes percebidos durante a recolha das informações.

Há, contudo, várias maneiras de tratar as informações obtidas. No entanto, os dados obtidos irão depender das técnicas e instrumentos utilizados e da percepção do pesquisador. De acordo com Matos e Vieira (2001, p. 67), para fazer a análise de temas é necessário

Primeiro escolher documentos, relacioná-los ao objeto e objetivos da pesquisa, reconhecendo as categorias do estudo. Em seguida, devemos proceder a leitura exaustiva do material, determinando as chaves, selecionando os fragmentos com base nas categorias e hipóteses estabelecidas. Por fim, as informações obtidas podem ser interpretadas, após tratamento estatístico.

O processo da análise dos dados ocorreu da seguinte forma: após a observação das práticas ocorridas no cotidiano e dos aspectos simbólicos e subjetivos observados nos rituais da escola, fiz a transcrição no diário de campo para registrar cada momento. Primeiramente, registrei minhas impressões e análises das observações e, posteriormente, a compreensão e interligação com os demais instrumentos utilizados.

Por último, transcrevi as entrevistas realizadas com as professoras, confrontando-as com os dados dos questionários e os referenciais teóricos adotados neste estudo. Destacando, nas análises, as escritas que se apresentaram mais relevantes a este estudo e que estão direcionadas aos meus objetivos iniciais.

Na análise das entrevistas, foi criado um código de identificação para os entrevistados a fim de preservar a sua identidade, respeitando-se, dessa forma, a ética na atividade da pesquisa.

Finalizando esse capítulo, que destaca o caminhar metodológico dessa pesquisa, passo para o próximo, onde apresento a análise dos dados, descrevendo e analisando as observações em sala, os argumentos mais relevantes dos estudantes nos questionários, além da descrição e análise das falas das professoras.

6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

“Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade”. (Clarice Lispector)

Neste capítulo, apresento as análises dos dados coletados englobando os conceitos discutidos pelos autores referendados no capítulo 3. No primeiro momento, disserto sobre os dados colhidos durante as observações em sala de aula e análise dos questionários aplicados aos alunos. No segundo momento, demonstro as análises das entrevistas realizadas com os professores. Como na epígrafe citada acima, disponho-me a criar aqui minhas compreensões e interpretações relacionadas aos fatos vividos, sentidos e aprendidos durante minhas observações e vivências na escola, contudo destaco a clareza e fidedignidade com os elementos observados por mim sem alterá-lo muito menos acrescentá-los, apenas relatá-los de acordo com minha ótica, minha miopia.

6.1 Observações em sala de aula

A observação das aulas teve como objetivo identificar a relação professor/aluno no cotidiano de sala de aula, bem como as práticas pedagógicas e metodologias, formação de conceitos repassados aos alunos durante suas vivências cotidianas. As observações em sala ocorreram do dia 25 de abril de 2016 ao dia 20 de maio do mesmo ano, durante as aulas do turno da manhã. Contudo, ao mesmo tempo que observava as aulas, nos seus intervalos também interpretava as relações cotidianas ocorridas nos outros espaços.

No primeiro contato com a sala me apresentei para os alunos, os quais se demonstraram muito receptíveis. Durante o contato que tivemos, mantemos uma relação de afetos e aprendizagem.

A sala do 5º ano B era ministrada por três professoras que trocavam de turma após o intervalo para o lanche. As aulas se iniciavam às 7h00 e terminavam

às 1h00. O intervalo para o lanche acontecia a partir das 9h00, sendo que os estudantes do Infantil são os primeiros a lanchar no pátio. Em seguida, as turmas do Fundamental, localizadas no andar de cima, saem por sala para lancharem em um espaço reservado no andar de cima. Geralmente, o intervalo para os alunos do 5º ano B ocorria às 9h20. Vale destacar que são destinados apenas 10 minutos para o lanche. Segundo a coordenadora, eles não têm o recreio normal por falta de espaço para recreação.

Entendo que a escola deve promover ao aluno espaços de aprendizagem que ultrapassem o ambiente de sala de aula, uma vez que aprender está além da aprendizagem dos números e de ler e escrever. É necessário que o aprendiz se desenvolva plenamente em suas relações, portanto, é essencial que disponha de espaços amplos que possibilitem sua aprendizagem e desenvolvimento. Vale também destacar a utilização de outros espaços como essenciais em sua formação, tais como aula em campo, a utilização de recursos tecnológicos, dança, pintura, peças teatrais, que promovam a diversão, a brincadeira e diversas leituras de um mesmo fenômeno em seus aspectos plurais. Barguil (2006, p. 94) nos adverte que

Na Arquitetura, o espaço não é uma realidade dada, mas seus símbolos são percebidos, através dos sentidos, pelos sujeitos de forma peculiar, haja vista a diversidade cultural. Todo prédio, portanto, é dotado de uma simbologia própria, a permitir àqueles que, de alguma forma com ele se relacionam, aprendam algo.

Durante o intervalo os discentes interagem com os colegas, iam ao banheiro, tomavam água e também lanchavam. Contudo nem todos lanchavam da merenda da escola, alguns traziam comida de casa. O cardápio da escola consta no Quadro 2.

Quadro 2 – Cardápio da escola

CARDÁPIO DURANTE OS DIAS DE OBSERVAÇÃO
Leite com bolacha
Sopa de soja com frango desfiado
Arroz com carne do sol e salsicha
Bolacha com leite e nescau
Suco de caju com pão e patê
Bolo com iorgute
Arroz com ovo e salsicha
Salada de frutas (mamão, banana e laranja)
Arroz com soja, salsicha e frango desfiado
Sopa de frango desfiado

Fonte: Pesquisa da autora.

Dentre os lanches desse cardápio, o que os estudantes demonstraram maior preferência foi bolo com iorgute e suco de caju com pão e patê. A merenda que houve com mais frequência foi sopa de frango desfiado e arroz com carne do sol e salsicha. Foi verificado que, quando esses lanches eram servidos, muitos estudante preferiam não merendar ocasionando a sobra dos mesmos. Vale destacar que, nos dias que era leite, eram distribuídas apenas duas bolachas para cada estudante, sem direito a repetir, apenas o leite se sobrasse.

No que concerne as aulas, foi demonstrada uma preferência dos discentes de P1 e P3, uma vez que estas, segundo eles, demonstravam serem mais divertidas e legais. Segue o quadro de disciplinas ministradas e seus respectivos dias:

Quadro 3 – Disciplinas ministradas no 5º ano manhã

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
História/ Português	Matemática/ Português	Matemática/ Geografia e Informática (tarde)	Português/ Matemática/ Ciências	Português/ Religião/ Artes e Informática (tarde)

Fonte: Pesquisa da autora.

Conforme consta no Quadro 3, a ênfase recai sobre as disciplinas de Português e Matemática. Na quinta- feira, são destinados apenas 40 minutos para

as aulas de Matemática e Ciências, bem como para Arte e Religião na sexta- feira. As demais disciplinas tem duração de 1 hora e 50 minutos.

A sala de aula era climatizada, compunha em seu quadro 30 (trinta) alunos matriculados, sendo que, durante os dias em que foi realizada a pesquisa, a presença discente predominante. Destaco que as cadeiras se encontravam enfileiradas e havia mapeamento de sala, ou seja, cada aluno tinha seu local de sentar, podendo mudar de local só com a permissão da professora.

Acrescento ainda que, dentre as docentes, uma delas é a responsável pela turma, cabendo a esta organizar a turma, responsabilizar pelos simulados que vem da Secretaria de Educação. Em nenhum momento das aulas foi percebido modificação no espaço físico da sala. Concordo com Silva (2008), ao enfatizar a sala e a aula como espaço e tempo privilegiado de formação.

Os sentidos se confundem e não diferem dos presentes no imaginário social, o de serem espaços arquitetados para servir de ambiente onde se possa ensinar e aprender. Todavia, numa análise mais profunda dessas palavras, é possível que a concretude atribuídas a elas não se justifica apenas pela categoria gramatical a qual pertencem. Trancedem essa concretude, uma vez que representam espaços/tempos privilegiados de formação humana que, ao serem ressignificados cotidianamente, assumem a condição de possibilidade de construção de uma realidade. (SILVA, 2008, p. 16).

Nesse sentido, Elali (2003, p. 310 apud BARGUIL, 2006, p. 113) declara:

A disposição das cadeiras na sala de aula indica qual a metodologia de ensino seguida: em círculos, favorece uma discussão, com a participação de todos; enfileiradas, pressupõe uma aula expositiva; próximas umas das outras, a realização de trabalho em grupo. Igualmente importante para a sociabilidade dos agentes pedagógicos, do desempenho acadêmico dos alunos e da saúde, é a forma como a mobília é distribuída na sala e as suas condições ambientais (acústica, insolação, ventilação, luminosidade).

Entendo, dessa forma, a escola como espaço de vivências e novas relações sociais, as quais se concretizam na sala de aula e nas relações que se estabelecem no cotidiano. A sala de aula, ambiente em que os estudantes passam maior tempo dentro da instituição, precisa promover momentos de reflexão, diálogo, autonomia e interação social entre todos os agentes pedagógicos.

Ressalto ainda o caráter religioso no contexto escolar, uma vez que os responsáveis pela fundação da escola são devotos de Nossa Senhora e pregam o princípio da solidariedade e da partilha. Durante o momento de acolhida em sala,

antes de iniciar o conteúdo, a professora sempre pedia para os alunos ficarem de pé para agradecerem ao dia, e rezavam a oração do Pai Nosso e da Ave Maria, por vezes, também rezavam a oração do Anjo da Guarda. Os estudantes que tinham aversão ao catolicismo permaneciam em pé calados até terminarem a acolhida.

Destaco dessa forma a manifestação do catolicismo nesta escola, mesmo ela sendo considerada laica. Saliento a necessidade de se trabalhar com o multiculturalismo, com a diversidade e principalmente com valores humanos que nos é inerente. É difícil agregar todos as pessoas quando se prioriza determinada religião. Portanto, seria válido criar estratégias que incluíssem todos os sujeitos envolvidos e fossem priorizados seus direitos e integridade moral.

Destaco o dia 13 de maio como um dos dias marcantes em relação à predominância do catolicismo na escola. Nesse dia, os estudantes se locomoveram para a Igreja Matriz da cidade para a chegada da santa Nossa Senhora Aparecida. No entanto, foi esclarecido pela professora que a discente que era Testemunha de Jeová não tinha obrigatoriedade de ir, poderia ficar na escola. Contudo, ao saber que se não fosse para a igreja ficaria na sala com a professora P2, a mesma decidiu ir também.

Vale destacar que haviam outros estudantes também Testemunhas de Jeová e alguns protestantes, porém foi perceptível que o cuidado especial era especificamente com essa estudante, pois ela demonstrava uma forte convicção sobre a religião que seguia. Contudo, considero que os demais estudantes de outra religião também deveriam receber esse cuidado especial.

Yus (2002) assevera que a diversidade de tradições religiosas deriva do aumento da imigração, pois muitos cidadãos ocidentais buscavam a espiritualidade fora das religiões, seja de maneira individual ou em grupo. Destacando ainda que conceituam a espiritualidade como os valores humanos, tais como a paz, a harmonia, a justiça, o amor e a compaixão. Partindo do pensamento do referido autor, compreendo que a escola deve trabalhar a espiritualidade de seus alunos não respaldando em determinada religião, mas com uma visão espiritual global que transcende o campo religioso, uma vez que “[...] uma visão espiritual do mundo é uma referência à vida, uma atitude de respeito e de reverência ante a transcendência da Origem de nossa existência.” (YUS, 2002, p. 113).

Ao chegar na Igreja, foi notável a admiração da menina diante daquele novo espaço, uma vez que a mesma dizia nunca ter entrado em uma Igreja Católica.

Passados alguns minutos a estudante demonstra insatisfação e insegurança por estar no espaço que antes não havia frequentado, passando desta forma a expressar através de lágrimas seu desconforto. Nesse momento, a professora pede para ela ficar esperando terminar a celebração na praça da igreja, justificando que ela teve a opção de ficar na escola e que estava lá por vontade própria. Segue o relato de P1 com a estudante:

P1: Gostaria que você soubesse que você não está aqui obrigada, eu perguntei se você não queria ficar na escola. Não precisa chorar, vai já terminar e nós voltamos pra escola. Pelo amor de Deus, não vá dizer que eu lhe obriguei a vir para a igreja. Eu respeito a sua religião, na minha casa já recebi muitos Testemunhas de Jeová e muito do que sei hoje sobre a Bíblia eu devo aos estudos que tive com os Testemunhas de Jeová. Então, assim como eu respeito a sua religião, você também deve respeitar a minha. Ficar sentada ali quetinha não vai te levar para o inferno. Mas você fica sentadinha na praça, sem correr enquanto termina. Mas, pelo amor de Deus, não vá dizer que eu obriguei você a vir para a igreja. Você me entende?

Estudante: Eu entendo professora, mas eu não me sinto bem!

Percebe-se na fala da professora sua preocupação com a interpretação que os pais podem dizer sobre o fato de a filha ter ido à Igreja Católica, uma vez que sua religião é outra. A docente me pediu para acompanhar a estudante e outras crianças que também tinham religião diferente na praça enquanto a celebração terminava. Quando estávamos na praça, os discentes contaram histórias sobre lobisomem, lendas e fatos de suas vidas. Interrogando-as sobre o que sentiram ao entrar no prédio da Igreja Católica, alguns demonstraram medo, descontentamento, surpresa e outra demonstrou alegria pelo fato de seu pai ser católico e já ter falecido.

Estudante 1: Eu sinto como se estivesse honrando meu pai. Ele era muito católico. Meu pai já faleceu. (Em seguida me mostrou uma foto do pai com ela quando bebe que carrega sempre na bolsa.)

Estudante 2: Eu senti medo, nunca tinha entrado em uma Igreja Católica. Achei horrível. Nunca mais quero entrar aqui.

Estudante 3: Eu me senti estranha, não me senti bem, dar uma vontade de chorar, não sei explicar!

Pode-se observar que são várias as sensações sentidas pelas estudantes. Contudo, entendo ser importante trabalhar com as emoções das mesmas durante o processo educativo, de modo a contribuir para a sua formação integral. Ensinar vai além de repassar conteúdos, é preciso trabalhar o ser humano em sua integralidade.

A espiritualidade se refere a nossa verdadeira natureza, o eu, que está profundamente conectada com uma realidade espiritual maior. Às vezes conseguimos vislumbrar a conexão entre o eu e a mais ampla realidade espiritual: Maslow chama esse vislumbre de “experiências culminantes”. Na experiência culminante, transcendendo o ego e captamos um vislumbre de como as coisas são na realidade. A espiritualidade implica que estamos extasiados em um universo determinado e harmonioso. Em outras palavras, estamos conectados a algo que vai além de nós mesmos, visto que não somos egos isolados lutando em universo sem sentido. (YUS, 2002, p. 111).

Terminada a celebração, todos os estudantes voltaram para a escola e depois se dirigiram ao ginásio da mesma que fica em uma rua do lado para a recepção da Santa na escola. Nesse momento, todos os alunos se encontravam no pátio, o diretor estava presente e relatou a importância desse momento para a escola, uma vez que nunca a mesma tinha recebido a visita da Santa antes. Os estudantes cantaram algumas músicas católicas que faziam menção a Maria, mãe de Jesus, e logo após rezaram dez Ave Maria e formaram duas filas, na qual os discentes passariam pela Santa, tocariam-na e fariam um pedido. Para finalizar, todos em posição cantaram o Hino Nacional e depois se dirigiram à escola.

Durante esse momento, as estudantes que são Testemunhas de Jeová conversam:

Estudante 1: Mas, se é a mãe de Jesus como o diretor disse, então não faz mal tocar.

Estudante 2: Mas é uma imagem, Estudante 1. Se eu tocar, vou estar adorando uma imagem!

Esta situação revela que o fator religioso interfere nas relações emocionais dos discentes, o qual pode passar despercebido, uma vez que os responsáveis pela construção de saberes e conhecimentos priorizam suas crenças, verdades e anseios. Entendo, contudo, ser fundamental que os professores e gestores, mesmo tendo suas crenças, também considerem as inquietações e os

conhecimentos dos discentes, buscando desta forma refletir sobre a singularidade de cada sujeito sem privilegiar dogmas, crenças, ideologias, de modo a contribuir com a formação de seres críticos, pensantes, solidários, autônomos.

Constatei, algumas vezes, que o comportamento dos estudantes em sala se caracteriza pela atenção, obediência, postura e como receptores de informações. As aulas se configuravam na transmissão dos conteúdos, nas quais os discentes faziam a leitura dos conteúdos escritos no livro didático e logo após a cópia das atividades do livro. Destaco ainda que as respostas para as questões não proporcionavam uma reflexão crítica e elaborada pelo aprendiz, na maioria das vezes, pois era valorizada a resposta do texto. Seguem alguns relatos da aula em 02 de maio de 2016:

P2: Vocês só leem por ler, cadê a compreensão? Esse conteúdo é passado, é para vocês saberem de cor e salteado. A próxima prova vem da Educação, estou aqui fazendo o meu papel, a minha obrigação. Vocês não querem nada, leem aos ventos, não entra nada na cabeça, não estão nem aí para o conteúdo. Dessa vez dei uma chance, fiz intervenção. Dessa vez a nota vai para o diário do jeito quem tirar.

P2: Vocês não tem curiosidade de perguntar nada? Um aluno pergunta: Quando ele morreu quem assumiu o trono? A professora responde: isso vou contar depois, porque aconteceu tanta coisa!

Estudante 1: No segundo reinado ainda existia escravidão? Outro responde: como ainda hoje.

P2: Hoje não, mas tem outras coisas que não vou explicar agora para não misturar o assunto, senão você não vai entender.

P2: A explicação foi feita e ficam tudo assim, abobalhados, não entra na cabeça. Só vão para o recreio quem passei o visto. Meu Deus do céu, tem hora que dar vontade de lavar as mãos, vão para o recreio de vocês, pode ser fome. Pode ser que quando voltar vocês terminem.

No primeiro relato, percebe-se que a professora enfatiza as avaliações como uma forma de amedrontar os estudantes e se eximindo de forma subjetiva os possíveis fracassos nos resultados das avaliações, uma vez que reconhece que está cumprindo o seu papel que é o de repassar o conteúdo. Nesse sentido, Arroyo (2013, p. 26) enfatiza que:

Se ser aulistas, passar a matéria que cairá nas avaliações é nossa profissão em tempo completo, as consequências estão expostas: entrar em crise de identidade profissional diante de alunos que exigem atenção ao seu direito à educação ameaçado em formas tão precarizadas do seu sobreviver.

A professora interroga os discentes por quê estes não aproveitam a aula para tirar as dúvidas, se eles não tem alguma curiosidade para perguntar. É perceptível, contudo, no segundo relato, que os estudantes demonstram dúvidas, mas estas não foram dirimidas pela professora ou promovido um momento de reflexão, debate entre os discentes. Diante das dúvidas, a professora discursa que esse é assunto para aulas posteriores, que se for explicar eles vão se confundir...

Compreendo o momento da aula de suma importância para promover a curiosidade, a reflexão, a construção e desconstrução de saberes, portanto, entendo esses momentos de dúvidas são preciosos e uma oportunidade para se elaborar novos questionamentos, para o incentivo à pesquisa, à criatividade e à expressão de opiniões e ideias. Esse também é o entendimento de Arroyo (2013, p. 27):

Nesse novo contexto as tensões identitárias aumentaram. As condições de trabalho não melhoraram e as tentativas de ampliar a função docente incorporando papéis que os educandos demandam nas salas de aula são limitadas e estão sendo freadas pela retomada da condição de aulistas, treinadores de alunos para bons resultados em avaliações nacionais. Avaliações que agem como imperativos categóricos para retomar a função de aulistas, repassadores de conteúdos, treinadores de competências que garantam bons resultados dos alunos. O repensar e alargar nossas identidades profissionais passa por resistências, freios. Podemos entender tais resistências como disputas de conformação de identidades profissionais no território dos currículos.

No terceiro relato, a professora demonstra insatisfação com a turma em relação ao atraso nas atividades, evidenciando em seu discurso a demotivação na profissão, uma vez que relata o desejo de muitas vezes “lavar as mãos”, ou seja desistir. Creio que esse sentimento da professora decorra do fato de ela não acreditar no desempenho e nas potencialidades de seus estudantes em função do cansaço na profissão ou por conservação ideológica.

Acredito que é preciso motivar os estudantes na busca do conhecimento. É necessário, no entanto, rever as estratégias de ensino, as metodologias adotadas, ou seja, a prática pedagógica. Entendo que o professor deve constantemente se autoavaliar, refletir, criar, pensar novas possibilidades de motivação e descoberta para sua turma. Compartilho, mais uma vez, as ideias de Arroyo (2013, p. 28):

Na medida em que avançamos para articular o ensinar e o educar no novo tecnicismo das políticas de ensino por competências e de avaliação por resultados, somos pressionados a retomar o foco apenas nos conteúdos que cairão nas provinhas e provões oficiais. Seremos julgados não como

docentes-educadores por termos o foco nos conteúdos e nos educandos, mas apenas pelo conteúdo, pelos resultados dos alunos nas provas. Essa tensão está posta na categoria profissional: tiremos o foco dos educandos, de suas vivências humanas e desumanas e os enxerguemos apenas como exitosos acertantes nas avaliações oficiais. Mais do que a tensões assistimos à quebra das identidades profissionais e humanas que vínhamos construindo.

Complementando esse pensamento, Libâneo (2000) enfatiza os conteúdos como uma referência real e concreta do trabalho do professor, porém também habilidades, convicções e valores, os quais são processos que inclui métodos e procedimentos de aprendizagem. Os conteúdos, além de referir-se ao conhecimento sistematizado, também envolvem modos de agir, sentir e enfrentar o mundo. Faz-se necessário, entretanto, que as docentes repensem a sua didática e as metodologias que utilizam no ensino dos conteúdos, de modo que os estudantes possam, ao relacioná-los com a sua realidade, constituir significado, aprender.

Nesse sentido, Pimenta (2008, p. 22) esclarece:

Conhecimento não se reduz a informação. Esta é um primeiro estágio daquele. Conhecer implica um segundo estágio: o de trabalhar com as informações classificando-as e contextualizando-as. O terceiro estágio tem a ver com a inteligência, a consciência ou sabedoria. Inteligência tem a ver com a arte de vincular conhecimento de maneira útil e pertinente, isto é, de produzir novas formas de progresso e desenvolvimento; consciência e sabedoria envolvem reflexão, isto é, capacidade de produzir novas formas de existência, de humanização.

Relatos do tipo que os alunos não querem nada com a vida, que não adiante insistir porque não tem jeito, foram perceptíveis durante algumas observações. Segue uma fala da P2 quanto a um estudante disperso na aula:

P2: Você eu lavo as mãos! Vocês abusam da boa fé da professora, minha voz não posso estar gastando assim! Já repeti três vezes. (04 de maio de 2016)

Nesse mesmo dia, um estudante estava dormindo na aula e a professora, então, interveio:

P2: Ei menino, tu que está dormindo! Traga um travesseiro de casa para ficar mais confortável, preguiçoso! (04 de maio de 2016)

Vale destacar que as aulas da professora P2 foram as que mais tiveram relatos desse tipo. Ela, geralmente, passava a aula sentada e lia com os estudantes

o conteúdo do livro e fazia a explicação em seguida. Os estudantes sempre faziam leitura silenciosa e também em dupla. Nas aulas das três docentes, foi perceptível que a prática da leitura estava muito presente, pois os estudantes treinavam diariamente o exercício da leitura. Sempre antes da explicação do conteúdo, era feita a leitura em sala do livro.

Nas aulas da P1, era enfatizada também a leitura individual e coletiva. A professora mantinha uma relação próxima com os estudantes, dando oportunidade para eles se expressarem, criarem seus próprios textos, porém também destinava parte de sua aula para cópia de atividade do livro.

Vale destacar que, nas aulas da P1, sempre era nomeado um líder de sala de acordo com o número da chamada que correspondia à data do dia. O líder tinha a obrigação de anotar os nomes dos estudantes indisciplinados em um caderno e ajudar a professora na entrega do material didático. Na ausência da professora, o líder fica responsável pela sala, cabendo a este a autorização para um estudante ir ao banheiro ou tomar água.

A P1 priorizava, nas suas aulas, a postura correta, o tom de voz adequado para a leitura e o silêncio em sala. Mensalmente é entregue um livro paradidático para os estudantes levarem para casa, lerem e ser utilizado nas atividades de produção textual durante o mês. P1 sempre enfatizava a importância da leitura e do cuidado com o livro.

P1: Em casa façam a leitura do livro. Mesmo que não tenham atividade escrita, todo dia tirem um tempo para lerem. Ler só se aprende lendo, tentando. Vocês podem ler encartes, revistas. Praticar a leitura. Quando leio tenho novas palavras na cabeça. (02 de maio de 2016)

Em contraposição ao discurso de P1, que alerta os estudantes sobre a importância da leitura para a ampliação do conhecimento, a reflexão, a descoberta de novas palavras e do conhecimento, bem como o cuidado com a conservação do livro, vejamos os argumentos de P2 quanto à leitura, quando se refere ao estado de conservação do livro didático de um estudante.

P2: Seu irresponsável! Esse é seu livro nessa situação, no início do ano? Quando o diretor vier, tu te prepara que vou mostrar esse teu livro. Tá é comendo o livro em casa? (02 de maio de 2016)

Como se percebe no relato acima, a professora utiliza de uma linguagem ríspida e de menosprezo, enquanto que, como educadora, ela deveria instruí-lo, orientá-lo sobre a importância do livro e do zelo e cuidado com seu material escolar, os quais também serão necessários em outras situações de sua vida.

Temos dois discursos distintos: um que leva à reflexão sobre o cuidado, o zelo, a aprendizagem de forma leve e comprometida com a elaboração de conceitos, e outro que expressa esse zelo, mas de uma forma inadequada, pois expõe o estudante e o reprime diante dos colegas.

Compreendo que o professor deve promover um diálogo com os estudantes pautado em fatos sociais e globais, que os possibilitem repensar suas próprias ações e os fenômenos históricos, sociais, políticos que ocorrem à sua volta. A elaboração do conteúdo fundamentada apenas na prática de exercícios e exercitação da leitura é enfadonha e não possibilita a reflexão, a criatividade, a construção de novos saberes. Dessa forma compartilho da ideia de Brandão (2012, p. 47) ao enfatizar que

O saber é um passo além. Informações se acumulam como uma posse da mente. Conhecimentos interagem com quem conhece e transformam o “conhecedor” em um alguém que não apenas sabe, mas compreende e pensa crítica e criativamente a partir do que passou a conhecer. Possuímos uma informação, pensamos pessoalmente e dialogamos interativamente através de conhecimentos. De sua parte, o saber flui através de nós.

O comportamento, a postura correta ao sentar, ao ler e o silêncio em sala, dando-se prioridade a uma turma estática e concentrada na exposição do conteúdo pelo professor eram visíveis nas aulas das três professoras. Apresento um fato ocorrido na aula da P1 para ilustrar.

P1: O porquê da conversa? Essa falta de comportamento? É por falta de atividade? Vamos cuidar senão, não vai dar tempo. Ainda tem a gramática!
 Estudante: Só estava rindo professora!
 P1: Rir não é proibido, só quando atrapalha a aprendizagem. Já não fazem as tarefas e ainda ficam rindo? A gente rir quando tem tempo, pois relaxa. Ainda vou explicar sobre versos e poemas, senão não vai dar tempo. Dar tempo nem copiar! (03 de maio de 2016).

Conforme se observa, a professora deixa explícito aos estudantes o comprometimento de copiar as tarefas em tempo hábil. Estes, no entanto para cumprirem com o tempo curricular destinado as atividades, devem se manter

concentrados, calados e sérios, caso contrário comprometem o tempo destinado ao conteúdo que deverá ser ensinado.

Saliento, ainda, que as aulas das professoras estavam basicamente comprometidas com os conteúdos que deveriam serem expostos em tempos hábeis, cumprindo desta forma a sequência do planejamento, a sua missão: passar o conteúdo do plano. As aulas eram em sua maioria expositivas, leitura e escrita.

Nesse sentido, Tardif (2007, p. 35) salienta que:

Os alunos são clientes forçados, obrigados que são a ir para a escola. A centralidade da disciplina e da ordem no trabalho docente, bem como a necessidade quase constante de “motivar” os alunos, mostram que os professores se confrontem com o problema da participação do seu objeto de trabalho – os alunos – no trabalho de ensino e aprendizagem. Eles precisam convencer os alunos que “ a escola é boa para eles”, ou imprimir as suas atividades uma ordem tal que os recalcitrantes não atrapalham o desenvolvimento normal das rotinas do trabalho. Em síntese, os alunos precisam acreditar no que é dito a eles ou fingir que acreditam e não perturbar os professores e os colegas de classe.

Ressalto ainda um dos fatos ocorridos na aula de professora P1, quanto à retirada de dúvidas dos discentes. Após repassar a agenda que tinha como tema de aula a leitura do livro *Uma estória de assombrar*, os estudantes perguntavam:

Estudante 1: Professora, história está escrito com e, não é um h não?

P1: É porque é o título do livro!

Estudante 2: Professora porque história está escrito com e?

P1: Já falei várias vezes é porque é o do livro! Você não prestou atenção porque fica conversando. (09 de maio de 2016).

Conforme se pode verificar, a professora não retirou a dúvida do por quê da diferença entre estória e história, dando como justificativa o fato de ser o título do livro, o que não demonstrou satisfação dos estudantes em entender a diferença.

Ainda sobre as observações, ênfase também como fato marcante a aula de Matemática no dia 04 de maio de 2016. O conteúdo trabalhado foi correções do caderno de atividades do Aprova Brasil, o qual está substituindo o caderno de atividade do PAIC, que era trabalhado no ano anterior na escola. Nesse dia, a professora passou conteúdo sobre Polígonos, entretanto, esse conteúdo já tinha sido trabalhado e estava sendo repetido com as mesmas atividades a serem resolvidas, inclusive as mesmas já tinham sido corrigidas.

Observando os cadernos dos discentes, percebi que eles estavam copiando a mesma atividade e transferindo as respostas. Uma estudante me falou: “Essa atividade já foi feita antes, não sei porque a professora repetiu!”. Em outro momento, a professora relatou algumas discordâncias em relação ao plano de aula.

P1: A gente tem que seguir o plano de aula que vem da Secretaria, mas eu não concordo. Ontem a gente viu Bilhões e milhões, hoje já é Polígonos. Polígonos era para ter sido ontem porque a atividade hoje do livro é Polígonos e assim eles já teriam visto o conteúdo. (04 de maio de 2016)

Ainda em relação à atividade realizada, perguntei a professora porque era a mesma atividade que já tinha sido realizada. Então, a docente relatou que tinha que seguir o plano, caso chegasse uma fiscalização da Secretaria, teria que ser o conteúdo que eles transcreveram. Percebe-se dessa forma que os docentes seguem fixos, aprisionados aos planos de aula que vem com os conteúdos elaborados pela Secretaria de Educação.

Entendo, contudo, que o planejamento deve ser flexível e coerente com a dinâmica de sala de aula. Cada estudante e cada contexto possui sua singularidade, portanto, mais importante que seguir o plano é atender demandas, necessidades, dúvidas e questionamentos dos discentes.

Destaco, ainda, que, mesmo sendo repetido o conteúdo, seria interessante que as atividades elaboradas para a fixação do conteúdo fossem outras e não as já realizadas. Dessa forma, estariam verificando se o conteúdo trabalhado foi compreendido pelos estudantes, assim como suas respectivas dúvidas.

6.2 O que revelam os questionários

A aplicação dos questionários ocorreu nos dias 17 e 18 de maio de 2016. Estes instrumentos continham 10 (dez) questões subjetivas e foram respondidas por 26 (vinte e seis) estudantes. No que se refere à primeira pergunta, “Qual é a aula que você mais gosta? Por quê?”, a metade mostrou interesse por Matemática, justificando por ser esta uma das matérias que prestam mais atenção e se concentram, outros disseram ser com sua professora preferida e por ela ser muito engraçada, dentre outras respostas destaco também por ser a matéria que ajudará no futuro, porque aprender somas e conta é muito bom e é mais divertido.

Ressalto que a Matemática destaca-se entre os estudantes como uma disciplina que os desafia, uma vez que mencionaram que requer mais concentração e atenção. Segundo eles, quando o ensino desafia o estudante a buscar sempre mais, a usar seu raciocínio porque o despertar para a criatividade, a reflexão, a dúvida movem o aprendiz em direção ao saber.

Entendo, contudo, que trabalhar a Matemática além da abstração, envolvendo ludicidade, criatividade e autonomia, promoverá o desenvolvimento pleno do indivíduo, não apenas seu cognitivo. Saliento, ainda, que se faz necessário trabalhar com música, vídeos, pinturas, jogos, brincadeiras em todas as disciplinas curriculares, promovendo desta forma uma interdisciplinaridade entre as demais áreas do conhecimento, o que viabilizará o desenvolvimento dos discentes em seus aspectos físico, cognitivo, social e emotivo.

A 2ª pergunta era: “O que você mudaria nessa aula para torná-la ainda melhor? Por quê?”. As respostas foram variadas, dentre as quais se destacaram foram: 07 (sete) estudantes disseram não mudar nada, porque estava boa do jeito que se encontrava, 03 (três) responderam fazer mais silêncio e melhorar o comportamento, 03 (três) responderam aumentar o tempo da aula passando mais experiências, desenhos, contando uma piada, algum passeio para ficar mais divertida, e 02 (dois) responderam que a professora gritasse menos e fosse mais paciente e calma.

Como se percebe, muitos consideram que a aula estava boa do jeito que se encontrava, há algumas divergências quanto ao comportamento da turma, a ausência de uma aula dinâmica, bem como a postura da professora quanto à sua profissionalidade.

Pode-se destacar ainda de acordo com a análise dos discentes que as aulas lúdicas são pouco realizadas, pois eles afirmam que uma aula boa teria experiências, desenhos, passeios, que as deixariam mais divertidas, fato este que se deduz do fato de considerarem as aulas monótonas e pouco atrativas.

Quanto à indagação 3, “Como esse(a) docente lhe avalia? Como você gosta de ser avaliado(a)?”, 08 (oito) estudantes responderam que era por provas e correção dos deveres, 05 (cinco) denominaram ser avaliado com jóia, bom, ótimo, dez. Já 04 (quatro) responderam ser avaliados pela nota, as tarefas e observação; 03 (três) disseram ser avaliados pelo comportamento. Os discentes responderam

que gostariam de serem avaliados pelo comportamento, pelo aprendizado e sempre com nota dez, ou bem, jóia, ótimo para que a mãe tenha orgulho.

Percebe-se que os valores atribuídos no ato de avaliar possui grande significado para os aprendizes, uma vez que destacam o fato da mãe sentir-se orgulhosa. Dessa forma, saliento o quanto se faz importante a atribuição da avaliação não apenas como mecanismo de controle ou somatória, mas que a mesma se der por processos e de forma construtiva, pois avaliar está além da atribuição de uma nota ou elevação de índice ou rendimento escolar.

No que se refere ao item 4, “Descreva, brevemente, como é uma boa aula para você”, 10 (dez) responderam uma aula em que todos estivessem quietos, com deveres bem legais e com mais brincadeiras. Os demais destacaram uma aula divertida, alegre, outros responderam uma aula com recreio, uma aula que contasse histórias, e alguns destacaram uma aula com jogos e em dupla.

Seguem algumas respostas: “Uma boa aula para mim é uma aula com muitas histórias e ilustrações para eu entender melhor”; “Uma aula com a professora calma”. Vale destacar na escrita a ênfase na brincadeira e em aulas mais dinâmicas e com professores mais cooperativos.

Estes relatos indicam, mais uma vez, o interesse dos discentes por aulas mais dinâmicas, interativas, o que nos leva a refletir sobre as práticas pedagógicas dos professores em sala de aula. Quais as metodologias utilizadas para atrair seus alunos? O professor está repensando sua didática quanto a compreensão do estudante? Como proporcionar uma aula atrativa que contemple o conteúdo a ser estudado?

Essas reflexões nos direcionam às ações pedagógicas do professor, as estratégias e criatividade que são tão essenciais na arte de ensinar. A monotonia das aulas, muitas vezes, as tornam enfadonhas e pouco atrativas, e o aprendiz é motivado pela curiosidade, pelo desafio, pelo prazer. Precisamos, portanto, repensar nossas práticas e nos autoavaliarmos sobre como multiplicarmos o saber que temos.

“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”. (FREIRE, 1996, p. 47). Ou seja, ensinar não é transmitir ou simplesmente passar conhecimentos, informações vazias, mas (re)construir essas informações favorecendo, assim, o desenvolvimento nos jovens da sua autonomia, com a transformação de seus conhecimentos.

No que concerne ao item 5, “Qual é a importância da escola na sua vida?”, as respostas foram variadas. Alguns responderam o estudo e os esforços dos professores em ensinar; aprender a ler e escrever, aprender coisas novas e respeitar os outros, ter um bom trabalho, para ser alguém na vida. Citarei alguns relatos:

Estudar muito para ter um trabalho bom (menino).
 A escola na minha vida é muito importante para aprender coisas novas e aprender respeitar os outros (menino).
 A importância da escola pra mim é aprender a ser educado e não ser um analfabeto (menino).
 Por que ela vai me fazer no futuro que eu me forme e por ela foi onde aprendi a ler e escrever (menina).
 Porque ela vai me ensinar muitas coisas para que no futuro eu seja uma grande pessoa (menina).
 A importância é que eu aprendo mais e mais cada dia da minha vida. Aprender é maravilhoso (menina).
 Na escola a gente aprende tudo e a escola nos prepara para nossa vida adulta, então ela é de grande importância (menina).
 Para mim se tornar alguém na vida (menino).
 A escola é minha segunda casa e o meu porto seguro pra mim e minha segunda mãe que vai cuidar mim (menino).

Os estudantes caracterizam a importância da escola em sua vida além do desenvolvimento cognitivo, uma vez que a compreendem como o lugar onde aprenderão para seu sucesso no futuro. Destaco ainda o sentimento de ter a escola como sua segunda casa, a qual assume essa dimensão por ser o lugar onde a criança passa boa parte de seu tempo.

Diante desses relatos, ressalto a importância de gestores, professores e todos os comprometidos na arte de educar a contribuir com as expectativas de seus estudantes, conduzindo-os a seu desenvolvimento pleno, transmitindo estes além de conteúdos curriculares, afetos, valores e incluindo-os no meio em que vivem como sujeitos ativos, pensantes, construtores e transformadores da realidade na qual se encontram.

Ao perguntar, no item 6, o que eles aprendem na escola que consideram importante, foram variadas as respostas, tais como, ler e escrever, o respeito, a obediência, as disciplinas de Matemática e Português. Seguem alguns depoimentos:

O aprendizado é o mais importante (menino).
 Aprender a ler e escrever, sem a escola ninguém saberia nada (menina).
 Tudo o que aprendemos é muito importante na hora da prova (menino).
 Ler, escrever, responder e obedecer (menino).

A aula de Matemática é muito importante, porque hoje a gente ver em tudo Matemática (menina).

A Matemática é muito importante para a gente, então eu considero que a Matemática é muito importante (menina).

Eu considero muito importante todas as matérias que quando chega o dia da prova a gente ter estudado e saber as respostas (menina).

Eu aprendo as lições, aprendo as matérias, ser educada (menina).

Percebe-se nos relatos que a disciplina de Matemática é caracterizada entre os discentes como fundamental na sua aprendizagem, uma vez que está muito presente em seu cotidiano. Saliento ainda a utilização dos conteúdos aprendidos para a concretização de uma boa avaliação.

Vale destacar que a escola é o espaço que deve promover a interação, a socialização dos estudantes, desenvolvendo seu senso crítico, político, social, possibilitando-os a inserção na realidade em que vive e contexto social. O papel da escola além de ensinar conteúdos científicos, deve promover a curiosidade, a autonomia dos discentes, incentivando-os a busca do conhecimento e a reflexão de suas ações no contexto no qual faz parte. Portanto, é fundamental que no cotidiano da escola e nas práticas do professor seja oportunizado diferentes oportunidades e estratégias de ensino que os envolvam em suas dimensões físicas, cognitivas, afetivas, sociais e políticas.

No item 7, “Qual é o espaço na escola que você mais gosta? Por quê?”, 08 (oito) estudantes destacaram o momento do recreio, 07 (sete) a sala de aula, 06 (seis) destacaram o pátio, 02 (dois) denominaram o pátio e a sala de aula, 01 (um) destacou a sala de leitura e outro citou o ginásio. Várias foram as justificativas:

A sala de aula, porque é lá que eu estudo para as provas e ficar inteligente para passar de ano. (menino)

O ginásio porque lá é muito grande. (menino)

Recreio porque eu posso descansar depois do dever. (menino)

Na sala porque é o lugar onde somos educados e aprendemos tudo de bom. (menino)

O recreio porque a gente pode conversar. (menino)

O pátio porque é o lugar que a gente brinca muito, por isso que eu gosto. (menina)

O recreio porque é uns minutinhos para conversar e lanchar. (menino)

O recreio porque me sinto mais livre. (menino)

O recreio porque é onde converso com meus amigos. (menino)

O recreio porque é onde brinco, merendo e descanso as mãos. (menina)

A sala porque tem dois ar condicionados. (menino)

A sala de aula porque é onde aprendo muitas coisas. (menina)

A partir desses relatos, é notório o fato de que o espaço da sala de aula, embora seja citado por alguns como importante em virtude de aprenderem coisas novas, perde para o momento do recreio, pois nele podem interagir, conversar com os colegas, brincar e se divertir.

Ressalto, também, o fato de o intervalo ser o momento de “descansar as mãos”, o que comprova os fatos observados e narrados no diário de campo em relação às aulas serem conteudistas, expositivas e monótonas. Compreendo que a exposição do conteúdo faz parte do processo de ensino, no entanto, não deve ocupar todo o tempo.

No entanto, durante o intervalo, algumas crianças que possuíam celular os utilizavam para jogar, enquanto outras olhavam o aplicativo da JW, que é utilizado pelas Testemunhas de Jeová, que apresenta textos, músicas, a Bíblia e a leitura da semana.

Foi observado também que o lapso temporal era muito reduzido, o que restringia os momentos de brincadeiras entre as crianças. Geralmente, enquanto lanchavam, elas conversavam sobre assuntos do dia a dia, algum fato ocorrido na cidade ou até mesmo na sala de aula. Seguem algumas conversas (os nomes delas são fictícios):

Joana: Taty, você instalou o aplicativo da JW?

Taty: Já instalei, mas meu celular está em casa.

Joana: Olha aqui o tema da revista de hoje. (Relatos cotidianos, dia 10 de maio de 2016)

André: Zazá você soube que mataram um homem ontem na rua do Zezim?

Zazá: Soube sim, foi de noite, mataram de tiros. Acho que se enterra hoje? (Relatos cotidianos, dia 17 de maio de 2016)

No espaço do intervalo, elas se sentem mais livres para falarem de suas vivências, conversarem e jogarem utilizando os meios eletrônicos, porém é essencial que a escola proporcione espaços em que as crianças possam movimentar seus corpos. Além da importância desses espaços que proporcionem o desenvolvimento da motricidade, da linguagem e da socialização, também é necessário que seja destinado tempo para que elas usufruam desse momento além da sala de aula.

Considero que as interações entre sujeitos são fundamentais no processo de formação e aprendizagem dos mesmos, motivo pelo qual compartilho das ideias de Brandão (2012, p. 48) quando declara:

Estejam na aventura do “sair de si” e abrir-se gratuita e generosamente ao outro. Uma generosa socialização de símbolos, saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades em que a partilha e a reciprocidade sejam a própria condição da criação de sujeitos em que a busca da individualidade conspire contra o desejo do individualismo.

O momento de explorar o conhecimento com os estudantes é precioso, cada aula pode apresentar um universo novo de descobertas, as quais seriam mais atrativas e edificantes se os aprendizes desenvolvessem também suas dimensões espiritual, motora, social e afetiva. A ausência de espaços que possibilitem à criança interagir e se expressar é uma forma de negação de educação, uma vez que compromete o seu desenvolvimento integral, pois “[...] os objetos escolares, assim como tudo o mais nesse espaço, têm uma dimensão pedagógica, seja ela reconhecida ou não.” (BARGUIL, 2006, p. 176).

No item 8, “Que espaços você acha que uma escola precisa ter?”, 09 (nove) estudante citaram um local com livro para leitura, 07 (sete) destacaram uma quadra de futebol, 05 (cinco) disseram um espaço para brincar, 03 (três) responderam um recreio longo e um pátio grande. Outros ainda responderam um parquinho para as crianças menores e uma sala de arte, pula-pula, uma biblioteca, um espaço para correr, uma quadra que pudessem fazer ginástica, um campo, uma piscina e um refeitório maior.

Como se pode observar um espaço que promova a interação, a motricidade, afetos e valores são desejos dos discentes. Entendo que a escola pesquisada possui um espaço limitado, uma vez que, buscando atender a demanda de matrículas, modificou sua estrutura física. Ressalto o quanto é necessário e importante o uso de espaços que promovam a solidariedade, a autonomia, a socialização, a brincadeira para que o estudante se desenvolva integralmente. Comungo das ideias de Barguil (2006, p. 338) ao dizer que:

A escola precisa ser um espaço em que as pessoas a ela vinculadas possam viver, em todos os momentos, a sua condição humana com a intensidade merecida: ler, conversar, dançar, cheirar, cantar, rir, correr, aprender, pintar, chorar...

Quanto ao item 9, “Descreva, brevemente, como seria uma escola dos sonhos para você”, tivemos como respostas uma escola alegre, com muito brinquedos e sem professores chatos. Seguem alguns relatos:

Vários brinquedos, jogos, biblioteca e um cinema. (menino)
 Uma escola com muitos brinquedos, no recreio uma quadra para a aula de Educação Física. (menina)
 Uma escola que a gente pudesse ler na hora que quiser e mecher no celular. (menino).
 Bastante espaço, toda sexta- feira com passeios. (menino)
 Seria alegre, as professoras não seriam chatas e teríamos 25 minutos de recreio. (menino)
 Teria quadra, piscina, parquinho, basquete, aulas de espanhol. (menino)
 Uma escola bem grande, bem colorida, com várias salas de aula e com vários brinquedos. (menino)
 Seria bem grande e colorida, um espaço para brincar e um canto de pintar. (menina)
 Nada de deveres lendo livros de História e Ciências, Matemática, Português e Geografia e silêncio todos os alunos comportados. (menina)

A escola dos sonhos dos estudantes está associada à ideia de espaço amplo, ao uso das tecnologias no espaço da sala de aula, além de um espaço alegre e colorido. Como a escola é o espaço que os discentes passam muito tempo, é fundamental que eles se sintam acolhidos, livres, protegidos e possam desenvolver sua autonomia, expressarem suas emoções e construir conhecimentos.

Por fim, o item 10, “Conte algo marcante que aconteceu com você na escola”, alguns mencionaram não ter nenhum fato marcante. Outros denominaram o fato de ter aprendido a ler e escrever, outros ter tirado boa nota em determinada disciplina. Dentre os relatos, destaco:

Que eu aprendi a ler e escrever. (menina)
 Eu tirei um dez na prova de Matemática. (menina)
 No segundo ano eu fui enforcado por um menino. (menino)
 O dia em que eu fui escolhido para fazer a prova da OAB, porque eu senti que tinha conseguido ser um bom aluno suficiente para fazer. (menino)
 Passar de ano é marcante. (menino)
 Eu aprendi a ler com meu primeiro livro. (menina)
 Muito carão para prestar atenção no que a professora diz. (menina)

Diante desses depoimentos, no cotidiano escolar acontecem fatos que marcam os sujeitos neles envolvidos, que muitas vezes não são perceptíveis, pois muitos desses permanecem no inconsciente e se expressam nos afetos que dedicamos ao outro. Vale ainda destacar, dentre esses, o seguinte relato: “No primeiro ano eu era muito respondão e muito chato, respondia à professora. Agora estou no 5º ano e isso foi algo marcante”. Diante desse relato, destaco mais uma vez Barguil (2006, p. 335):

Assim, a grande lição que a escola precisa, continuamente, ensinar a seus atores (professores e alunos), ao mesmo tempo em que deles aprende, é que a vida não é para temer, mas para se abraçar, mesmo que ela insista em nos pregar sustos, em oferecer presentes que não pedimos, em adiar a entrega daqueles que estamos cansados de solicitar. Cada pessoa precisa, portanto, assumir a sua responsabilidade na transformação do mundo, interior, exterior, pois só assim estará cumprindo a sua vocação ontológica.

Esse estudante me explicou que esse fato foi muito marcante em sua vida, pois ele nunca obedecia a professora e faltava com respeito. Determinado dia, sua mãe foi chamada na escola e esse acontecimento o deixou tão envergonhado que não gostaria de passar mais por isso. Desde então, procura sempre ser um bom estudante.

Depois desse depoimento, percebi o quanto a escola é responsável na formação de valores humanos e o quanto fatos cotidianos modificam opiniões e atingem simbolicamente o sujeito em seu íntimo. Portanto, por não sabermos que reação e formação de conceitos estaremos elaborando em nossos discentes, precisamos sempre autoavaliarmos nossa atuação docente, mediante também uma escuta atenta dos estudantes.

6.3 Entrevista com as professoras

A profissão docente é uma das tarefas mais desafiadoras e apaixonantes para quem se dispõe a desenvolver virtudes humanas no dia a dia, a perceber o outro como um sujeito histórico, social e singular. Ser professor, em um mundo no qual as lutas por interesses diversos estão sempre acontecendo, onde as tecnologias aprisionam o Homem na sua própria capacidade de pensar e refletir suas ações, fazendo-os esquecer muitas vezes que a máquina não pode subestimar a inteligência que ele tem, sendo que ele mesmo a criou. É difícil, desafiador, mas também uma grande satisfação quando estamos dispostos a aprender com o outro e construir novos saberes que possibilitem transformações no meio em que vivemos.

Nós somos um complexo de histórias, memórias de pessoas, lugares e tempos que vivemos e que estão presentes na formação de nossa identidade. A escola como espaço-tempo de construção de saber, ideologias e valores comporta entre suas paredes pessoas com diferentes culturas, história e personalidade que transpassam seus muros.

É necessário, portanto, refletirmos se ela está contribuindo para a formação plena dos seus sujeitos, bem como percebendo estes como indivíduos plurais e ao mesmo tempo singulares. Para tanto, busco também compreender a percepção dos professores quanto a formação integral do estudante e qual a influência do cotidiano escolar nesse processo. Dessa forma, destacarei os relatos das docentes que se mostraram mais relevantes.

Ao perguntar, na questão 1, qual é a importância da escola na vida dos estudantes, as docentes relataram ser fundamental para o desenvolvimento como cidadão, do caráter e através dela o discente tem um direcionamento para o futuro. Destaco a fala da docente P2:

A importância da escola na vida dos alunos é muito fundamental. Porque os alunos eles tiram da escola toda a referência para a sociedade. É no meio escolar que eles aprendem, não só aprendem as matérias ensinadas, mas sim a saber conviver em sociedade, a representar valores, a transformação, as mudanças da sua própria personalidade, tudo isso envolve o meio escolar. (19 de maio de 2016)

P2 destaca que a escola não é apenas o espaço de aprender conteúdos, mas também ensinar para viver em sociedade e a construir a sua própria identidade. Nesse sentido, comungo com Brandão (2012, p. 55) quando declara que

[...] cada pessoa com quem começamos uma relação, reconhecemos para um grupo humano e sua cultura que são fontes originais de saber e sentido. Podem entrar em diálogo comigo, meu modo de ser e minha cultura. Mas de modo algum podem, por meio de qualquer tipo de ação pedagógica ou social, ser “seduzidos” a mim, ao meu modo de ser, de pensar, de sentir, de fazer circular o saber, de crer – porque são outros que não eu, mas comigo sujeitos de um mesmo círculo interativo de atores- autores de um “entre nós” – no que creem e não no que creio.

Quando foi questionado, no item 2, às docentes o que entendiam por currículo e se o mesmo contribuía para a formação integral dos estudantes, uma das docentes demonstrou estranhamento e insegurança ao falar sobre currículo, revelando não entender esse termo. Depois de passar cerca de 3 minutos pensando, relatou seu ponto de vista.

O currículo escolar está associado às regras que a escola dispõe com relação à classe gestora, com relação a classe docente e discente, são também as matérias postas em sala de aula, as regras os conceitos em geral, isso tudo formam um conjunto, né que faz parte do currículo escolar. Com certeza contribui para a formação integral do estudante, é de suma

importância, é fundamental. Uma escola que não oferece um currículo, que não oferece um currículo, dificilmente ela vai se desenvolver no papel de educar o educando. Vai ter uma dificuldade muito grande, não pode correr solto, não pode trabalhar solto, tem que amarrar alguma coisa, tem que trabalhar objetivos, desenvolver esses objetivos, principalmente com relação aos educandos. (20 de maio de 2016)

Mesmo tendo respondido, depois de alguns segundos, foi perceptível que a docente demonstrava insegurança sobre o que estava relatando. Corroboro com Tardif (2002, p. 38) que,

Ao longo de suas carreiras, os professores devem também apropriar-se de saberes que podemos chamar de curriculares. Estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar caracteriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Apresentam-se concretamente sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender aplicar.

Ressalto ainda o depoimento de P1:

Na minha opinião ela consegue, porque isso depende muito do profissional dentro de sala de aula, como professor se encontra, se ele está estimulado, se ele está capacitado. Então se ele tiver envolvido com o propósito de aprendizado na sociedade de formar essa criança, então ele consegue atingir esse objetivo de formar verdadeiro cidadão. Só que em contratempo, a gente ver os problemas que acontecem em torno da escola, vem à questão do professor às vezes é ser desmotivado, às vezes ele entra na sala de aula, é... hoje, vai ser um bom dia de trabalho, mas por trás daquilo às vezes tem uma coordenação que não estimula, uma escola que não te apoia, que não te dar o básico, o material básico que é o livro, não te dar o apoio, não te dar espaço para você se planejar e poder criar todo o ambiente para formar essas crianças. Mas, se a gente, eu pessoalmente, acho que se eles, né... o professor, ele nasceu pra isso, ser professor, é o que eu digo muito, ser professor ele tem que ter sangue na veia, porque se ele for só pra sala de aula só pelo simples fato do dinheiro, ele vira um profissional frustrado, porque? Porque não vai te recompensar. Porque ser professor, formar, ser formadora de cidadão, é muito mais do que seu salário no final do mês. É se deparar com situações individuais de cada criança, estimular ela aprender. Para ela saber que um futuro a espera lá na frente, mesmo com todos os contratempos de sociedade, de dificuldades financeiras. (19 de maio de 2016)

Percebe-se, no relato da docente, o seu comprometimento em formar o cidadão para o exercício da cidadania, preparando-o para o futuro, bem como seu envolvimento com seu ofício de educadora. No entanto, demonstra sua insatisfação e angústia, quando seu trabalho toma outros rumos diante dos processos

burocráticos que enfrenta para a realização do ensino, como processo de formação plena dos estudantes.

Quando perguntei, na questão 3, o que significava a expressão formação integral do estudante, uma das docentes mencionou não conhecer esse termo, outra pensou um pouco antes de dar sua resposta revelando insegurança. Seguem os relatos:

Vish! Formação integral do estudante, nunca ouvi esse termo. Formação integral... é ele terminar formado. É ele terminar, ter alcançado seu objetivo, ter se formado numa área específica, no que realmente ele almejou, desejou ser. (Relato da P1, 19 de maio de 2016)

(pensando) O aluno ele vem para a escola com um objetivo, é pra vir com o objetivo de aprender, então a gente aqui, como a gente trabalha muito a disciplina da criança e a gente tem a intenção de que o aluno seja bem integrado na escola para que ele desenvolva suas atividades, para que no futuro ele tenha uma boa profissão, uma boa conduta também, esse é nosso objetivo. Formar o cidadão. Como seria formar esse cidadão na sua integralidade? Eu acredito assim, formar o cidadão no todo, que ele seja cumpridor dos seus deveres, dos seus direitos, que ele tenha noção do que ele realmente quer perante a sociedade. (P3, 20 de maio de 2016)

Conforme se percebe-se, P1 declara nunca ter ouvido o termo, porém na sua compreensão caracteriza que formação integral do estudante seria a sua formação em uma área específica do conhecimento na qual o estudante se profissionalizará. Já a P3 enfatiza a conduta e o sucesso profissional como um dos objetivos a serem alcançados pela escola em relação ao discente. Destacando que formar um cidadão como o todo, seria formá-lo para o cumprimento de seus deveres e direitos reconhecendo como sujeito integrante na sociedade, entendendo que “[...] os direitos humanos são de totalidades humanas indivisíveis. Fragmentá-los é negá-los.”. (ARROYO, 2012, p. 44).

Aqui faço ressalva à fala da professora P2, para que reflitamos sobre as práticas pedagógicas que se materializam no cotidiano escolar:

Eu entendo que a formação integral está relacionada em sala de aula, no qual o professor tem como papel não só desenvolver habilidades na criança, no aluno, com relação as matérias, e sim como o todo. Envolver a criança com relação aos valores familiar, a postura, a expressão de opinião, fazendo com que a criança ela possa interagir em meio a sociedade. Isso também faz parte de uma formação integral. Não só cobrar e exigir da criança aquela aprendizagem, aquela aprendizagem mecânica das matérias, e sim querer algo mais, puxar algo mais da criança nesse sentido. Valores, opiniões, criticidade. (19 de maio de 2016)

A docente menciona que não deve se exigir das crianças apenas uma aprendizagem mecânica atrelada aos conteúdos, mas que permita no processo de educar que as mesmas expressem suas opiniões, sua criticidade e sejam expandidos valores. Ressalto, todavia, que, embora a docente reconheça o papel do professor na contribuição do desenvolvimento do estudante em seus mais variados aspectos, sua prática em sala de aula não está em sintonia com esse discurso, uma vez que esta se expressou diante das observações em sala como enfadonhas, repetitivas e pouco atrativas. Portanto, faz-se necessário que se repense a prática e a teoria, desenvolvendo assim uma práxis pedagógica. Nesse sentido, destaco Brandão (2012, p. 49- 50):

Uma educação que forme pessoas para serem solidárias e sujeitos participantes da transformação de si mesmos, de suas próprias vidas e destinos, de seus outros ao longo de suas vidas interconectadas, dos mundos sociais, em que vivem suas vidas. Uma educação que conspire contra todo o processo em marcha de robotização do humano, de horizontes curtos e funcionais, de um individualismo que de forma alarmante torna-se, depressa demais, a maior das virtudes, em um mundo em que o “sucesso na vida” parece ser tudo o que as melhores escolas prometem e em que um mundo pleno de “privê” parece ser o único paraíso pelo qual vale a pena estudar e “vencer na vida”.

No entanto, faz-se necessário que a a escola juntamente com seus gestores e docentes reflitam suas práticas pedagógicas e busquem coletivamente estratégias metodológicas, debates, estudos em grupo que contribuam para a formação de crianças e adolescentes. Acredito ainda que para além das exigências externas, as quais recai sobre o trabalho do professor e a dinâmica cotidiana da escola, é necessário que o aluno seja percebido em sua individualidade promovendo desta forma a interação com seus pares.

Não se garante o direito à vida, à aprendizagem em sala de aula tornando-as espaços de reclusão de mestres e alunos. O direito à totalidade das vivências dos corpos exige diversificar espaços, priorizar novos e outros espaços físicos, nas políticas, nos recursos. Sair de espaços indignos de moradia de rua para indignos espaços escolares negará o direito a viver justo. (ARROYO, 2012, p. 44).

Quando interrogadas, na questão 4, sobre quais atividades realizavam que proporcionavam o desenvolvimento integral dos estudantes, elas mencionaram,

em sua maioria, o momento em que os escutavam, quando os questionavam, não mencionando nenhum momento algumas de suas atividades realizadas em sala que demonstrasse o alcance do objetivo de contemplar o discente em sua integralidade.

Vejamos alguns relatos:

Acho que é o momento onde eu paro e escuto a opinião deles, onde eu vejo realmente que em casa, dar pra sentir que em casa os pais conversam com eles que eles realmente entendem de determinados assuntos e compartilham, é o emocional de cada um, você sente que eles assimilam o conteúdo que você passa, então, quando eu proporciono um momento de conversa com eles é onde eu percebo que essa integração digamos assim de...de... não sei, dos conteúdos assimilados que a gente ver que está chegando até eles. (P1, 19 de maio de 2016)

Além das minhas atividades, das disciplinas que aplico que é História, Geografia e Ciências eu trabalho também com Arte e Religião. E em Religião eu desenvolvo muito a questão dos valores. Valores familiar, valores da sociedade, fazer com o aluno desperte o verdadeiro sentido do que é ser cristão em meio a sociedade, que ele possa saber conviver, ele possa saber desenvolver o papel de um bom cristão. (P2, 19 de maio de 2016)

No momento em que ele dar opinião, ele participa das atividades. Não sei se você prestou atenção, gosto muito de trabalhar eles dando as ideias, dando os exemplos de vida, eu acho assim muito importante. Assim, a participação do aluno eu acho primordial, a construção deles, né! (P3, 20 de maio de 2016)

P1 enfatiza a assimilação dos conteúdos como uma forma de entender se o que lhes é passado está sendo compreendido, ignorando, dessa forma, as dimensões afetiva e motoras de estudante. P2 relata o trabalho com valores, como uma forma de proporcionar o desenvolvimento integral da criança. P3 denomina o momento que escuta os estudantes, que os permitem opinar, refletir como a forma de proporcionar o desenvolvimento integral deles. A escuta foi destacada como a estratégia para proporcionar o desenvolvimento integral do estudante.

Educadores são aqueles que, mais do que “ensinar o que não se sabe”, criam os cenários de reciprocidades que fazem fluir entre comunidades aprendentes de/ entre pessoas, o saber que, antes de ser apropriado individualmente, existe e flui para ser coletivamente construído e compartilhado. (BRANDÃO, 2012, p. 53).

Ao questionar, no item 5, como as docentes avaliavam seus alunos e se essas estratégias seriam adequadas para avaliá-los nos aspectos físicos, emocional e cognitivo, as docentes destacaram avaliar o estudante como todo, no

comportamento, na escrita e na oralidade. Contudo, não expressaram se essas estratégias eram suficientes para analisar as dimensões propostas. Ressalto a fala da P1:

Eu não sou uma professora que não gosto de ser conteudista. Eu vou muito pela a... é... tem um professor meu, o professor Marconis, né que já é falecido, né... o finado Marconis, ele tinha uma avaliação ele tinha uma avaliação, agora que não lembro, uma avaliação, é... tipo uma avaliação pelo que ele apresenta. Eu num vou avaliar o aluno porque ele tirou um dez em Matemática, dez em Português e tirou quatro em História e quatro em Ciências, não, eu vou avaliar o que ele pode me oferecer de melhor. Ele não precisa, se um dia ele ser formado, vai que a formação dele ou o profissional que deseja ser não precisa de uma específica História e uma específica Ciências, ele precisa só bom só, é... em outra disciplina, então eu avalio ele no que ele pode me oferecer de melhor. Ele as vezes, ele não é um aluno nota dez de fazer todas as atividades de casa. Mas, ele é um aluno competente e participativo, então eu não vou deixar de avaliar esse aluno, vou deixar de passar nota porque ele tirou um quatro na matéria e eu não vou dar uma nota a mais por sua participação! Então, eu não vou avaliar ele simplesmente pela nota, pelo sistema de nota, eu avalio ele o que ele pode me oferecer. As vezes até aquele que não participa, mas você ver se está tudo bem com ele, você chega e aí como é que está, você compreendeu, você entendeu? E as vezes ele te dar uma resposta que te surpreende! Sim porque as vezes eles sentem-se desestimulados por ter tirado uma nota baixa e aí você ver que fica triste. E quando você chega e diz, não, ver a participação dele e diz eu vou lhe dar meio ponto. Um ponto pela questão de você está conversando com ele, então isso ele ver assim: opa! A tia já viu algo em mim que precisou, ela já sabe que eu tenho condições de fazer, então as vezes isso até ajuda a acompanhar mais os conteúdos, isso quando se dar essa oportunidade a eles. (19 de maio de 2016).

Na fala da docente, percebe-se sua preocupação em motivar o estudante, em detrimento de uma boa nota nas avaliações somativas, uma vez que compreende que deve avaliá-lo dentro de suas peculiaridades e seus limites. Diante desse relato, deduz-se que a motivação se torna um dos fatores importantes para impulsioná-los a busca do conhecimento. Dessa forma, compartilho do pensamento de Penin (1989, p. 27) ao enfatizar que:

As representações se formam entre o vivido e o concebido, diferenciando-se de ambos. O concebido, por um lado, constitui o discurso articulado que procura determinar o eixo do saber a ser promovido e divulgado. Representa, assim, o ideário teórico de uma época. O vivido, por outro lado, é formado tanto pela vivência da subjetividade dos sujeitos quanto pela vivência social e coletiva dos sujeitos num contexto específico.

Na questão 6, é solicitada a opinião da docente quanto ao cotidiano escolar, se este contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes. As

docentes percebem o cotidiano como importante para o desenvolvimento dos estudantes, contudo mencionaram a importância da família em acompanhar os filhos na escola e do espaço escolar nessa construção, uma vez que a escola disponibiliza pouco espaço para o bom desenvolvimento da criança.

Claro que contribui, porque na escola, digamos, a gente sabe que o princípio de tudo é na casa, né? Na família, mas na escola ela vai dar o direcionamento de como se viver em sociedade, vai dar o direcionamento da pessoa que vai ser, do profissional que ele vai querer ser. Então se ele não tiver esse momento na sala de aula, digamos que quando ele ficar um adulto, ele não esteja preparado para viver dentro da sociedade. Então, esse cotidiano em sala de aula, de vir para a escola é essencial pra vida dessa criança. Dentro da escola a gente tem essa preocupação do espaço, o espaço é pequeno. Eu na minha opinião, já teria adquirido um espaço maior. Porque criança precisa de espaço, precisa correr, criança precisa brincar, ela tem que tirar todas as energias. E na nossa escola, apesar de ser uma escola disciplinada, tem as questões das regras que devem ser seguidas e eles entendem muito bem isso. Mas, o espaço em si, o espaço oferecido pra eles, os ambientes, se tornam as vezes pequenos. Uma sala, uma biblioteca, um espaço maior pra recreação. Então os espaços escolar, os espaços que existem dentro da escola, talvez necessitassem ser maiores até mesmo para o próprio desenvolvimento deles. (P2, 19 de maio de 2016).

A professora sinaliza que a escola apresente apenas um direcionamento ao estudante de como viver em sociedade, pois a educação, como princípio, vem de casa. Enfatiza ainda que o espaço da escola é pequeno e que a criança, como é natural de sua fase, precisa correr, brincar, de espaço para interagir e liberar suas energias. No que concerne ao espaço escolar, compartilho das ideias de Barguil (2006, p. 83):

[...] mediante o Homem modifica o seu meio, o espaço exerce sobre ele um poder silencioso, seja exigindo a sua adaptação, seja o impelindo a instaurar novas formas de relacionamento com seus semelhantes. O espaço social, expressão de uma lógica mais ampla, tem leis reguladoras da atividade neles desenvolvidas, embora tais determinações devam ser entendidas de forma dinâmica, em virtude da natureza humana.

As relações cotidianas atingem simbolicamente os indivíduos e interferem no seu comportamento e na formação de seus conceitos, nesse sentido, entendo que esses espaços-tempos devem ser ressignificados. Faz-se necessário que o estudante disponha de espaços-tempos que favoreçam a sua construção social, pessoal e espiritual e que os educadores reflitam sobre os rituais que ocorrem nessas vivências que tanto impacta subjetivamente, pois “[...] é no âmbito da análise

do cotidiano que podemos melhor entender as ações dos sujeitos que movimentam a escola e com isso alcançar a natureza dos processos construtivos da realidade escolar, tendo em vista a sua transformação.”. (PENIN, 1989, p. 13).

Foi perguntado, na questão 7, qual projeto ou movimento realizado na escola que possibilita o desenvolvimento integral dos discentes, as docentes relataram, eventos na quadra, passeatas contra a dengue, Olimpíadas etc.

Ah! A escola preocupa muito com a formação dos estudantes. Nós temos aqui o Projeto de leitura, no qual os alunos levam um livro paradidático pra casa e entrega por mês, o tema do livro é trabalhado em sala. Eu acho muito importante a leitura sabe, pois quando você ler, você descobre o mundo. Eu digo muito a eles que a gente só é alguém na vida através dos estudos. E a leitura melhora na escrita deles, estimula. A escola sempre trabalha com as olimpíadas que são promovida pela Secretaria de Educação, como os jogos esportivos e também tem sempre a feira de ciências que participamos e a culminância é apresentada nas outras escolas. Acho que é isso. (P1, 19 de maio)

A escola ela participa de vários movimentos no decorrer do ano, quando se tem necessidade, por exemplo, já participamos de momentos de passeatas no meio da rua, de caminhadas em manifestação contra a dengue, eles participam, eles são bem participativos com relação a isso, são entendidos, né... ouvem debates, aqui na escola de vez em quando acontecem palestras sobre alimentação saudável, sobre a conscientização e a preocupação com certas doenças, como no caso, a doença atual, a dengue, a transmissão, a... eles recebem orientações, e a gente participa de vários movimentos. (P2, 19 de maio)

O projeto que eu acho muito importante é o projeto de leitura, porque, sabe, quando se ler abre vários caminhos, as portas vão se abrindo. Assim, o incentivo a leitura, o projeto de leitura eu acho muito importante. A gente trabalha muito com... o Município trabalha muito com olimpíada, eu acho assim que também é muito importante. Feira de Ciências, olimpíadas, esse movimento é muito importante. (P3, 20 de maio de 2016)

Como se percebe nos relatos das docentes, há uma preocupação da escola e do Município em promover a participação dos discentes em projetos para além dos muros da escola. Considero fundamental que a escola promova variados momentos de aprendizagens e trocas de saberes entre estudantes e sociedade, o que acontece mediante Olimpíadas, Feiras de Ciências, dentre outros, pois possibilitam que eles relacionem os saberes científicos com o cotidiano. Compartilho do pensamento de Brandão (2012, p. 59), ao salientar que:

A educação é uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos. Assim sendo, o seu sentido é mais o de criar continuamente comunidades aprendentes

geradoras de novos saberes e, de maneira crescente e sem limites, abertas ao diálogo e à intercomunicação. A educação não gera habilidades, ela cria conectividades.

Foi destacada, também, a leitura como fator fundamental para a inserção do estudante na sociedade e constituição do saber. Compartilho do pensamento das docentes, uma vez que entendo a leitura como fundamental para a formação do cidadão crítico e atuante na sociedade.

Quando perguntado, na questão 8, qual o espaço consideravam mais importante na escola e qual o espaço que mais gostavam, as docentes referiram-se à sala de aula como o espaço privilegiado para ocorrer a interação, a troca de saberes, onde de fato a aprendizagem acontece.

A sala de aula. Dentro da sala de aula, porque aqui eles estão num ambiente, não é um ambiente familiar, mas é o ambiente social que eles tem. É um ambiente social, como outros que eles tem em questão de religião, quando eles vão acompanhados com o pai, tem aqueles até que nem vão. Então, o momento que eles estão assim social, com outros pensamentos, com outras pessoas é dentro da escola. Então, dentro da sala de aula aqui, eles recebem as visitas, eles tem os colegas, recebem os colegas das outras salas de aula, então, é nesse espaço aqui que eles se promovem. Eles mesmos se promovem, dizendo se são bem ou se não são. (P1, 19 de maio de 2016)

Principalmente a sala de aula, porque na sala de aula você tem que passar para o aluno e o aluno ele tem que sentir vontade de estar em sala de aula. Então, se a sala de aula não tiver proporcionando um ambiente agradável para o aluno, o aluno ele não vai se sentir bem em sala de aula. Então, principalmente a sala de aula tem que está no clima agradável, aconchegante, amplo. Então, tudo o que você puder aproveitar em sala de aula, você aproveita. Porque, assim, são quatro horas que eles passam na sala de aula, praticamente, e se não for um ambiente bom, agradável, um ambiente bem iluminado, bem arejado, um ambiente limpo, então o aluno, ele vai sentir essa necessidade. (P2, 19 de maio de 2016)

Eu acho a sala de aula, porque lá, é um ambiente fechado onde todos interagem, todos participam, digo, sala de aula, todos participam, todos eles expõem o pensamento, conversam, tem um vínculo de amizade, e eles aqui estão, desde pequenininhos juntinhos na mesma turma, sabe! E eu acho muito importante. (P3, 20 de maio de 2016)

Verifica-se, na fala da P1, que é na sala de aula que o estudante se promove, se relaciona com o outro e tem contato com opiniões e pessoas diferentes. Na opinião da P2, além de mencionar a sala de aula como espaço fundamental, uma vez que é o lugar onde os discentes passam maior parte de seu tempo, também

chama atenção para o fato de esta ser um espaço agradável e aconchegante, para que o estudante se sinta acolhido.

Ao perguntar, na questão 9, qual o espaço de sua preferência, todas foram unânimes em denominar a sala de aula como o espaço que mais se sentiam aconchegadas. Destaco o depoimento de P1:

A minha sala de aula. Porque eu estar com meus alunos, eu me sinto bem. Eu digo muito, se... eu poderia ter a opção, eu P1 não ser professora, eu tenho essa opção. E até casos de eu discutir com meu esposo dentro de minha casa, né! É isso mesmo o que tu quer pra tua vida, é isso mesmo, tá muito estressada, tá muito cansada, pelo amor de Deus! Faz almoço hoje não que vou comprar! Então é assim, é uma opção minha, eu quis ser isso, desde que meu pai, olhou pra mim e disse: tu vai ser professora. E parece que foi algo que impregnou em mim. Então, eu me sinto bem dentro da minha sala de aula. Porque eu sinto um espaço meu. É um espaço seu, eu não imponho o que eu quero, eu tento direcionar o que cada um quer e incentivar a dar o melhor de si. Então, as vezes eu chego dentro da sala de aula e quando vejo aquele espaço que são trinta cabecinhas tudo esperando por direcionamento, um direcionamento meu. E as vezes eu tento muito chamar eles a atenção pra aula, para o conteúdo. Quando eu vejo uma criança dispersa, aquilo me incomoda, as vezes eu tenho até que me policiar porque as vezes você tem sempre o que conversar, mas as vezes a gente não admite, olhe isso aqui é muito importante, então eu gosto muito desse espaço, de estar na sala de aula, de estar direcionando, de está ensinando, de estar mostrando, olha não é esse caminho, é esse. De instruí-los de fazer as coisas, e quando vêm que trazem, né, a atividade feita, o trabalho feito de acordo com o que você passou, com o que você viu é muito prazeroso. Você ver que o objetivo foi alcançado. Então, pra mim o meu espaço é a minha sala de aula. Eu não tenho outro espaço. Ah! É a biblioteca? Ah! É a sala dos professores? Não! Pra mim, é a minha sala de aula, porque é aonde eu me sinto bem. Então assim, eu posso tem dias que vou dizer eu não volto mais de jeito nenhum, mas, algo no outro dia me pede pra vir. (P1, 19 de maio de 2016)

Eu também gosto da minha sala. Assim, eu gosto muito de ter o contato direto com eles, assim, eu acho muito importante. Eu passo, eu mexo em um, mexo com outro, brinco, eu acho assim, as vezes eu penso assim, que eles me acham a verdadeira criança, sabe! Em sala de aula, porque eu gosto de chegar ao nível deles, mas também pôr a minha responsabilidade, meu moral, assim... pra eles verem que a gente é uma amiga que está sempre a disposição. Às vezes assim, termina a aula e eles chegam vão confidenciar, contar a vida, histórias que acontecem na família, eu acho muito importante. (P3, 20 de maio de 2016)

Como se verifica na fala das docentes, a sala de aula é destacada como o ambiente principal da escola, pois é nela que os estudantes passam maior parte de seu tempo e onde o professor mantém uma relação mais próxima com eles, através das trocas de experiências. A fala da P3 destaca a sua autonomia como professor, uma vez que cita sua responsabilidade e a imposição de sua moral. Entendo o espaço da sala de aula como primordial para desenvolver atividades criativas,

verbais, artísticas, intelectuais e situações de aprendizagem que contemplem cada aprendiz em sua individualidade, sendo o professor o principal responsável por essa interação e desenvolvimento em sala de aula.

As crianças sempre irão precisar de locais seguros para aprender. Sempre precisarão de pontos de partida, de onde possam seguir sua curiosidade no mundo mais amplo, e sempre precisarão de locais para fazer a transição dos lares de sua infância para a sociedade maior dos amigos e adultos. (SENGE, 2006, p. 15).

Ao perguntar, na questão 10, como seria a escola dos seus sonhos, as docentes destacaram uma escola na qual os coordenadores fossem capacitados para tal cargo e já tivessem passado pela experiência da docência. Foi mencionado também uma escola com espaço amplo e com boa estrutura física. Destaco ainda que foi mencionado a escola em tempo integral. Seguem alguns depoimentos:

Ah! Uma escola dos meus sonhos, primeiro, né.... onde coordenadores e diretores fossem pessoas formadas, conhecedoras das leis, do que rege a educação, pessoas que pudessem primeiramente antes de qualquer coisa, tivessem sido professores realmente pra saber qual é a importância de um professor dentro de sala de aula, que respeitassem os professores, que dessem espaço para eles trabalharem. Então, a escola dos meus sonhos seria que a coordenação juntamente com todos os professores pudessem ver que as crianças são os principais, é... as principais pedras preciosas de dentro da escola. Que não visse a criança como mais um, mas que visse a criança que é precisa ser educada até chegar no objetivo dela final que passar por todas as etapas da escola. A escola dos meus sonhos é essa, que fossem capacitados, que soubessem reger a escola, que se preocupassem com os problemas das crianças. Porque tem crianças que gritam... gritam pedindo socorro. Eu já me deparei com vários casos, com vários fatos, talvez seja isso meu lado sensível. Aqui na nossa escola graças a Deus, tem pessoas, a coordenação tem gente que são capacitadas. Eu vejo que as vezes se emocionam também, é claro que a gente também não deve levar sempre o lado emocional, também tem que ter a razão e ajudem, amparam, vai atrás da solução para ver o que causou, fez aquele aluno chamar tanta atenção. (P1, 19 de maio de 2016)

Gostaria que os alunos eles tivessem cada vez mais um ambiente em que essa escola oferecesse uma estrutura bem mais do que eles merecem, é... e que todos os alunos tivessem a oportunidade de estudar em tempo integral, porque pra mim a educação ela é fundamental. Que uma criança ela pode muito bem estar em um ambiente de tempo integral na escola em tempo integral e ter também seu espaço de recreação, ter seu espaço de brincar, de lazer. Eu gostaria muito que existisse essa escola modelo para todas as crianças do nosso Brasil, que existisse, que realmente começasse a observar que a educação, o Brasil depende muito da educação, muito, o Brasil precisa melhorar no sentido de educar, de trabalhar a educação das crianças, dos adolescentes. Hoje, nós contamos aqui em Cascavel, por exemplo, com duas creches em tempo integral e é maravilhoso. As mães gostam muito, é muito importante. Já imaginou se tivesse essa oportunidade a nível municipal, a nível estadual, de colégio em tempo

integral para as crianças e os adolescentes, então eles não estariam ociosos, nas ruas e estariam estudando o dia todo, participando de atividades extra-classes, atividades lúdicas de recreação, de pesquisa, então eles estariam cada vez mais capacitados e a educação do Brasil ia avançar cada vez mais. Então, pra mim a escola dos meus sonhos seria essa, uma escola integrada, uma escola completa, uma escola com espaço físico grande para receber as crianças. (P2, 19 de maio de 2016).

Eu queria era que tivesse era espaço, menor número de alunos que a gente possa trabalhar melhor, que acredito assim, menos alunos seria bem melhor e que a família estivesse mais presente. (P3, 20 de maio de 2016)

Verifica-se no depoimento da P2 que a escola de tempo integral seria umas das estratégias para diminuir o número de crianças ociosas nas ruas, contudo destaque que não basta somente ter escolas em funcionamento integral, é necessário que estas promovam a aprendizagem em todos os espaços e não somente na sala de aula. Concordo com a docente ao relatar que a ludicidade, a pesquisa, a recreação e atividades extra-classes como fundamentais para o desenvolvimento das crianças, e que as instituições, bem como os seus dirigentes, deveriam ter um olhar mais flexibilizado, sensível e visionário nesse quesito.

Verifica-se na fala da P3, a denominação da falta de espaço que promova o desenvolvimento pleno dos alunos, bem como o acentuado número de aprendizes nas salas de aula o que possivelmente interfere no acompanhamento mais detalhado dos discentes, uma vez que eles lecionam várias turmas. Vale destacar ainda a preocupação com a participação da família na escola. Entendo que as relações familiares e o acompanhamento dos pais de forma integral aos seus filhos na escola contribuem para seu desempenho em sala de aula e estímulo na sua vida escolar.

7 SÍNTESE CRÍTICA

“É preciso, por enquanto e até segunda ordem, duvidar atrozmente, não propriamente da existência, que está ao alcance de qualquer um, mas da agitação interior e da profunda sensibilidade das coisas, dos atos, da realidade.”

(Antonin Artaud).

A vida é um mistério que tentamos desvendar a cada dia, muitas vezes queremos mergulhar nas profundezas do Homem para descobrir seus limites, seus pensamentos, suas inquietudes e as razões de suas ações, contudo, isso torna um fato absurdo e irracional, pois somos frutos de um mistério que compõe a vida. Ressalto, na epígrafe acima, o fato de que é preciso duvidar, não da existência em si, mas daquilo que o Homem faz dela, fatos estes motivados por seu eu interior, suas ações, sua realidade.

É quando, na possibilidade do inacabado, na premissa de que cada um tem suas verdades, certezas, o que não faz nada absoluto, que discorrerei não minha conclusão, mas uma síntese crítica, minha ótica, minha compreensão sobre os fatos experienciados, as vivências cotidianas, os relatos dos estudantes e depoimentos das docentes durante o delinear dessa pesquisa.

No entanto, deixo também aqui leitor, o espaço livre para que você, também, duvide, questione e vá atrás das respostas diante de novas pesquisas. Por fim, também destacarei algumas implicações na pesquisa, no sentido de oferecer sugestão de continuidade da mesma.

7.1 Pontos relevantes a serem retomados

Nesta investigação, busquei identificar as práticas cotidianas construídas na comunidade escolar que contribuem para o processo de desenvolvimento integral do educando e refletir sobre como o cotidiano escolar transforma e impacta na vida dos estudantes, bem como identificar as relações estabelecidas pelos gestores e professores que valorizam aqueles como sujeitos pensantes, críticos e reflexivos.

Diante das análises, detectou-se que a instituição tem forte predominância religiosa, uma vez que nas vivências cotidianas era perceptível momentos reservados para a oração com as crianças. Logo na entrada da escola, tem a imagem de Nossa Senhora, reforçando seu caráter religioso, bem como em demais espaços da instituição.

Ressalto ainda a evidência da predominância do catolicismo quando foi relatado pela coordenadora que a escola organizava a coroação da Santa em maio. A presença religiosa foi evidenciada em um dos momentos das observações quando foi recebido no ginásio da escola pelas crianças a imagem de Nossa Senhora Aparecida no dia 13 de maio desse ano.

Destaco a presença religiosa como marco na instituição, uma vez que uma das fundadoras desse espaço educacional era devota de Nossa Senhora, o que faz também com que sejam preservados os rituais religiosos no contexto escolar. Saliento ainda resquícios do ensino jesuítico, os quais foram os primeiros educadores com base teórica no Brasil, tendo importante contribuição e participação na nossa história educacional. Mesmo que o ensino seja declarado laico, ainda trazemos em nosso currículo práticas religiosas.

Diante das observações e por compreender que o ensino deve trabalhar com as diversidades, sejam econômicas, políticas, religiosas, culturais, históricas, é que se faz necessário repensar o currículo escolar quanto a estar incluindo todos os estudantes em suas práticas, em suas ações cotidianas. Alguns estudantes não são adeptos do catolicismo o que os exclui em determinados momentos e os constroem, uma vez que não contempla a todos em seus aspectos espirituais e emocionais ao ressaltar apenas uma doutrina como a predominante.

Destaco, dessa forma, que trabalhar com valores humanos estaria trabalhando com a espiritualidade, os afetos, a solidariedade, a compaixão, a caridade, o respeito entre os estudantes, valores estes que são buscados muitas vezes em alguma crença. É possível trabalhar com esses valores de forma dinâmica, interativa, incluindo todos sem precisar privilegiar nenhum ritual religioso.

Foi perceptível uma boa interação entre os funcionários da escola, contudo, considero um bom trabalho só pode ser realizado com uma equipe comprometida, solidária e com objetivos e metas definidas. A tarefa do professor, muitas vezes, é solitária, pois ele elabora, cria, inventa, planeja novas estratégias. Ao mesmo tempo que avalia seu estudante é avaliado pela instituição e pelos

próprio alunado. Portanto, um trabalho compartilhado, colaborativo contribui para a construção de reflexões, projetos que impulsionem o trabalho docente na busca de novas estratégias de ensino que ajudem os discentes a se desenvolverem.

A instituição possui um espaço limpo, arejado, porém muito pequeno para o desenvolvimento pleno de seu alunado, uma vez que não dispõe de pátio, parquinho, hortas e uma biblioteca bem localizada e equipada que promova o incentivo à leitura. No entanto, dispõe de um ginásio a dois quarteirões da escola, que só é usufruído em eventos extra- curriculares, tais como: coroação, olimpíadas, ensaio de jestas juninas e jestinhas como dia das mães, etc.

A brincadeira é fundamental para o desenvolvimento da motricidade, interação, socialização e formação da identidade da criança. Portanto, seria válido que a escola utilizasse o ginásio para a realização de aulas práticas do professor, pois é primordial que o educador proporcione momentos de brincadeiras, aulas dinâmicas e atrativas com a intencionalidade do educando.

Saliento ainda que a interdisciplinaridade é fundamental para o enriquecimento do conhecimento dos estudantes e promoção de novos saberes, bem como o uso de novos recursos pedagógicos como vídeos, jogos, materiais concretos nas aulas, tornando-as mais atrativas e compreensivas.

Durante as observações, verificou-se a ênfase no conteúdo e nas provas realizadas semestralmente, bem como as avaliações externas. As aulas expositivas e cadeiras enfileiradas com carteiras marcadas, ou seja, cada estudante sentava no mesmo local todos os dias só podendo mudar com a permissão do professor. Esse fato nos remete ao sistema tradicionalista de ensino, fundamentado na ordem, na regra e no comportamento.

Para que o estudante se desenvolva integralmente, deve-se favorecer a sua autonomia, sua expressão de opinião e interação com os demais. A sala de aula, no qual ele passa uma parte do seu dia, precisa promover o conhecimento, permitindo-o se movimentar com todo o corpo e todos os sentidos.

É importante que nas aulas aconteçam momentos em que os estudantes expressem seus talentos como a música, a pintura, a escultura, o poema, de modo que eles debatam, brinquem, pois é nesse espaço privilegiado que se amplia o desenvolvimento de habilidades humanas.

Percebe-se interesse dos discentes por aulas mais dinâmicas e atrativas, ressaltando ainda o fato de que, na maioria dos relatos, a hora do intervalo é tida

como o melhor momento, uma vez que lanchavam e brincavam, podiam conversar com os amigos e também era o momento de descansar as mãos. Esses relatos comprovam as observações quanto à monotonia das aulas e seu caráter conteudista.

Penso que as avaliações externas e as cobranças que recaem sobre o professor comprometem as práticas pedagógicas, uma vez que estas precisam cumprir tais exigências. No entanto, esse fator não favorece o compromisso da escola enquanto instituição de formação do cidadão.

Saliento, ainda, que a escola é o espaço que deve promover o desenvolvimento pleno, educando cada criança para o exercício da cidadania, onde cumpra com seus deveres e reivindique seus direitos. Precisamos de escolas que preparem o cidadão para o mundo do trabalho, das tecnologias, para conviver em harmonia com seus pares, de modo a ser uma extensão da educação familiar, não somente preocupada com o conhecimento sistematizado. Quando enfatiza determinados conteúdos, saberes em detrimento de outros, corre-se o risco de estar educando pessoas umas para serem dominantes e outras para serem subalternas.

Foi perceptível o compromisso da escola em manter a ordem, a disciplina, regras. Aos estudantes são determinados as cores e o formato do uniforme, a postura correta ao sentar, o tom de voz adequado ao ler, bem como a organização de suas cadeiras em filas.

No que concerne à relação professor-estudante, evidenciou-se, mediante observações e questionários, que o professor se caracteriza na maioria das vezes como reprodutor do conhecimento, o qual se encontra descontextualizado e fragmentado, fundamentado nos conteúdos do livro didático. Destaca-se um perfil de estudantes repetidores de informações, passivos e seguidores de regras.

A escola preza a disciplina e a ordem, uma vez que contrariando-se as regras o discente sofre as penalidades de sua conduta. Ressalto a expulsão de um estudante, quando de sua conduta de indisciplina. Este fato nos leva a refletir sobre o papel da escola perante a sociedade, uma vez que, em momentos extremos de indisciplina, a solução é transferir a responsabilidade para outra instituição.

Compreendo que a escola não pode, sozinha, resolver todos os problemas sociais que ocorrem em seu entorno. Entendo, também, que esta deve trabalhar em comunhão com a comunidade, a família e demais instituições sociais

voltadas para o desenvolvimento do cidadão. O professor não é um super herói, que salvará o mundo e muito menos a escola pode ser penalizada pelas mazelas sociais que acontecem e interferem nas relações sociais.

Cabe-nos, porém, questionarmos, refletirmos e buscarmos estratégias metodológicas e pedagógicas que contribuam para a formação integral do cidadão, percebendo o indivíduo como ser histórico, social e singular. Perceber o ser humano em seus aspectos físico, emocional, cognitivo, espiritual nos leva a repensar nossas práticas, a buscar novas estratégias de ensino que possibilitem ao estudante entender a si mesmo e a realidade na qual faz parte, para transformá-la.

Entendo que o indivíduo só passa contribuir para a transformação social quando reconhece primeiramente a si mesmo e como um ser global, portanto suas ações interferem diretamente nas relações com o outro, com a vida.

Saliento que a dinâmica curricular da escola está atrelada às categorias de poder, expressa em conhecimentos fragmentados e descontextualizados com a realidade do estudante. A escola prioriza em seu currículo a disciplina, a ordem e preparação do cidadão para o mercado de trabalho. Ressalto ainda a descentralização do trabalho do professor e sua passividade em relação à sua prática, pois preocupado na obtenção de boas notas nas avaliações externas.

Vale destacar que, em algumas aulas, é visível uma relação afetiva dos professores com seus alunos, sendo que isso se evidenciou nas aulas da P1 e da P3. Quanto às aulas da P2, foi percebido medo, constrangimento e desmotivação dos discentes em alguns momentos, uma vez que prevalecia na condução de suas aulas insatisfação com o trabalho, com o desempenho da turma na realização das atividades. Em muitos momentos, a professora expressava sua angústia e insatisfação ao elevar o tom de voz com os estudantes.

Quanto à concepção das docentes em relação à expressão formação integral dos estudantes, foi demonstrada insegurança ao relatar sobre sua compreensão. No entanto, destacaram que a formação integral estava relacionada a formar o estudante como um todo, que a escola, além de trabalhar o cognitivo, deveria proporcionar espaços de aprendizagem que promovessem a ludicidade e a brincadeira. Destacando ainda que reconhecem que a escola dispõe de pouco espaço que favoreça ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Na concepção dos discentes, o espaço do intervalo, destacou-se como o momento mais atrativo enquanto está na escola, uma vez que brincam, conversam e

podem descansar as mãos. Vale ainda lembrar que a menção quanto à brincadeira e maior tempo de duração do intervalo foram enfatizados pelos discentes. Contudo, acredito que se a escola disponibilizasse de espaços físicos amplos que proporcionasse a interdisciplinaridade entre as demais áreas do conhecimento, a brincadeiras, a ludicidade, o diálogo, aumentaria o interesse, a autonomia, a interação e a multiplicidade de conhecimento e saberes entre seus pares.

No que concerne à avaliação, os discentes em sua maioria mencionaram notas, tarefas e comportamento. Entendo a avaliação como processo contínuo que acontece na troca de conhecimentos entre professor-estudante. A avaliação, quando destaca notas e provas, mantém um caráter somativo e excludente e nem sempre quantificar dados como bons e favoráveis demonstra que houve uma educação de qualidade. É no cotidiano escolar, nas vivências, e não somente em sala, que o indivíduo utiliza seus aspectos físico, afetivo e cognitivo, motivo pelo qual precisamos considerar os avanços e as dificuldades de cada estudante.

Somente quando temos sensibilidade no olhar para perceber os sujeitos inseridos nesse espaço, como pessoas que carregam uma história de vida, cultura e como ao mesmo tempo singular e plural, é que entenderemos que educar está além de quantificar dados, mas formar o indivíduo integralmente para que compreenda a si, ao outro e o meio no qual se encontra para que o transforme.

Verifiquei, por fim, nesse estudo que a escola, enquanto instituição social promotora do conhecimento e como principal responsável para formação do cidadão, precisa refletir suas práticas pedagógicas, suas metodologias de ensino e principalmente sobre que perfil de cidadão quer formar.

Surgem algumas indagações: “A escola enquanto instituição formadora busca desenvolver o indivíduo em sua plenitude para que melhor se relacione com seus pares e compreenda ao sentido da vida e de sua existência ou busca formar para o mercado de trabalho, a obediência, a ordem e a alienação perante ao sistema capitalista?”, “Será que, enquanto instituição, a escola vem contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos alunos? Se sim, como?”, “Enquanto professor que percebe o conhecimento como infinito e que se renova a cada dia, a cada nova descoberta, estou esprimorando meus saberes, refletindo sobre a prática e tendo a pesquisa como meu exercício diário?”.

Vários questionamentos surgem quando penso no meio escolar como um todo, não só especificamente na escola em questão. Percebo que o ensino do modo

que se encontra, pautado nas exigências de boas notas que vislumbra o mérito escolar, precisa ser repensado, pois a sociedade requer pessoas ativas, autônomas, cientes de seus direitos e deveres, solidários, comprometidos com o meio ambiente e que mantenham boas relações entres seus pares, para que assim possam conviver em harmonia em sociedade. A escola, todavia, não pode ser penalizada pelas mudanças que acontecem no espaço-tempo social porque a educação acontece em outros espaços-tempos que ultrapassam os muros escolares.

Saliento, ainda, que a escola em questão tem contribuído dentro de sua ideologia para a formação dos educandos, porém não os contemplam plenamente, uma vez que, diante de sua estrutura física reduzida, a ausência de autonomia dos professores quanto à sua profissionalidade e a influência das políticas de controle que imperam nas instituições escolares, não tem atingido todos os aspectos dos discentes discentes – motor, afetivo, cognitivo e espiritual – pois enfatiza o cognitivo.

7.2 Implicações da pesquisa e sugestões de continuidade

Gostaria de apontar algumas contribuições para os gestores, professores, estudantes e comunidade. Entendo que esse trabalho pode colaborar para que os diretores e professores revejam suas concepções políticas, educacionais, metodológicas, curriculares e sua própria identidade docente. Necessário, portanto, que as pessoas reflitam sobre sua prática, seu alunado, suas ideologias e o contexto no qual estão inseridas.

Quanto aos estudantes, aqui fica a reflexão sobre suas vivências cotidianas e o quanto as relações estabelecidas nesse contexto influenciam na sua vida futura e na construção de sua identidade.

Em relação à comunidade, espero que este trabalho sirva como registro do contexto educacional no Município, contribuindo como fonte de pesquisa e possibilitando futuras estudos na área, pois considero o resgate das memórias e a História como de fundamental importância para que possamos compreender os fatores sociais, políticos, econômicos e o indivíduo em seus mais variados aspectos. Compreendo que determinados fatos da contemporaneidade são consequências de fatores históricos ocorridos e que interferem nas relações internas e externas do Homem. Portanto, entendo que registrar esses fatos é fundamental para que a História não se perca.

No que concerne aos governantes, esse estudo colaborará para que sejam repensadas as políticas de ensino, o controle sobre as instituições e suas implicações na formação do indivíduo. É preciso que se compreenda que o currículo escolar está além de simplesmente repassar o conteúdo e elaborar uma nota no final de seu percurso, o currículo é tudo o que se expressa verbalmente, visualmente e ocultamente no cotidiano da escola.

Necessário, portanto, reavaliar o currículo e que se estude e compreenda esse termo. Espero que esta pesquisa contribua na reflexão do docente sobre a práxis pedagógica e incentive o desenvolvimento do professor pesquisador, reflexivo e que tenha autonomia em sua profissionalidade, afinal é ele um dos agentes principais na construção do saber. No entanto, cabe aos líderes de governo o incentivo a formação continuada, a promulgação de cursos e melhores salários para os docentes que valorizem seu trabalho.

Apresento como primeira sugestão para as próximas pesquisas: investigar quais as disciplinas ou áreas do conhecimento ao longo da sua formação pessoal e acadêmica dos docentes contribuíram para prática pedagógica.

A segunda sugestão aponta para o estudo do estudante dentro de seu contexto macro (história de vida), relacionando-o com o contexto micro (desempenho escolar), de modo a compreender como isso se transforma ou impacta no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, 2003.

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001.

ARMSTRONG, Thomas. **As melhores escolas: a prática educacional orientada pelo desenvolvimento humano**. Tradução Vinícius Duarte Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O direito a tempos-espacos e um justo e digno viver. In: MOLL, Jaqueline *et al.* **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.

_____. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARGUIL, Paulo Meireles. **Há sempre algo novo!** - algumas considerações filosóficas e psicológicas sobre a avaliação educacional. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

_____. **O homem e a conquista dos espaços** – o que os alunos e os professores fazem, sentem e aprendem na escola. Fortaleza: Gráfica e Editora LCR, 2006.

_____. **O professor locutor e o estudante esponja**. 2014. Disponível em <http://www.cronicadodia.com.br/2014/09/o-professor-locutor-e-o-estudante.html>. Acesso: 23 dez. 2015.

BRANDÃO, Carlos. O outro ao meu lado: algumas ideias de tempos remotos e atuais para pensar a partilha do saber e a educação de hoje. In: MOLL, Jaqueline *et al.* **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 46-71.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 16 maio 2014.

BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003.

ESTRELA, Albano; NÓVOA, António. (Orgs). **Avaliação em Educação: novas perspectivas**. Porto: Porto Editora, 1993.

FRANCO, Maria Laura. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Editora Centauro, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: Teoria e História.** Tradução Attilio Brunetto. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel.** São Paulo: Boitempo, 1999.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 33-52, 1992.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss.** São Paulo: Objetiva, 2009.

LANI-BAYLE, Martine. História de vida: transmissão intergeracional e formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto) biográfica.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 297-315. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica – Educação)

LEWY, Arieh. (Org.) **Avaliação de currículos.** Tradução Sandra Maria Carvalho de Paoli, Leticia Rita Bonato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

LIBÂNIO, J.C. Produção de saberes na escola. In: CANDAU, V. M. F. (Org.) **Didática, currículo e saberes escolares.** Rio de Janeiro, DP&A, 2000. p. 11-45.

MACEDO, Elisabeth; OLIVEIRA, Inês Barbosa; MAGALHÃES, Luiz Carlos; ALVES, Nilda (Orgs.). **Criar currículo no cotidiano.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Série Cultura, memória e currículo, v. 1)

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** 2. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Edições EDR, 2001.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** Tradução Lucia Pellanda Zimmer *et al.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

_____. **Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Tradução Juracy C. Marques, Angela M.B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NÓVOA, Antônio, et al. Os professores e a sua formação. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1995.

PACHECO, José Augusto. **Currículo: teoria e práxis**. Portugal: Porto Editora, LDA, 1996.

PENIN, Sonia. **Cotidiano e escola: a obra em construção**. São Paulo: Cortez, 1989.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ROESE, Mauro. A Metodologia do estudo de caso. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 189-200, 1998.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAKAMOTO; Cleuse Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. **Como Fazer Projetos de Iniciação Científica**. São Paulo: Paulus, 2014.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **O Currículum oculto**. Porto: Porto Editora, 1995.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e prática de avaliação e reformulação de currículo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SENGE, Peter. **Escolas que aprendem: um guia da quinta disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempo de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Edileuza Fernandes. A aula no contexto histórico. In: VEIGA, Ilma Passos (orgs). **Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas: Papirus, 2008. p. 15-42.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O trabalho docente**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. Maceió: Edufal, 2007.

_____. Educação e formação humana. In: JIMENEZ, Susana *et al* (Orgs.). **Marxismo, educação e luta de classes**. Fortaleza: UECE/IMO/SINTSEF, 2008. Disponível em: <<http://www.ivotonet.xpg.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

VICENTINO, Cláudio. **Projeto Radix: História**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XX**. Tradução Daisy Vaz Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES

Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

Dissertação de Mestrado
Orientador: Paulo Meireles Barguil
Orientanda: Angelina do Nascimento Silva

NOME (SOMENTE AS INICIAIS): _____ **SEXO:** () F () M **IDADE:** ____ ANOS

1. Qual é a aula que você mais gosta? Por quê?

2. O que você mudaria nessa aula para torná-la ainda melhor? Por quê?

3. Como esse(a) docente lhe avalia? Como você gosta de ser avaliado(a)?

4. Descreva, brevemente, como é uma aula boa para você.

5. Qual é a importância da escola na sua vida?

6. O que você aprende na escola que considera importante?

7. Qual é o espaço na escola que você mais gosta? Por quê?

8. Que espaços você acha que uma escola precisa ter?

9. Descreva, brevemente, como seria uma escola dos sonhos para você.

10. Conte algo marcante que aconteceu com você na escola.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS



Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

Dissertação de Mestrado
Orientador: Paulo Meireles Barguil
Orientanda: Angelina do Nascimento Silva

NOME (SOMENTE AS INICIAIS): _____ **SEXO:** () F () M **IDADE:** ____ ANOS

1. Qual é a importância da escola na vida dos estudantes?
2. O que é currículo para você?
3. O que significa para você a expressão “formação integral do estudante”?
4. Qual(is) atividade(s) você realiza com seus estudantes que proporcionam o desenvolvimento integral deles? Explique.
5. Como você avalia os estudantes? Você acha que essa(s) estratégias são adequadas para avaliá-lo nas suas dimensões física, emocional e cognitiva?
6. Você acha que o cotidiano escolar contribui para o desenvolvimento integral do educando? Por quê?
7. Qual projeto ou movimento realizado na escola possibilita (ou possibilitou) o desenvolvimento integral dos estudantes?
8. Qual é o espaço que você considera mais importante na escola? Por quê?
9. Qual é o espaço que você mais gosta da escola? Por quê?
10. Como seria a escola de seus sonhos?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Ceará
 Faculdade de Educação
 Laboratório de Educação Matemática – LEDUM
 Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

Dissertação de Mestrado
 Orientador: Paulo Meireles Barguil
 Orientanda: Angelina do Nascimento Silva

NOME DA PESQUISA: Escola, Currículo, Avaliação e Cotidiano escolar

PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Angelina do Nascimento Silva

Tel: (85) 9-9677-6451

e-mail: angelinanascimento19@gmail.com

ORIENTADOR

Paulo Meireles Barguil

Eu, _____, autorizo a minha participação na pesquisa intitulada **Escola, Currículo, Avaliação e Cotidiano escolar**, que tem como objetivo analisar as contribuições do cotidiano escolar para o desenvolvimento dos estudantes. Os dados serão analisados a partir das gravações em áudio. Informamos que a pesquisa não lhe trará nenhum ônus e que você tem a liberdade para participar ou não da pesquisa, sendo-lhe reservado o direito de desistir da mesma no momento em que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Informamos também que **não** haverá divulgação personalizada das informações, que você **não** receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação neste estudo e que terá o direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, fui orientado(a) para entrar em contato com a pesquisadora responsável, cujos dados encontram-se acima. Fui informado(a) que este Termo, sendo uma para a pesquisadora e outra para mim. Tendo sido informado(a) sobre a pesquisa acima, concordo em participar da mesma de forma livre e esclarecida.

Assinatura: _____

Cascavel-CE, ____ de abril de 2016.

 Assinatura da Responsável pela Pesquisa

APÊNDICE D – DIÁRIO DE CAMPO

26 de abril de 2016 (segundo dia de observação)

Entrada dos estudantes

Às 6h30, já encontram-se estudantes no portão da escola, alguns acompanhados de seus responsáveis. Para a entrada, é feita uma fila das meninas e outra dos meninos. Às 6h50, os portões são abertos, porém entram inicialmente os estudantes da Educação Infantil. A escola tem dois portões de entrada, um sendo o principal (na frente da escola) e o outro na lateral. O portão da lateral é por onde entram as crianças da Educação Infantil. No portão principal, entram os demais estudantes e aqueles da Educação Infantil que ficam também posicionados no mesmo para entrarem na escola, sendo que estes entram primeiro. Às 7h00, o diretor vem para receber os estudantes na entrada à escola. Primeiramente, entram as meninas e, logo em seguida, os meninos. O diretor cumprimenta a todos os estudantes, após a entrada de todos, ele se dirige à Diretoria.

Sala de aula

A sala que realizei as observações foi o 5º ano B, a escolha da mesma aconteceu mediante sorteio. O 5º ano B é composto por 18 meninos e 12 meninas, totalizando 30 estudantes na turma. Nesse dia, encontravam-se na sala apenas 22 estudantes, pois os demais estavam ausentes em virtude de um surto de catapora. A sala é climatizada, possui um quadro branco, a mesa do professor, um armário e uma mesa onde se encontram os cadernos de atividades dos estudantes e dicionários.

Às 7h05, os estudantes entraram na sala, cumprimentei a professora e apresentei-me aos estudantes, explicando-lhes os objetivos que me levavam até eles. Fui muito bem recebida pelos estudantes, que se demonstraram bem acolhedores e alegres em me receber. Na sala, as cadeiras encontram-se enfileiradas, cada estudante senta no mesmo local, sendo que no lado direito concentram-se mais meninos do que meninas. Sentei-me na última cadeira da primeira fileira da direita, pois achei melhor para observar. A professora iniciou fazendo a agenda. A aula era de Matemática. A professora copiou a agenda, com as seguintes informações: Bom dia! Matemática: Atividade de fixação em xérox com gráficos e tabelas.

Às 7h24, a professora faz a chamada. Em seguida, a professora fez a correção juntamente com os estudantes do simulado do dia anterior. Pedindo a alguns deles para fazer a leitura das questões do simulado. Todos interagiram durante a correção do simulado. Às 7h52, termina a correção do simulado.

Terminada a correção do simulado, a professora entregou uma atividade xerocada para cada estudante colar no caderno e responder. Os estudantes, nas atividades de colagem, partilharam seus objetos, como tesoura e cola.

O 5º ano B tem três professores que ministram as aulas, que nomearei de professores P1, P2 e P3. Uma professora ministra as aulas de Produção Textual e Gramática, outra de História, Geografia e Religião e a outra de Matemática, Arte e Ciências.

Na aula, há interação entre a professora e os estudantes. A turma é, aparentemente, tranquila, estudantes atentos e comportados em sua maioria. A professora sempre atribuía alguma tarefa aos estudantes, como, por exemplo, ir até à Coordenação xerocar alguma atividade ou entregar algum material na turma vizinha, entregar o livro aos estudantes ou recolhê-los.

No momento de resolver a atividade, a turma encontrava-se concentrada, alguns compartilhando dúvidas com colegas do lado ou explicando alguma questão. Vale destacar que a atividade que foi colada no caderno não foi explicada pela professora. No entanto, ela acompanha os estudantes dirimindo as dúvidas repassando nas carteiras. A professora favorece a constituição da autonomia pelos estudantes, pois os encorajam a encontrar as respostas sozinhos.

Quanto à configuração da sala, cada estudante senta em um local determinado pela professora e só pode mudar de local com sua autorização.

Depois foi entregue a apostilha de Matemática do projeto Aprova Brasil, a qual fica na sala de aula para realização de atividades de sala. Às 9h14, foi feita a correção das atividades realizadas, portanto, não foi possível finalizar a correção. Às 9h19, eles foram chamados para lanche.

No que concerne ao fardamento dos estudantes, este não é doado pela prefeitura, os pais é que são responsáveis pela compra do uniforme. O uniforme é blusa de manga (cor branco com vermelho), short-saia para as meninas (cor vermelho), bermuda para meninos e tênis preto com meia branca. Os estudantes só podem entrar na escola com todo o uniforme completo e limpo.

Quanto às aulas, o 5º ano B tem aulas na segunda-feira de História e Português, terça-feira de Matemática e Português, quarta-feira de Matemática e Geografia, quinta-feira de Português, Matemática e Ciências e de sexta-feira de Produção Textual, Religião e Artes. A aula de Informática acontece no contra-turno, nos dias de quarta e sexta.

Os estudantes voltaram às 9h33 do lanche. Não existe recreio, apenas 10 minutos reservado ao lanche deles. A merenda foi sopa de soja com frango, a maioria não merenda a sopa, alguns trazem merenda de casa e outros compram lanche a uma senhora que vende na escola salgados, cocada e refrigerante.

Após o lanche os estudantes voltam para a sala e preparam-se para trocar de professor. Às 9h37, entrou a professora de Português. A professora iniciou fazendo a agenda. A atividade passada foi da apostilha do Aprova Brasil, onde fez a correção da atividade e passou tarefa para casa. O conteúdo abordado foi ortografia: emprego de lh e li. Foi entregue o livro do mês que os estudantes levam para casa para lerem e trabalham em sala produção textual e leitura. Cada estudante assinou um acordo de bons cuidados e responsabilidade com o livro, bem como a devolução do paradidático anterior. Os discentes ficam duas semanas com o livro. Esse momento durou até às 9h51. Vale destacar que o caderno de atividade do PAIC foi substituído pelo Aprova Brasil.

A atividade realizada pelos estudantes era uma história em quadrinhos e um conto popular: a raposa e o cavalo. A professora explicou o conteúdo. A professora pediu que as duas fileiras da esquerda ficassem de pé e lessem o conto que estava no caderno de atividades, os demais acompanhavam silenciosamente. A professora prezava muito pela postura dos estudantes e o tom de voz adequado. Após a leitura, ela pediu que eles dessem a opinião sobre a história. Alguns falaram que a história dá um exemplo de amizade, pois o cavalo achava que a raposa iria lhe enganar.

Uma das meninas havia levado o caderno de atividades do Aprova Brasil para casa e o trouxe com a atividade do dia respondido, quebrando desta forma o combinado que não se pode levar o livro. No entanto, a professora reclamou e passou outra atividade para ela. Às 10h23, termina as correções das atividades pela professora. A professora prioriza a opinião de cada um em suas respostas. Às 10h35, a professora passou uma atividade de resenha, onde cada estudante iria reescrever o conto lido, elegendo outros personagens.

Nas aulas de Português, sempre tem um líder, o qual corresponde ao número da chamada que corresponde a data da aula. O líder é responsável a ajudar a professora na sala, entregando os livros, recolhendo e anotando o nome dos estudantes que bagunçam ou conversam na sala e a liberar quem vai ao banheiro ou tomar água quando a professora não estiver na sala.

Após definida a atividade da resenha, a professora faz a correção da atividade de casa. As 10:57 termina-se a correção e a professora passa o visto. No entanto, ficam faltando duas atividades para serem feitas as correções a a explicação de ortografia (pronomes demonstrativos). Logo após os estudantes são liberados.

27 de abril de 2016 (terceiro dia de observação)

Às 7h00, os estudantes entram na escola. O professor os recebe na entrada da escola. Uma das zeladoras fez um comentário sobre os pais dos estudantes que se encontravam na porta da escola com seus filhos esperando que eles entrassem.

– Parece que essas mães não têm o que fazer em casa, uns meninos grandes desses e vem deixar na escola!

A primeira aula era de Matemática, a professora chegou às 7h08. Tinham 22 estudantes na sala. A professora passou a agenda, fez a correção da atividade anterior às 7h15. A aula era sobre as propriedades da multiplicação. Entregou os cadernos de atividade do Aprova Brasil que fica na escola. Explicou sobre retas e segmentos de retas e passou uma atividade do livro para os estudantes. Após explicar qual a atividade do livro, a professora explicou o que eram retas paralelas, concorrentes ou perpendiculares e colocou o exemplo das retas na lousa.

Em seguida, a coordenadora entrou na sala e avisou a professora que teria que escolher alguns estudantes para ensaiar uma apresentação para o dia das mães. Os estudantes estavam concentrados na atividade, alguns conversavam entre si sobre a atividade. A professora tira algumas dúvidas que vão surgindo, dando exemplos de ruas próximas à escola para explicar segmentos de retas.

Às 7h44, ela faz a chamada enquanto os estudantes realizam a atividade proposta no caderno de atividades. Tinha um estudante que tinha faltado a aula do dia anterior porque estava doente, gripado. A professora diz: “Gripe não é doença. Sua gripe passa de um dia para o outro? Hoje você não está gripado e veio?”

Cuidado, não pode faltar aula, não!”. O estudante fala que não tinha vindo porque estava com febre e dor de garganta.

Às 7h57, a professora passa pelas carteiras, olhando quem fez a tarefa e explicando o conteúdo. Os estudantes leem as questões e alguns dão as suas respostas. A professora faz a correção da atividade no coletivo. Às 08h37 termina a correção das atividades. O ajudante de sala recolhe os cadernos de atividades e em seguida é feita a correção da tarefa de casa. A professora é descontraída com os estudantes.

Às 09h23, foi servida a merenda: carne do sul e salsicha com arroz. Às 9h35 os estudantes retornam à sala.

Às 9h37, a professora de Geografia entra na sala. A professora pede que os estudante abram o livro de Geografia e em seguida passa a agenda do dia. O conteúdo é: “O que pode acontecer se a floresta acabar?”. E atividade de fixação do conteúdo.

A professora diz: “Vamos começar que hoje tem muita atividade pra fazer! Presta atenção, porque muito estudante não tirou nota boa. Porque não prestou atenção! Preguiça imensa! (tom bravo)”.

Em seguida, a professora lê o texto do livro sobre o conteúdo. Como alguns estudantes estão conversando, ela diz: “Não estão vendo, não, que estou lendo! Tem uma moça ali observando tudo o que vocês fazem. Ela está observando. (A professora passa a aula toda sentada)”.

O conteúdo do livro fala sobre a Floresta Amazônica. Nas atividades do livro os estudantes fazem leituras de mapas. Quando querem perguntar algo, os estudantes levantam a mão. Às 10h05, termina a explanação do conteúdo. Todos os estudantes querem falar, fazer pergunta. A professora delimita, dizendo que: “Última pergunta para ir pra revisão”. Após, explicar o conteúdo foi passado atividade para classe do livro. A professora fala: “Vão responder em casa se não der tempo, porque quero só passar o visto, não quero perder tempo respondendo questão. Porque vamos iniciar conteúdo novo!”.

A professora pede para os estudantes responderem o resto da tarefa em casa e não deixarem a tarefa em branco porque queria passar só o visto. Depois passou nas carteiras olhando quem terminou e disse que só saia quem houvesse terminado toda a tarefa. Às 11h00, encerrou a aula, os que tinham terminado saíram, os demais ficaram até terminar de copiar a tarefa.

Assim que a aula termina, a zeladora entra para fazer a limpeza da sala. A professora diz: “Sou paga para ficar até às 11h00 e não além das onze. Preguiçosos! (tom bravo) Olha pra mim e diz: Tu não vai embora, não?”.

Na sala de informática tem 10 computadores, uma professora de informática, que geralmente trabalha Língua Portuguesa com os estudantes. Os professores não utilizam a sala para as suas aulas. A prioridade de utilizar as salas para aulas de informática são os estudantes do 5º ano, uma vez que é seu último ano na escola.

A biblioteca tem poucos livros e com pouca diversidade de conteúdos. Muitos paradidáticos estão empoeirados, o local é apertado e inadequado para a leitura, pois o mesmo se encontra nos fundos da sala do 3º ano do Fundamental. Tem uma mesa e poucas cadeiras e é utilizada para o reforço dos estudantes. Encontra-se uma professora de reforço, a qual trabalha a alfabetização de forma lúdica com as crianças e utilizando jogos com matérias recicláveis produzidos pela própria docente. O reforço escolar acontece no contra-turno.

29 de abril de 2016 (quarto dia de observação)

Às 06h50, os estudantes entram na escola. Entraram mais cedo por causa da chuva. A professora chegou às 7h18, pois estava conversando com a mãe de uma estudante. A aula é de Português. Antes de começar a aula, a professora pediu para todos ficarem de pé e rezar um Pai Nosso, o Sinal da Cruz e agradeceu pela semana. Antes disso, como alguns estudantes estavam conversando, a professora diz: “Um para ficar de pé, dois para postura e três para o silêncio”. Às 7h22, termina a oração.

Em seguida a professora passa a agenda na lousa. Primeira aula, produção textual, gênero, conto popular e atividade no caderno. Leitura do livro Tempo de ler: Em um quarto perto da lua. Todos queriam fazer a leitura do livro. O líder de sala inicia a leitura do livro e passa para o estudante seguinte, seguindo o número da chamada. Alguns prestaram atenção na leitura e outros copiaram a agenda. Após terminada a leitura, todos bateram palmas para os colegas. Logo após, a professora sai da sala e retorna, perguntando o autor do livro, a ilustradora e o nome da história. Tinham 20 estudantes na sala de aula.

Em seguida, a professora passou atividade no caderno de produção textual. Explicou antes sobre a necessidade de ter cuidado com o livro e citou a

música O caderno, de Toquinho, a qual aborda sobre o zelo com o livro e que a sabedoria é adquirida através do livro, portanto, não devemos deixá-lo em um canto qualquer, pois o conhecimento é algo que ninguém nos tira.

Logo após, a professora pediu para os estudantes copiarem um conto que já conhecem e transformarem em um conto tradicional moderno, inserindo novos elementos. Às 7h52, ela copiou na lousa a proposta da atividade. Às 08h00, termina de copiar e explica a tarefa. Todos os estudantes permaneciam concentrados copiando a tarefa. O conto era: A raposa e o cavalo. A professora relembrou com os estudantes esse conto que já havia sido trabalhado e leu novamente com os estudantes. Alguns ainda estavam copiando a tarefa. Às 08h13, ela explicou a atividade, alguns tiraram as dúvidas. O novo conto deveria ter no mínimo 15 linhas.

A professora explica regras de ortografia, espaçamento entre as palavras, margens, repetição de palavras, parágrafos e caligrafia. Aos estudantes que não seguem a regra, ela pede para refazer tudo. Em seguida, ela passa pelas carteiras para ver como os estudantes estão estruturando seu texto e explica que o parágrafo tem a distância de um polegar. Ela acompanha os estudantes individualmente na realização da atividade. Ao terminarem, cada um mostrou sua produção à professora para as correções.

Às 09h18, os estudantes saem para o lanche. A merenda foi duas bolachas com leite e Nescau. Sendo que os estudantes podem repetir o Nescau e não a bolacha. Alguns saíram para a merenda, outros permaneceram em sala terminando a atividade. Às 9h30, eles retornam para a sala.

Ao retornarem do lanche, a professora continua as correções da produção textual. Um estudante não fez a tarefa pedida pela professora. Alguns estudantes saíram para ensaiar a peça do dia das mães. A produção textual é feita em um caderno que fica na escola.

Às 9h43, acontece a mudança de professor. A aula agora é de Religião. A professora copia a agenda. O tema da aula é a importância do amor. Atividade enriquecedora. A professora diz: “Rápido, senão, não dá tempo. Hoje encerra o tema do mês que é amor”.

A professora lê uma história sobre o amor e depois passa uma atividade na lousa que corresponde à história contada e sobre o que os estudantes entendem por amor. Depois contou uma história sobre egoísmo. Os estudantes ficaram muito atentos à história e faziam perguntas sobre a história tentando adivinhar o final. Logo

após, a professora explica sobre os dois principais mandamentos da lei de Deus e conta trechos da história de um homem rico e Lázaro. O homem rico, que não ajudou Lázaro, foi para o inferno e Lázaro foi para o céu. Logo após, ela passou uma atividade na lousa sobre o assunto trabalhado. As perguntas eram: “Quais os dois principais mandamentos do amor de Deus?”, “Para você o que significa amar a Deus sobre todas as coisas?”, “Na Bíblia existe uma triste história sobre o rico e Lázaro. O que essa história pode nos ensinar?”, “Relembrando a história do grupo de pessoas que morreram na montanha do Alaska, comente qual a real causa dessas mortes”, “Produza uma linda frase sobre o amor.”

Logo após copiar a atividade a professora comenta: “Ia fazer uma atividade lúdica, não sei se dará tempo. Após uns 5 minutos, ela pede para os estudantes saírem de sala, eles vão para o refeitório e ela divide os estudantes em 2 grupos, aos quais entregou pedaços de papel com palavras para a formação de uma frase. A atividade durou cerca de 5 minutos. Após montar a frase, os estudantes se dirigiram a sala de aula. As frases eram: Existe um lugar onde o amor é verdadeiro... Esse lugar é o coração./ Ame sempre... pois amar a sua família, a vida, a Deus, os amigos. Faz bem!!!

A professora relata que os valores trabalhados nas aulas se originam vem do plano da Secretaria de Educação. Às 10h26 termina a aula. Às 10h29, entra a professora de Arte. Ela entrega dois papéis – um com imagem colorida e outro com imagens para pintar e escrever uma frase embaixo – com as datas comemorativas do mês de abril e pede para os estudantes colarem no caderno de artes. Às 10h56, termina a aula de arte.

02 de maio de 2016 (quinta dia de observação)

Às 06h30 já tinham estudantes na escola. Os portões abriram cedo por causa da chuva. Estavam presentes 26 estudantes. Às 7h20, a professora chega e, em seguida, inicia a aula com uma oração, o Pai Nosso. A aula é de história. A professora pergunta quem ainda está se coçando por causa da catapora. Um dos meninos diz que ainda coça. Ela responde: “Por que não disse para a sua mãe em casa? Vai dizer pra mim! Catapora é um vírus, pega pela voz, por isso que a sala empestou.”

A professora copia a agenda: O segundo reinado / Atividade de fixação no caderno. Às 7h26, após os estudantes copiarem a agenda, ela pede para eles

fazerem uma leitura silenciosa: “Momento de compreensão do conteúdo, vamos deixar de conversa. Vou já fazer uma pergunta oral para saber quem leu”. Depois, ela solicita que eles marquem os pontos que acharem interessantes, pois irá fazer perguntas orais. Os estudantes fizeram a leitura silenciosa. Enquanto os estudantes liam, a professora preenchia o seu diário.

Às 7h42, a professora explica o conteúdo, lembrando fatos do conteúdo anterior. A professora fala: “Vocês só leem por ler, cadê a compreensão? Esse conteúdo é passado, é para vocês saberem de cor e salteado. A próxima prova vem da Educação, estou aqui fazendo o meu papel, a minha obrigação. Vocês não querem nada, leem aos ventos, não entra nada na cabeça, não estão nem aí para o conteúdo. Dessa vez dei uma chance, fiz intervenção. Dessa vez a nota vai para o diário do jeito quem tirar”.

A professora depois faz perguntas sobre o primeiro reinado. Passa a aula sentada. “Vocês não tem curiosidade de perguntar nada?”. Um estudante pergunta: “Quando ele morreu quem assumiu o trono?”. A professora responde: “Isso vou contar depois, porque aconteceu tanta coisa!”.

Às 07h59, foi feita uma leitura coletiva do texto. Um estudante pergunta: “No segundo reinado ainda existia escravidão?”. Outro responde: “Como ainda hoje”. A professora responde: “Hoje não, mas tem outras coisas que não vou explicar agora para não misturar o assunto, senão você não vai entender”.

A professora continua lendo o texto do livro. Alguns estudantes ficam dispersos, um deles dorme na sala. A professora: “Menino, acorda! Vai lavar os olhos, se quisesse dormir ficasse em casa”.

Às 8h24, termina a explicação. A professora pede para observarem as figuras do livro e leem as imagens. Depois, eles copiam 8 questões do livro. A professora diz que quer corrigir antes do intervalo. Dois estudantes estão conversando, a professora fala: “Não sei porque insistem em colocar vocês juntos, porque não param de conversar. Se você fizer que ele é um pedaço de madeira, ele nem vai perceber que você existe. E você fique quieto, chatô!”.

Depois a professora saiu da sala e voltou às 8h37. Uma estudante diz que está com dor de barriga. A professora responde: “Espere até o recreio, se estiver pior pede para ligar”.

A professora chama a atenção dos estudantes: “Descansados, tem vergonha não! Desse tamanho com uma preguiça maior que ele”. “Sempre ficam atividades para concluir porque a preguiça é demais”.

Às 8h45, faz a chamada. A professora: “Eu mandei tu conversar teimoso! Por isso não sai da primeira questão.”

Os estudantes não podem tomar água nem ir ao banheiro.

Ela continua: “Seu irresponsável! Esse é seu livro nessa situação, no início do ano? Quando o diretor vier, tu te prepara que vou mostrar esse teu livro. Tá é comendo o livro em casa? Só sai para o recreio quem terminar a atividade”. “Vamos socializar a primeira atividade para ver se agiliza. Porque vou dizer que me chateio sobre essa turma, nunca consegue terminar a atividade. As outras atividades cuide, cuide... só vai para o recreio quem terminar. Tô nem aí!”.

O secretário entra para assinar o ponto. A professora fala: “A explicação foi feita e ficam tudo assim, abobalhados, não entra na cabeça. Só vão para o recreio quem passei o visto. Meu Deus do céu, tem hora que dar vontade de lavar as mãos, vão para o recreio de vocês, pode ser fome. Pode ser que quando voltar vocês terminem”.

Às 09h26, intervalo para o lanche. A merenda foi sopa de soja com frango. O retorno acontece às 9h33. Em seguida, entra a professora de Português e passa a agenda: Aprova Brasil, lição 08. Gênero: receita culinária e propaganda. Leitura e compreensão de texto: Vaca estrela e boi fubá. Às 9h40, ela faz leitura do livro paradidático, um estudante de cada vez. Tempo de ler: No reino dos panos e das linhas. Postura para ler, pés juntos. No trecho que a estudante para de ler, ela pergunta o que os estudantes entenderam.

Uma das estudantes que foi ler na frente chorou na hora da leitura. Os colegas pediam para ela ler alto porque estava muito baixo. A professora a retira de sala. Às 10h01, termina a leitura do livro, todos batem palmas para a história. A professora explicou o texto lido e incentiva os estudantes a leem, dizendo: “Em casa façam a leitura. Mesmo que não tenha atividade escrita, todo dia tirem um tempo para lerem. Ler só se aprende lendo, tentando. Vocês podem ler encartes, revistas. Praticar a leitura. Quando leio, tenho novas palavras na cabeça”. Ela contextualizou com a realidade dos estudantes.

A professora interroga os estudantes sobre o que entendem por receitas, e elementos de uma receita. Interage com a turma. Às 10h18, ela entregou o

caderno de atividades e, em seguida, eles começam a fazer a atividade. A professora pede que façam silêncio, mantenham a postura e comecem a responder. Às 10h46, ela faz a correção da atividade. Às 11:00, ela entrega a tarefa de casa em uma folha xerocada para colarem no caderno e depois libera os estudantes.

03 de maio de 2016 (sexto dia de observação)

Às 6h20, já tem estudantes no portão. Alguns vem com seus familiares ou responsável e os demais de transporte escolar. Às 7h00, os estudantes entram. Tinham dois estudantes chorando porque estavam brigando, o diretor levou-os para conversar. Às 07h10, a professora de Matemática entra na sala, que tinha 28 estudantes. Ela interage com os estudantes e pede a uma estudante evangélica uma oração de sua igreja para fazer a acolhida. Depois, escreve a agenda – Números e operações, Milhões e bilhões – e passa atividade. A professora pergunta se alguém pode contribuir com 50 centavos para comprar um mimo para as mães. Às 07h47, ela explica a atividade. Os estudantes estavam bem concentrados durante a realização da atividade. Quando a professora se ausenta da sala, eles conversam bastante entre si.

Além da atividade na lousa, foi entregue uma atividade para colar no caderno. A professora passa nas carteiras, tira as dúvidas. Às 08h25, ela faz a correção e, em seguida, entrega mais uma atividade para colar no caderno. Um estudante colou errado, passando da folha e a professora rasgou a folha do caderno e pediu para colar de novo para que aprendesse. “Vive no mundo da lua”.

A professora passa nas carteiras fazendo as correções e tirando as dúvidas. Depois faz a correção na lousa. Às 09h10, ela faz a correção. Às 09h20, o momento do lanche: suco de caju com pão com patê. A maioria lanchou e repetiu. A merendeira diz: “Peguem direito, não é para destruírem, esse meninos pensam que é almoço!”. Às 09h30, termina o intervalo. Tem uma professora que vende lanche na escola e algumas crianças compram seu lanche com ela.

Às 09h33, entra a professora de Português, que passa a agenda e, em seguida, faz a retomada do texto anterior. Tempo de ler: o calango violeiro e a cigarra valente. Gramática: pronomes possessivos. A professora pede que, em dupla, de acordo com a chamada, os estudantes leiam o texto do paradidático na frente da todos. Eles ficam em pé na frente, mantendo a postura, sintonia na leitura,

a dupla se ajuda. A próxima dupla segue de onde parou o parágrafo. Quando terminam, os estudantes batem palmas.

Às 09h57, termina a leitura do texto e a professora passa atividades. Um menino chamou a colega de pirralha e ela o bateu. A professora pediu para ele se retirar da sala e ficar lá fora esperando. Enquanto isso, continuou passando a tarefa de classe. Os estudantes conversam entre si. A professora: “O porque da conversa? Falta de comportamento! É por falta de atividade? Vamos cuidar, senão, não dar tempo. Ainda tem a gramática”. Uma estudante estava rindo na sala. A professora a intervém. A estudante diz: “Só estava rindo!”. A professora: “Rir não é proibido, só é quando atrapalha a aprendizagem. Já não faz as tarefas e ainda fica rindo. A gente só rir quando tem tempo para relaxar”.

A professora diz: “Ainda vou explicar sobre versos, poemas, senão não dá tempo nem para copiar. Quem tem curiosidade?”. Às 10h34, termina de copiar o conteúdo e o explica em seguida. A professora pede que os estudantes memorizem um poema para declamarem depois na aula de produção textual. Como estavam copiando, a professora pede que terminem de responder em casa e quem tivesse terminado podia sair.

04 de maio de 2016 (sétimo dia observação)

Às 07h00, os estudantes entraram. Aula de Matemática. Antes de começar, a professora fez uma oração às 7h15: um Pai Nosso, uma Ave Maria e o Sinal da Cruz. Às 7h21, ela fez a correção da atividade e entregou os cadernos de atividades para responderem as questões. Aprova Brasil, lição 08 Polígonos. Às 07h24, ela faz a chamada, enquanto isso os estudantes permaneciam silenciosos fazendo a tarefa. Às 07h35, a professora passa entre as carteiras. A professora me relatou que tinha que seguir o plano que vinha da Secretaria de Educação, mas não concordava, por exemplo: ontem viram bilhões e milhões, o conteúdo de polígonos era para ser ontem porque hoje faziam a atividade do livro e já tinham visto o conteúdo.

Alguns estudantes saem para o ensaio do dia das mães. Às 08h00, a professora faz a correção e explica o conteúdo para a turma. “Vocês tem que ler e entender o que está pedindo. Polígonos são formados por linhas retas, fechadas e que não se cruzam”.

Uma estudante questiona: “Por que não é polígono?” A professora a questiona até descobrir a resposta: “Por que não é um polígono?”. Estudante responde: “Porque sim!”. A professora fala: “Porque sim não é resposta”.

A professora valoriza a resposta dos estudantes e incentiva que eles questionem. Às 08h53, termina a correção do caderno de atividades. É entregue uma folha xerocada para eles colarem no caderno com mais uma atividade para classe. Depois de entregue, a professora explica a atividade. Às 09h09, a professora se ausenta e os estudantes aproveitam para conversar e brincar. Quando ela chega, todos ficam quietos. Ela vê os cadernos de atividades de quem havia terminado. Às 09h19, saem para o intervalo, a merenda é arroz com salsicha e carne do sul. Às 09h32, os estudantes voltam para a sala e é recolhido o caderno de atividades.

Aos estudantes que estavam brincando na sala a professora diz que vai chamar os pais: “Não estou aqui para suportar quem não quer nada com a vida e fica brincando na sala, não!”.

Às 09h37, entra a professora de Geografia. Ela pede para os estudantes abrirem o livro. Um rapaz entra na sala e faz um convite para quem quiser participar do coral da igreja. O foco são estudantes de 08 a 10 anos.

A professora diz que vai passar um novo conteúdo, a região norte já tinha sido trabalhada e indaga se tinha algo pendente. A professora diz: “Tanta atividade pendente, não consigo realizar nessa turma. Horário corrido, conteúdo novo e ainda tem atividade para corrigir.”. Às 09h43, a professora faz a correção coletiva. Para um estudante inquieto a professora diz: “Você vindo ou não só faz o que quer, então não vou quebrar a cabeça com você, você e seu irmão é a mesma coisa.”.

A professora pede para os estudantes pegarem uma caneta e irem colocando o visto no caderno na hora da correção porque não ia perder tempo corrigindo questão no caderno não porque ainda tinha conteúdo novo. Com tom irritado, fala: “Quem não fez, copiar agora! Quem estava doente perdeu muito conteúdo.”.

A professora fez correção coletiva. A professora diz que no final da aula vai ver o caderno de cada um e diz: “Não pensem que vão sair por aquela porta que não vão sair não! Estão muito atrasados.”. Ela ouve várias respostas dos estudantes e retruca: “Não era nem para eu estar dizendo, mas estão tão atrasados que estou até auxiliando nas respostas. Isso é uma vergonha!”.

Quanto a um estudante disperso: “Você eu lavo as mãos! Vocês abusam da boa fé da professora, minha voz não posso estar gastando assim! Já repeti três vezes a resposta.”.

Às 10h14, ela copia a agenda. Um estudante está dormindo na sala. A professora diz: “Traga um travesseiro de casa para ficar mais confortável, preguiçoso!”. A professora explica o novo conteúdo. A diversidade do nordeste, atividade de fixação no caderno. A professora fala: “É uns olhando para o teto, outros dormindo, outros quase morrendo!”.

Às 10h25, ela pede para os estudantes fazerem uma leitura silenciosa e para marcarem os pontos mais importante, pois irá separar cinco estudantes e fazer uma pergunta. A professora pede para eles lerem e compreenderem o texto, pois tem informações que eles nem sabem sobre a região. Às 10h30, faz leitura coletiva, logo após ela fez perguntas para a turma. A professora de Português deixa uma ficha para os estudantes assinarem a devolução do livro paradidático.

Após a leitura, a professora explica o conteúdo e depois os estudantes copiam quatro atividades do livro e depois mais seis da lousa. Às 10h46, ela termina de copiar a atividade. A professora fala: “Povo para encher o saco, meninos chatos! Quem terminou de copiar, responder em casa, os outros só saem quando terminarem.” Às 11h00, termina a aula.

05 de maio de 2016 (oitavo dia de observação)

Entrada dos estudantes

Às 6h40, já tinham estudantes no portão da escola: alguns acompanhados dos pais ou de algum familiar. O diretor recebe todos os estudantes no portão na hora de entrar. Às 07h14 a professora de Português entra na sala.

Sala de aula

Inicialmente, ela faz a acolhida com uma oração, o sinal da cruz e depois um agradecimento ao dia. Logo após, fez um alongamento com a turma, alongou os braços, pernas, mexeu a cabeça, pulou. Às 07h22, ela começou a escrever a agenda na lousa. Todos os dias as crianças copiam a agenda.

Agenda

Tempo de ler: Arraiá na floresta vem cá. Português: correção/continuação, pronomes possessivos/ortografia: emprego do eza/esa/som de S. Para casa, página 81 da questão 1 a 4.

A redação da agenda foi terminada às 7h28 e após isso a professora deu o visto no caderno dos estudantes. Antes de copiar a agenda, a professora informou que não ia dar tempo fazer a leitura do livro paradidático que eles liam em sala por conta do tempo e que continuariam a leitura na próxima aula.

O texto que constava na agenda para casa não era o mesmo que a professora havia passado, pois a atividade de casa foi um texto do Patativa do Assaré: Vaca Estrela, boi Fubá. Às 07h31 a professora faz a chamada dos estudantes, tinham 27 estudantes presentes. Às 07h36 faz a correção da atividade.

A turma leu o texto Vaca Estrela, boi Fubá. A professora dividiu as estrofes com a turma, de um lado as meninas, do outro os meninos. Todos demonstraram muita empolgação na leitura e fizeram uma boa entonação de voz ao interpretar o texto. Às 7h50, termina a correção da atividade no caderno.

Logo após, a professora entrega uma folha xerocada para os estudantes e pede para eles colarem no caderno sobre os pronomes. Depois, ela faz a correção da atividade sobre pronomes demonstrativos e após a leitura do livro. A correção da atividade é coletiva. Todos participam e a professora dá oportunidade para eles expressarem suas respostas e tirarem suas dúvidas. Às 08h13, termina a correção.

Logo após entregou uma atividade xerocada para colar no caderno sobre o emprego do eza/esa/s/ss/z para estudarem em casa. Às 08h22, termina a aula de Português e inicia a aula de Matemática.

Aula de Matemática

Quando a professora entra, uma estudante fala: “A tia chega e o meu dia fica mais alegre!”. Quando a professora entra, a turma a recebe com muita alegria, batendo palmas e com muita euforia. Uma das estudantes dá uma cartinha para a professora. A professora cumprimenta a turma, pergunta como estão, logo após é chamada para comparecer na coordenação para uma reunião com o diretor. Ela sai às 08h26 e volta às 08h35. Enquanto a professora estava fora de sala, os estudantes aproveitam para brincar na sala de adedonha, outros ficam conversando com os colegas na cadeira. O motivo da reunião era para falar sobre a quadrilha que iria haver na escola. Na reunião discutiram sobre a autorização que deveria pedir aos pais para as crianças que gostariam de dançar a quadrilha. Às 08h38, ela passa a agenda de Matemática.

Agenda de Matemática

Matemática – correções. Ciências: Energia luminosa/ atividade.

Apenas colocou isso e acrescentou a agenda de Ciências que seria logo após a disciplina de Matemática que seria lecionada também por ela. A professora aguarda os estudantes terminarem a agenda e, às 08h50, inicia a correção das atividades de Matemática na lousa com a participação dos estudantes.

Às 09h02, termina a correção da atividade, enquanto são destinados alguns minutos para terminarem de copiar a correção da lousa. Às 09h10, a professora começa a explicação do conteúdo de Ciências, falando sobre energia luminosa, todos abrem o livro de Ciências para acompanhar a explicação.

Às 09h19, todos são liberados para o lanche. A merenda é sopa de soja com frango desfiado. Nem todos merendaram, pois dizem não gostar muito de sopa. Algumas crianças levavam lanche, maçã ou biscoito. Durante o intervalo, alguns merendam, outros aproveitam para conversar sobre assuntos do dia a dia, como novela, a aula de informática que acontece de tarde. Alguns brincam no celular ou de adedonha. A interação com a merendeira é muito boa, que cumprimenta a todos, que a auxiliam na hora de deixar a panela ou os pratos na cantina.

Às 09h30, os estudantes voltam do lanche. Ao entrarem na sala, continua a explicação de Ciências. A professora faz uma representação com uma lanterna sobre a luz e depois explica a temperatura tendo como exemplo o ar condicionado. As crianças participam da aula. Após a explicação, os estudantes fazem a leitura do livro sobre o assunto da aula.

Às 10h01, saem alguns estudantes da sala para o ensaio da quadrilha e outros para o ensaio do coral da coroação que haverá na escola. A professora passa uma atividade para fazer na sala copiada do livro. Na lousa copia um convite para os pais autorizarem quem gostaria de participar do handball, um projeto da igreja. No mesmo dia, é entregue um convite para as mães para participarem da festinha das mães. São apresentadas nove questões para os estudantes copiarem e fazerem. A professora alerta que quem estiver conversando irá passar um texto para copiarem. Foi avisado que para a aula de arte trouxessem cola e tesoura. Às 10h57, os estudantes foram liberados, apenas os que tivessem terminado de copiar a tarefa.

06 de maio (nono dia de observação)

Entrada

Todos os dias os professores se encontra no portão de entradas para receber os estudantes. Alguns vêm de ônibus, outros os pais vem deixar na escola

ou vem acompanhado de algum irmão ou familiar. O Diretor é bem gentil ao receber os estudantes, eles o cumprimentam com bom dia e também fazem gestos de afetos como abraço e beijo. Às 07h00, os estudantes entram na escola. Alguns funcionários também chegam nesse horário. Quando entram, os funcionários se benzem diante a imagem da Santa que fica logo na entrada da escola.

Sala de aula

Às 07h05, a professora entra na sala. Faz a acolhida com os estudantes, uma oração, agradecendo pela semana e pelo dia das mães. Fala da importância de respeitarmos nossas mães e de sua importância em nossas vidas, que devermos sempre amá-las e respeitá-las, porque mãe é um ser enviado por Deus. Tinham 25 estudantes na sala.

Agenda

Às 07h20 passa a agenda na lousa. Tempo de ler: Continuação do Arraiá na floresta vem cá! 1ª aula: produção textual – poema. Texto: O dia da madeira. Paradidático: Uma história animal.

É feita leitura em dupla das crianças, de acordo com o número da chamada. A professora pergunta o que entenderam da história, o que mais gostaram. Um estudante falou que não sabia o que entendeu. Foi percebido que alguns estavam desatentos na hora da leitura. Tinha momentos que a dupla lia muito baixo e não dava para ouvir direito, isso dispersou alguns estudantes. A professora cobra a concentração dos estudantes, que temos que aprender a ouvir e ser mais atentos.

Às 07h35, a professora sai para falar com o diretor, todos os professores foram chamados para a coordenação para falarem sobre o evento do dia das mães: comunicado sobre horário, programação e organização para o evento. Enquanto isso, a professora deixa a líder de sala copiando um texto na lousa, um poema. Todos pegam o caderno de produção textual para copiar o poema que estava sendo repassado na lousa. Enquanto a professora estava ausente, pediu para um dos agentes administrativos que acompanha os estudantes no reforço ficasse na sala enquanto. Ao voltar às 08h12, a professora leu o texto escrito na lousa e depois continuou a escrever outro poema. Fala que no livro tem a continuação e que está copiando na lousa só uma parte. Um estudante fala: “Coitados da gente! Tá bom!”.

Depois, às 08h35, a professora passou uma atividade e explicou o conteúdo. A atividade era para as crianças criarem um poema, logo após fez a

chamada e para complementar passou seis questões do livro didático. Enquanto isso, a professora preparava sua aula de arte que iria repassar na outra turma. Quem terminasse a atividade passada poderia ir para o recreio.

Às 09h19, as crianças saem para o lanche e às 09h30 voltam para a sala. O lanche era leite com bolacha. Na hora do lanche, como de costume, as crianças aproveitam para conversar. O tempo destinado ao lanche é tão curto que mal dá para elas brincarem ou interagirem com os colegas das outras turmas, pois é liberada uma turma por vez.

Após voltarem do lanche, a professora pediu para os estudantes apresentarem seus poemas. Todos ouviam atentos os poemas dos colegas e batiam palmas. Após a leitura dos poemas, foi passada uma atividade para casa.

Aula de Religião

Às 09h38, entra a professora de Religião. Logo depois, a professora sai da sala e deixa uma pessoa substituindo-a, pois ia tomar uma injeção. Às 09h40, foi passada uma atividade para as crianças. Foram entregues papel, cola, canetinhas e lápis de cor para as crianças escreverem um cartão para suas mães. Cada um fez muito empolgado um cartãozinho com uma mensagem carinhosa e de afeto para sua mãe. Foi percebida muita satisfação e alegria no momento desta atividade. Alguns estudantes compartilharam o seu material como glitter, canetinhas para os colegas que não tinham.

Quase no fim da aula, em um canto da sala, tinha um estudante triste, chorando, porém não falou o que tinha. A professora perguntou: "O que tu tem menino, com essa cara de choro?". Ele não respondeu e a professora também não insistiu em saber. Um dos colegas comentou que ele chorava porque estava lembrando da avó que estava doente. Nesse momento a professora não se interessou em trabalhar com as emoções do estudante. No entanto, a escola também é o espaço de trabalhar além dos conteúdos o lado intrapessoal, os afetos. E nesse momento, em que as crianças tinham a oportunidade de expressar suas emoções na redação do cartão, seria uma boa ocasião para tal intento.

Aula de arte

Às 10h26, inicia a aula de arte. A professora entrega material para os estudantes confeccionarem uma flor para entregar a suas mães. O material era palito de picolé e papel dupla face já recortado nos moldes da flor. Os estudantes apenas teriam que colar no local adequado. Segundo a professora, ela já entregava

o material pronto porque não teriam tempo de ainda fazerem todo o processo na sala, uma vez que o tempo destinado à aula era muito curto. Logo após, eles fazem outra rosa com EVA e palito de picolé para sua mãe. Ao terminarem, colam no caderno de artes e escrevem uma frase para sua mãe. A aula terminou às 10h54.

09 de maio (décimo dia de observação)

Entrada

Os estudantes entram às 07h00. Como de costume, o diretor os recebe no portão de entrada.

Sala de aula

Às 07h14, a professora entra na sala. Enquanto ela chega, os estudantes ficam uns na sala outros nos corredores esperando sua chegada. A professora inicia a aula com uma oração, todos ficam de pé. Pede para abençoar a semana que se inicia.

Agenda

1ª aula: História – A riqueza gerada pelo café. Atividade de fixação do livro. A professora diz que vai corrigir a atividade passada para começar um novo conteúdo. “Vou começar a aula, quando deixar o conteúdo anterior ok”. Às 07h30, ela pediu a agenda dos estudantes para olhar. Às 07h34, começou a correção das atividades. A professora pede inicialmente que leiam a questão e depois aponta algum estudante para dar a resposta. Nem todos os estudantes responderam a questão. Outros, ao serem solicitados a responder a atividade pela professora, não respondem. Um dos estudantes pergunta: “Por que o nome do rio é Rio Prata?”. Mas a professora não respondeu sua pergunta e nem demonstrou ter ouvido a pergunta. Às 07h47, termina a correção da atividade. Após a correção, os estudantes ficam em fila para a professora passar o visto na atividade. Foi aplicada, após a correção da atividade, um simulado de Português que vem da Secretaria de Educação. A quem havia terminado a tarefa era entregue o simulado. Tinham 25 estudantes na sala.

Às 08h23, a professora pede que os estudantes façam a leitura silenciosa do conteúdo de História que estavam estudando enquanto os demais terminavam o simulado. A professora fala: “Façam leitura silenciosa quem terminou para não ficar sem fazer nada.”. Às 08h37, quando todos entregam o simulado, a professora faz a

leitura do conteúdo da aula e enquanto isso explica o conteúdo. Durante a leitura, a professora dialoga com os estudantes.

Às 08h54, a professora passa uma atividade do livro com três questões. Enquanto copiam, a professora sai da sala. Durante o momento ausente da mestra, os estudantes aproveitam para conversarem. Às 09h16, a professora faz a correção daqueles que se dirigem à sua mesa. Os estudantes ficam em fila. Às 09h28, os estudantes são liberados para o recreio. A merenda foi sopa. Após a merenda, às 09:40, os estudantes voltam para a sala.

Português

A professora de Português entra e passa a agenda. Agenda: Tempo de ler – uma estória de assombrar/Aprova Brasil, lição 09. Gênero – instruções/conto de assombração. Páginas 44 a 47 (1a 5) para casa.

Em dupla, seguindo o número da chamada, os estudantes fazem a leitura do texto. Às 10h13, o líder e mais 3 colegas entregam o caderno de atividades que fica na escola. A professora pede para produzirem um texto em casa porque não dá tempo os estudantes fazerem a produção na escola. Diante da estória contada do livro, era possível que a professora fizesse uma atividade que englobasse a arte. Percebi que não havia interdisciplinaridade entre as disciplinas. Houve muitos questionamentos quanto ao nome “estória” escrito com “e”, os estudantes interrogarem se não estava errado. A professora relata que é assim mesmo.

Depois mostrei, reservadamente, a professora a diferença de estória e história escrito no dicionário e ela tirou as dúvidas do estudante e depois me agradeceu por ter tirado a dúvida. Às 11h00, a aula foi encerrada. A atividade ficou para ser concluída em casa pelos estudantes.

10 de maio (décimo primeiro dia de observação)

Às 7h00, os estudantes entram na escola, mas desde às 06h40 já tinham estudantes na escola aguardando. O diretor nesse dia estava ausente, não tinha ninguém para receber as crianças.

Às 07h10, a professora entra na sala. Cumprimenta os estudantes e passa a agenda do dia. Tinham 28 estudantes na sala. A aula era de Matemática. Agenda: Medidas de tempo/atividade. Antes de iniciar a aula, tinha um estudante chorando na sala por causa de seu primo que tinha falecido. A professora abraça o estudante, pede para ir lavar o rosto, tomar água e disse palavras de conforto. As

07h25, a professora fez a chamada. Após a chamada, escolheu os pares que iriam dançar quadrilha, utilizou como critério os tamanhos dos estudantes. Às 07h30, uma estudante leu uma oração que havia levado para a escola.

Às 07h40, a professora pediu para abrir o livro na página 31, fez perguntas sobre o conteúdo e os estudantes deram as respostas, todos interagem. Às 08h02, ela passou uma atividade do livro sobre medidas de tempo. Após passar a atividade, alguns estudantes saíram para o ensaio da quadrilha, ficando pouquíssimas crianças na sala. Os que permaneceram na sala continuavam fazendo a tarefa solicitada. Por conta dos ensaios da quadrilha e do coral para o dia das mães, esses estudantes ausentes perdiam a explicação do conteúdo, além do acúmulo de atividades. A tarefa que foi repassada pela professora já tinha sido realizada em uma aula anterior, mas, como estava no plano que vem da Secretaria, repassou novamente, pois segundo a professora se chegar uma fiscalização e não tiverem seguindo o plano terão problemas. Penso que, por mais que tivesse que repetir o conteúdo, poderia ter modificado as questões. Penso ainda que o plano é algo para nos nortear, mas deve ser flexível e de acordo com o acompanhamento e desempenho da turma.

Às 09h19, todos se dirigem ao pátio para a merenda. A merenda do dia era bolo com iogurte e todos os estudantes lancharam e queriam repetir. Conversando com a merendeira, ela falou que não sabia ler nem escrever, que não tinha sido alfabetizada. Mas sabia escrever o seu nome. Fiquei a pensar se enquanto ela estivesse no horário livre, as auxiliares da escola que ficam no apoio de sala não poderiam lhe alfabetizar.

Após a hora do lanche, entra a professora de Português às 09h30. Na aula de Português, quem lecionou foi uma substituta, a auxiliar de apoio, pois a professora estava no horário de planejamento. A professora passou a agenda: atividades no caderno/pronomes. Tempo de ler: Em um quarto perto da lua/atividade do livro. Páginas 216/217 e 218. Assinatura dos pais.

A professora pediu para que os estudantes fizessem a leitura do livro seguindo o número da chamada. Um dos estudantes estava fazendo bagunça na sala, como conversando com a colega do lado, arrastando a cadeira, por esse motivo, ela o colocou para fora da sala. Pediu para ele ficar em pé na frente da porta para que ela o visse. (A porta tinha um vidro que dava para ver quem estava fora).

Professora: “Você vai ficar aí fora para parar de se danar, e fique aí em pé e não saia para que eu o veja. Esse menino enche o saco!”.

Após esse episódio, os estudantes continuaram com a leitura. Quando terminaram às 09h45, todos foram fazer a atividade escrita na lousa. Quando a professora foi passar a atividade de classe, colocou o estudante que estava fora para dentro da sala. No entanto, mudou o estudante de lugar, mas este passou a aula trocando de lugar, pois dizia não enxergar direito de onde estava. O estudante sentava sempre na cadeira da frente. Enquanto os estudantes copiam a tarefa, conversam entre si, sobre os estudantes que não chegaram ainda da quadrilha, sobre a festinha das mães e a mudança de colégio quando terminar o ano letivo.

Às 10h16, os estudantes voltam da quadrilha e vão lanchar. Após lancharem, os estudantes entram na sala. Foi uma algazarra quando eles chegaram. Uma das estudantes que estava na quadrilha disse que não faria a tarefa, pois estava sem vontade e com dor de cabeça. Relatou ainda que uma colega a machucou na quadrilha, pisando em seu pé. A professora avisa que os estudantes só saem quando ela ver a tarefa respondida e passar o visto.

Às 10h56, a professora termina de copiar a tarefa na lousa. Uma das estudantes diz em tom baixo para a colega ao lado: “Não gostei dessa professora, muito chata, grita muito!”. Logo após, a professora passou seis questões para casa e quem terminasse de copiar poderia sair.

Assim que dar o horário de sair, a zeladora entra na sala para fazer a limpeza, porém ainda varre a sala com os estudantes dentro. Tinham oito estudantes terminando de copiar a tarefa. Eles saíram às 11h11.

11 de maio (décimo segundo dia de observação)

Os estudantes entram às 07h00. O professor os recebe no portão. Às 07h10 a professora entra na sala. A aula é de Geografia. A professora pede para os estudantes ficarem de pé para rezarem: o Pai Nosso e o Sinal da Cruz. Logo após, ela pergunta quem fez a tarefa de casa. A professora passa a agenda: Caderno Aprova Brasil, atividades sobre Polígonos.

A professora explica a diferença dos polígonos e tira a dúvida dos estudantes. Enquanto fazia as perguntas, ela passava entre as carteiras olhando os cadernos. Após a correção da atividade, entrega uma folha xerocada com questões

para os estudantes responderem. Às 09h10, os estudantes vão para o lanche, a merenda é leite com bolacha.

Ao entrarem na sala, às 09h25, a aula é de Geografia. A professora reza o Pai Nosso com os estudantes e começa a aula. Antes a professora passa a agenda: A diversidade do Nordeste/atividades.

Às 09h29, a professora faz a chamada e depois pede para abrir o livro de Geografia e pede que os estudantes façam leitura silenciosa do conteúdo. Após cinco minutos, a professora pede um estudante para ler o texto e vai mudando de leitor a cada parágrafo lido. Enquanto leem, a professora explica o conteúdo. Uma explicação muito metódica, embasada no que ler no livro.

Às 10h02 A professora passa a atividade do livro, seis questões e logo após terminarem a atividade faz a correção coletiva em sala. Em fila, os estudantes levam seus cadernos para a professora passar o visto. Às 11h00, termina a aula.

12 de maio (décimo terceiro dia de observação)

Às 7h00, a zeladora abre o portal, o diretor recebe como de costume os estudantes ao entrar.

Às 07h10, a professora chega na sala. Ao entrar, ela cumprimenta os estudantes, pergunta como estão e depois pede para que fiquem de pé, faz uma oração do Pai Nosso, uma Ave Maria e oração do Anjo da Guarda. Após o momento de oração, a professora passa a agenda: Acolhida/Oração/Tempo de ler: Em um quarto perto da lua/1ª aula Português, correção/Ortografia: emprego do isar/izar. Atividade no caderno, para classe página 96 1 a 3.

Às 07h32, a professora faz a correção da atividade do livro. No momento da correção, passa nas cadeiras para ver os cadernos e tirar as dúvidas. Um dos estudantes não fez a tarefa, a professora conversa com ele baixinho, perguntando o motivo de ele não ter feito a tarefa e pergunta de se está passando por algum problema. O estudante não fez a tarefa porque esqueceu. Logo após, a professora faz a correção no coletivo, a maioria participa na hora da correção.

No momento da correção, os estudantes da quadrilha são chamados para o ensaio. Com isso, muda a dinâmica da aula, pois a professora parou a correção para que eles não perdessem o conteúdo e passa outra atividade no quadro para os estudantes copiarem e os demais quando chegarem, complementando com atividades do livro. A professora ainda relata que os ensaios tem modificado a

dinâmica das aulas, pois os estudantes saíam e perdiam o conteúdo, portanto teria que passar uma atividade para todos acompanharem.

Às 07h57, a professora entrega aos estudantes uma atividade xerocada sobre ortografia, logo após explica a atividade entregue.

Às 08h30, inicia a aula de Matemática com outra professora. Ao entrar, como haviam poucos estudantes na sala, a professora pediu para cada estudante ir ler um livro paradidático, enquanto isso ela organizava o seu diário. Os estudantes ficaram muito empolgados com os livros de historinhas que estavam lendo e após ler o livro trocava com os colegas. Após lerem, a professora pediu que compartilhassem a história lida com os colegas.

Às 09h16, os estudantes voltam da quadilha. Após chegarem, a professora passa a agenda: Matemática: continuação da atividade/Ciências: A luz e as sombras/Atividades.

Às 09h24 é a hora do lanche. O lanche foi sopa de soja e frango desfiado, com pão, mas o pão não deu para todos. Às 09h30, termina a hora do lanche.

Ao voltarem para a sala, a professora passa uma atividade do livro. A professora pede para marcarem as partes importantes que acharem, pois irá cair na prova, como eles não poderão ficar com o livro é bom copiarem no caderno para estudarem. A professora destinou 20 minutos para essa cópia.

Às 10h08, inicia a aula de Ciências. A professora pede para lerem o texto do livro sobre luz e sombra. Depois, ela faz uma demonstração sobre a luz e a sombra, mostrando os objetos da sala que são opacos e os que não são, os transparentes e os translúcidos. A professora explica o conteúdo seguindo a leitura do livro com os estudantes. Logo após, ela passou uma atividade de 10 questões para as crianças copiarem. Todos ficam quietos e concentrados ao copiarem a atividade. Às 11h00, a zeladora entra para varrer a sala.

13 de maio (décimo quarto dia de observação)

Às 7h00, os estudantes entram na escola, o diretor as recebe. Porém, desde às 06h35, já tinham estudantes na escola.

Às 07h10, a professora entra na sala. A aula é de Português. A professora cumprimenta os estudantes e pedem para ficarem de pé para agradecerem o dia, fazem um alongamento dos braços, pernas e logo após uma oração do Pai Nosso. Antes da professora entrar na sala, uma estudante

Testemunha de Jeová me pergunta se deveria mesmo existir religião nas escolas. Pedi para ela perguntar depois o assunto à professora para saber a opinião dela.

Após o acolhimento, a professora passou a agenda do dia.

Agenda: Bom dia! Acolhida. Paradidático: Uma história animal. 1ª aula: Produção textual/Correção/Gênero – poema- texto- convite. Para casa: entrevista.

Antes de iniciar a aula, a professora recebe dos estudantes os paradidáticos que eles levaram para ler em casa. Todo mês é entregue um paradidático para os estudantes. Após a entrega, os estudantes recebem novos paradidáticos e assinam um termo de compromisso de cuidado com o livro. Foi tirado foto dos estudantes nesse dia recebendo o livro.

A aula nesse dia estava uma correria e os professores atarantados com tantas atividades a serem realizadas em pouco tempo. Após as fotos e entregas dos livros, a professora entregou uma imagem xerocada da capa do livro que receberam e pediu para colarem no caderno e responderem algumas perguntas referentes ao livro, como nome do ilustrador, autor, ano, tema. Depois entregou um poema xerocado para colarem no caderno, o poema já havia sido escrito pelos estudantes.

A professora falou que, após a entrega do livro do mês, é feito relatório para mandar para a Secretaria de Educação. Nesse momento, foram retirados cinco estudantes, escolhidos entre professor e coordenadora, para fazer a prova da OAB. Ao ser indagada sobre o motivo de não ser toda a turma que fazia a prova, a professora respondeu que, como a escola tinha muitos estudantes, só escolhiam cinco de cada turma. A prova era xerocada pela escola e eram muitas questões, seis páginas frente e verso, e não era possível a escola arcar com os custos para todos os estudantes. Outro motivo é que a realização dela foi comunicado às pressas.

Às 07h48, saíram os estudantes para o ensaio da quadrilha. A professora diz: “O que faço agora? Isso modifica a dinâmica da aula. Pois antes das 10 horas os estudantes tem que ir para a quadra da escola para a chegada da Santa.”

Às 08h00, fomos para a igreja receber a Santa. Todos os estudantes tinham que ir, exceto aqueles de religião diferente que não se sentiam bem. Uma das estudantes Testemunha de Jeová foi avisada que não era obrigada a ir, poderia ficar na escola. Mas como soube que era a professora X que iria ficar, ela achou melhor ir. Ao chegar na Igreja, a menina demonstrou surpresa e, assustada, disse nunca ter entrado em uma igreja antes. Disse não se sentir bem e começou a

chorar. A professora pediu para eu ficar na praça com os estudantes que eram Testemunhas de Jeová e os evangélicos.

P1: Gostaria que você soubesse que você não está aqui obrigada, eu perguntei se você não queria ficar na escola. Não precisa chorar, vai já terminar e nós voltamos pra escola. Pelo amor de Deus, não vá dizer que eu lhe obriguei a vir para a igreja. Eu respeito a sua religião, na minha casa já recebi muitos Testemunhas de Jeová e muito do que sei hoje sobre a Bíblia eu devo aos estudos que tive com os Testemunhas de Jeová. Então, assim como eu respeito a sua religião, você também deve respeitar a minha. Ficar sentada ali quietinha não vai te levar para o inferno. Mas você fica sentadinha na praça, sem correr enquanto termina. Mas, pelo amor de Deus, não vá dizer que eu obriguei você a vir para a igreja. Você me entende?

Estudante: Eu entendo professora, mas eu não me sinto bem!

Estudante 1: Eu sinto como se estivesse honrando meu pai. Ele era muito católico. Meu pai já faleceu. (Em seguida me mostrou uma foto do pai com ela quando bebe que carrega sempre na bolsa.)

Estudante 2: Eu senti medo, nunca tinha entrado em uma Igreja Católica. Achei horrível. Nunca mais quero entrar aqui.

Estudante 3: Eu me senti estranha, não me senti bem, dar uma vontade de chorar, não sei explicar!

Estudante 1: Mas, se é a mãe de Jesus como o diretor disse, então não faz mal tocar.

Estudante 2: Mas é uma imagem, Estudante 1. Se eu tocar, vou estar adorando uma imagem!

Ao voltarmos da igreja, às 08h56, os estudantes se dirigiram à cantina para tomar água e depois para a sala. Às 09h00, os estudantes que iriam realizar a prova da OAB foram para uma sala reservada. A professora escreve o restante da agenda na lousa: 2º momento-gênero-poema/Atividades: leitura do poema. Texto: convite-colagem.

Às 09h10, os estudantes vão para o recreio, a merenda foi arroz com ovo e salsicha. Nesse dia, foram dois estudantes suspensos, pois enquanto estávamos na igreja, eles tinham ficado na escola e tinha jogado água no chão, bagunçado as salas. Após o lanche, os estudantes se dirigiram a quadra, todos da escola foram para o recebimento da Santa Nossa Senhora Aparecida.

Na quadra, os estudantes ficaram em fila, o diretor falou sobre a Santa, como se deu seu aparecimento, que era a Padroeira do Brasil. Depois foi cantada

uma música da Virgem Maria, em seguida foram rezados 10 Ave Marias e um Pai Nosso. Quando terminaram as orações, os estudantes se dirigiam a Santa para tocá-la e fazer um pedido. Por fim, foi cantado o Hino Nacional e os estudantes foram dirigidos a escola para pegar seu material e ir para casa.

16 de maio (décimo quinto dia de observação)

Os estudantes entram às 07h00 e são recebidos pelo diretor no portão. Nesse horário, os professores estão chegando e se reúnem antes de entrar na sala no pátio com os demais professores. Depois, cada um se dirige às suas salas.

A professora chega na sala às 07h10. Enquanto isso, os estudantes esperam na sala, alguns ficam em pé, outros sentados olhando seu material ou conversando com os colegas do lado. Assim que a professora, ela chega cumprimenta os estudantes, faz uma oração Pai Nosso e logo em seguida sai da sala para resolver um assunto pessoal, deixando uma estudante copiando a agenda na lousa. Agenda: Acolhida, oração, 1ª aula O fim do Segundo Reinado/Atividade de fixação 58 a 59.

Às 07h30, os estudantes que irão participar da quadrilha saem da sala para o ensaio. Enquanto termina a agenda, a professora volta pra sala às 07h37. Quando retorna, ela pede para os estudantes abrirem o livro de História no conteúdo da aula e faz a leitura do texto do livro. Enquanto lê o texto do livro, vai explicando sobre o Primeiro Reinado aqui no Brasil. Depois da explicação, foi passada uma atividade para classe do livro.

Às 08h18, os estudantes começam a copiar a atividade de classe. Enquanto escreviam a turma estava silenciosa e a professora se encontrava sentada observando os estudantes. Às 09h02, os estudantes que estavam para o ensaio da quadrilha chegam. A sala fica mais agitada, os estudantes começam a conversar sobre o ensaio, que um dos colegas estava vermelho, outros suados, e começam os comentários sobre o ensaio: uma das colegas escorregou, alguns riem.

Nesse momento de algazarra, a professora diz que não vai admitir conversa na sala. “Não vou admitir conversa na sala, vocês já estão atrasados, já sabem o que é pra fazer então comecem a tarefa, só sai quem terminar. A obrigação de vocês é fazer a tarefa, já sabem o que é pra fazer e ficam enrolando. Se não fizerem as atividades da sala, vai sair da quadrilha. Façam a tarefa rápido, já chega de tantas tarefas atrasadas, quero a tarefa agilizada”.

Às 09h14, a professora faz a chamada. Às 09h16, os estudantes saem para a merenda. A merenda é arroz com ovo e salsicha. Durante o recreio, dois estudantes brigam porque na hora de tomar água ficaram empurrando, então um jogou água no outro. Os dois foram chamados na coordenação e foram suspensos, só podendo entrar acompanhado dos pais. Às 09h29, os estudantes voltam do recreio e ocorre a troca de professor.

Às 09h35, entra a professora de Português, que cumprimenta os estudantes e copia a agenda na lousa. Agenda: Tempo de ler: O que me disse o Saci. 2ª aula: Português, Aprova Brasil, lição 10, páginas 48 a 51. Gênero: divulgação científica/Para casa: páginas 90 a 93 (3 a 8) leitura e compreensão. Assinatura do responsável.

Às 09h50, a professora começa a explicação do conteúdo, o que é uma divulgação científica e pede os estudantes para lerem o texto do livro, mostrando os pontos que o diferencia de outros gêneros. Durante a leitura, um estudante tem dúvida em uma palavra “casta” e ela pede para ele fazer a pesquisa no dicionário.

Após achada a palavra, ele lê para a turma o significado da palavra. Durante a explicação, alguns estudantes levantam a mão para fazer algum comentário do texto. Às 10h20 a professora inicia juntamente com os estudantes a correção do simulado de português, retirando as dúvidas. Após a correção do simulado, às 11h00, os estudantes são liberados.

17 de maio (décimo sexto dia de observação)

Às 06h30, já se encontram estudantes na escola acompanhados de seus pais ou algum familiar, alguns vem só. às 06h58, os estudantes entram, o diretor os recebem, primeiro a fila das meninas como de costume, depois a dos meninos. Os estudantes demonstram afeto pelo diretor. Ao entrarem, os estudantes se dirigem à sala.

A professora entra às 07h08. A aula é de Matemática. A professora chega alegre, cantando na sala, e cumprimenta os estudantes. Logo após copia a agenda na lousa. Agenda: Matemática/Atividade de fixação/Composição e decomposição de números naturais.

Às 07h27, a professora copia atividade no quadro, quatro questões sobre a decomposição dos números e depois entrega uma atividade xerocada para cortar

e colar no caderno. Nesse dia, tinha um pintor na sala, escrevendo o nome de um homem que doou o material para a reforma da sala em que se encontravam.

No período da tarde, iria ter na escola uma solenidade de inauguração da sala de aula, por esse motivo estava, pintando o nome do doador em homenagem. Essa solenidade era apenas para o pessoal administrativo e professores, os estudantes não participariam.

Enquanto o pintor escrevia e pintava o nome, os estudantes reclamavam do cheiro forte de tinta, outros perguntavam quem era o senhor homenageado e a professora explicou o motivo de estarem escrevendo o nome desse homem na sala.

Após terminada a atividade, às 08h30, pedi permissão a professora para aplicar o questionário (APÊNDICE A). Expliquei aos estudantes o motivo do questionário novamente e minha presença na escola. Os estudantes concordaram em responder.

Após terminarem o questionário, os estudantes foram para o intervalo. Às 09h15, os estudantes se dirigiram ao pátio para a merenda. A merenda era sopa de soja com frango desfiado. Durante o intervalo, me perguntaram se eu ainda estudava, se eu era professora, alguns falaram da profissão que gostaria de ter. Uma estudante falou que gostaria de ser médica porque gostava de ajudar as pessoas e queria salvar vidas. Outros falaram que gostariam de ser engenheiros, outra, professora, outros, geralmente os meninos, disseram que não queriam ser professores porque os estudantes bagunçam demais. Terminado o recreio, os estudantes se dirigem à sala. Alguns estudantes conversam:

Joana: Taty, você instalou o aplicativo da JW?

Taty: Já instalei, mas meu celular está em casa.

Joana: Olha aqui o tema da revista de hoje. (Relatos cotidianos, dia 10 de maio de 2016)

André: Zazá você soube que mataram um homem ontem na rua do Zezim?

Zazá: Soube sim, foi de noite, mataram de tiros. Acho que se enterra hoje?

Às 09h30, quando os estudantes voltam, a professora de Matemática continua na sala fazendo as correções da atividade, enquanto a outra professora chega para a troca de turma. Às 09h45, entra a outra professora. A aula é de Português, mas quem estava lecionando era uma professora auxiliar, pois a

professora titular não estava presente, pois tinha ido à Secretaria de Educação para formação. O pintor termina a pintura.

Quando a professora chega, cumprimenta os estudantes e explica o motivo de a outra professora não ter vindo. Em seguida, passa a agenda do dia. Agenda: Correção/Páginas 92 e 93 (3 a 8). Colagem e atividade. Tempo de ler: O que disse o Saci.

Às 10h12, a professora faz a correção da atividade com os estudantes. Foi percebido que muitos estavam dispersos, outros conversando. A professora falava em tom calmo, sereno e baixo para chamar a atenção dos estudantes. Um dos estudantes diz: “A tia é boa, as outras professoras tudo gritam com a gente.”. Passados alguns minutos de insistência em silêncio, a professora conseguiu a atenção da turma. Terminando a correção da atividade, às 10h33, a professora solicita que façam a leitura do livro, seguindo o número da chamada ela vai denominando as crianças que irão ler.

Às 10h44, termina a leitura, depois passa o visto nos cadernos. Às 10h56, libera os estudantes.

18 de maio (décimo sétimo dia de observação)

Os estudantes entraram na escola às 06h55: o diretor os recebeu na entrada.

Às 07h10, a professora entra na sala. A aula é de Matemática, mas quem lecionou foi uma professora auxiliar da escola, pois a professora estava no seu dia de planejamento. A professora iniciou a aula cumprimentando os estudantes e depois pediu para ficarem em pé para rezarem. Todos ficam em pé, até mesmo os que não são católicos, porém ficam calados e não participam da oração. Os estudantes rezaram o Pai Nosso, a Ave Maria e o Sinal da Cruz.

Às 07h16, a professora passa a agenda. Agenda: Bom dia! Matemática: Aprova Brasil. Lição 10. Frações.

Às 07h25, professora passou uma atividade para os estudantes e depois fez a correção da atividade do livro. Às 08h10, a professora começa a correção no quadro. Os estudantes tinham muitas dúvidas em relação à resolução de frações. Muitos deles chamavam, de sua carteira, a professora para esclarecer o assunto. A docente, na minha percepção, demonstrou, algumas vezes, incertezas quanto à resolução, pois ela verificava no livro do professor se as respostas dela

correspondiam ao que nele constava. O livro do professor é distinto do livro do estudante porque contém as respostas das questões, bem como, nas últimas páginas, possui orientações sobre metodologias de ensino e os conteúdos.

Os estudantes começaram a conversar na sala e como a professora não obteve o silêncio de imediato ela ficou parada na frente do quadro. A professora trocou de lugar um dos estudantes que mais conversava durante a aula e o colocou na frente. Após alguns minutos, ao perceberem que a professora estava quieta esperando que fizessem silêncio, um dos estudantes diz: “Gente, silêncio, não estão vendo que a professora está na sala?”. Outro fala: “Silêncio gente, pode continuar professora.”.

Após obter silêncio na sala, a professora termina a correção. Às 09h26, os estudantes saem para o lanche. A merenda é salada de frutas (mamão, banana e laranja) com leite. A merendeira comenta que não concorda que a merenda seja salada de frutas, pois nem todos os estudantes comem por não gostarem de algumas frutas.

Nesse momento, há uma correria para os preparativos para a solenidade que acontecerá de tarde, a inauguração da sala. É o comentário do momento entre professores e demais funcionários da escola, os estudantes também ficam curiosos, pois a prefeita irá visitar a escola. Um dos estudantes pergunta: “Por que a gente não pode vir?”. Outro indaga: “A prefeita vem pra escola?”. Não é respondido porque eles não estarão presentes.

Às 09h37, os estudantes voltam para a sala. Às 09h45, é a aula de Geografia, mas quem ficou foi a professora auxiliar, pois a professora estava no seu dia de planejamento. Lembrando que a auxiliar era outra, pois há duas professoras auxiliares na escola. A professora copia a agenda na lousa. Agenda: Sub-região agreste/Sub-região sertão/Assinatura do responsável.

Os estudantes começam a conversar na sala, outros a reclamar que estão pegando no cabelo. A professora diz: “Antes o problema era o X (estudante que tinha sido expulso) e ele está aqui? Não! E a bagunça continua, então o problema é de todos. Vamos fazer silêncio, se quiser falar levanta o dedo.”.

A professora leu o texto do livro com os estudantes e depois passou atividade do livro e complementou com outras na lousa. No total, foram 12 questões. Os estudantes passaram o tempo copiando as questões da lousa e levaram para

responder em casa. Um dos estudantes diz: “Não vai acabar mais dever não?”. Outro fala: “Já estou com as mãos doendo”.

Dois estudantes brigaram na sala porque um deles foi chamado de gordo. A professora só pediu para se aquietarem senão ia levar para a diretoria. Às 11h00, os estudantes foram liberados. Mas, ainda ficaram dois estudantes terminando a tarefa.

19 de maio (décimo oitavo dia de observação)

Os estudantes entram às 07h00: o diretor os recebe na entrada.

A primeira aula é de Português. Enquanto a professora chega, uns ficam do lado de fora esperando e interagindo com os estudantes da sala do lado, outros esperam na sala. A professora chega às 07h08. Cumprimenta os estudantes e pede para ficarem de pé para fazerem uma oração, na qual agradecem pelo dia e que acabe tanto ódio no mundo e violência. Rezam o Pai Nosso e a Ave Maria.

Às 07h20, a professora passa a agenda. Agenda: Acolhida/Oração/1ª aula Português/correção/gramática: interjeição/atividade xerocada/para casa páginas 94 e 95 (1 a 6). Tempo de ler: Era uma Vera uma vez que não era.

Às 07h29, começa a correção da atividade anterior. A professora passou nas cadeiras olhando os cadernos, quem fez as atividades. Às 07h35, a professora fez a correção coletiva da atividade.

Os estudantes que brigaram na sala e os que foram suspensos estavam na diretoria acompanhados dos pais. Após a conversa com o diretor, o responsável os acompanhou até a sala para conversar com a professora.

Às 08h04, a professora começa o novo conteúdo. Entrega uma folha xerocada para colar no caderno da explicação da atividade sobre interjeição. Enquanto os estudantes conversam, a professora pede silêncio. E diz: “Acho que hoje estou estressada”. Enquanto os estudantes fazem a tarefa, eu entrevisto a professora (APÊNDICE E).

Às 08h35, entra a professora de Matemática. A professora copiou a agenda. Agenda: Matemática/fração. Ciências: Energia térmica e calor.

Após a agenda, a professora oferece uma cartela de bingo aos estudantes. Diz que a cartela de bingo é de uma geladeira e que os estudantes devem comprar pra ajudar a escola. A professora diz: “Vocês não pagam luz, não pagam água, tem tudo de graça. Não custa nada ajudar a escola uma vez ao ano. A

cartela custa cinco reais.”. Um estudante diz: “E quem não tiver?”. A professora diz: “Vocês tem que contribuir com a escola.”. O estudante insiste: “E quem não tiver?”. A professora responde: “Você tem até o fim do mês para pagar.”.

Na escola, nada é de graça, nada é de favor, pois resulta de impostos que pagamos ao governo. O comentário da professora não conscientiza os estudantes da importância de cuidarmos dos bens públicos e muito menos dos nossos direitos e deveres. Pedir uma contribuição para ajudar na escola é compreensível, mas propagar a ideia de que o direito a educação é um favor não contribui para o desenvolvimento da consciência política dos estudantes.

A professora colocou o bingo na agenda de cada estudante e falou que os estudantes, que eram Testemunha de Jeová e não podem comprar bingo, podiam contribuir com os cinco reais como doação.

Às 08h48, após o aviso sobre o bingo, um estudante conversava e a professora o colocou no canto da sala. Logo após, passou a explicação do conteúdo na lousa para os estudantes copiarem. Em seguida fez a chamada enquanto os estudantes copiavam. Depois da chamada a professora fez a explicação.

Às 09h18, a professora explica e pede para os estudantes prestarem atenção e não escreverem nada. A professora diz: “É estressante ver o estudante que tem dificuldade não prestar atenção. Aí a professora é bruta, chata, grita, é porque está estressada, é porque é ruim, aí a paciência se esgota.”.

A professora continua: “Eu não consigo explicar com alguém escrevendo, principalmente Matemática.”.

Um dos estudantes pergunta: “Isso tem na Prova Brasil, tia?”. A professora responde: “Vocês têm que prestar atenção porque vai cair na prova e quero boas notas.”.

Às 09h30, os estudantes saem para o lanche. A merenda é arroz com soja e salsicha e farofa de frango.

Ao voltarem do lanche às 10h41, a professora termina a explicação do conteúdo e dá um tempo para terminarem de copiar. Às 09h51, passa atividade na lousa de Matemática duas questões. Nos intervalos que a professora tinha de uma atividade pra outra, eu ia realizando a entrevista (APÊNDICE E).

Às 10h24, a professora passa a atividade de Ciências. Ela pede um dos estudantes para ler o texto do livro. Depois, ela faz a correção da atividade: cada estudante falou de sua experiência com o fogo. A professora relacionou o assunto

com as vivências dos estudantes. Às 10h57, os estudantes são liberados e eu finalizo a entrevista com a professora.

20 de maio (décimo nono dia de observação)

Às 07h00, os estudantes entram na escola. O diretor os recebe. Às 07h08, a professora entra na sala. Cumprimenta os estudantes e pede para que fiquem de pé para fazerem a oração do dia. Rezam o Pai Nosso, a Ave Maria, o Sinal da Cruz e a oração do Anjo da Guarda. Logo após, a professora pede para os estudantes inspirarem e expirarem: eles fizeram isso cinco vezes de olhos fechados. Depois, exercitaram as mãos, as pernas e alongaram o corpo. Os estudantes gostaram de alongar o corpo e se divertiam.

Às 07h19, a professora passa a agenda. Agenda: Bom dia! Acolhida/oração/Tempo de ler: Era uma Vera uma vez que era/ortografia: lh, li/isa/esa isa/izar (revisão). Produção textual: 1º momento: sequência didática/poema/produção textual – O lugar onde vivo. 2º momento: Gênero - poema (colagem).

Às 07h30, a professora passou uma atividade de produção textual para os estudantes falarem do lugar onde vivem. Em seguida, ela entregou um poema do Fernando pessoa para colarem no caderno de produção textual.

Às 07h43, ela escreve no quadro a definição sobre poesia.

Às 07h45, os estudantes da quadrilha são liberados para o ensaio.

A professora passou para casa uma entrevista com algum familiar sobre a história do lugar onde eles vivem. A professora explica que a poesia é uma forma de a gente expressar nossos sentimentos, o que pensamos. Poesia é aquilo que sentimos quando damos um abraço, é o que a gente sente quando está feliz.

Uma estudante fala: “Tia, a senhora fala que a poesia é o que a gente sente quando dá um abraço, eu não sinto nada, ninguém me abraça eu que tenho que abraçar!”.

A professora fala: “Oh! Meu amor, ninguém nunca lhe abraça, pois venha cá pra me lhe abraçar.”.

A professora abraça a estudante e ela sorri. Durante o abraço a professora fala: “Você é uma menina muito querida, linda!”.

Em seguida, a professora explica o conteúdo copiado.

Às 09h00, os estudantes saem para o lanche. A merenda foi sopa com soja e frango.

Às 09h15, após o intervalo, entra a professora de religião. A professora pergunta como os estudantes estão e passa a agenda do dia. Agenda: Religião/Valores familiares - gratidão, o ser cristão.

Os estudantes que estavam para o ensaio da quadrilha ficam copiando a atividade da aula anterior. A professora escreveu a agenda e passou uma atividade xerocada, umas imagens para os estudantes falar sobre gratidão. Antes disso ela contou uma história sobre gratidão de um homem que perdeu tudo em um incêndio e foi ajudado por outras pessoas, e que isso era um exemplo de gratidão. Agradecer sempre quando alguém faz algo de bom para a gente.

Às 10h20, entra a professora de arte.

Na aula de arte, a professora entrega uns recortes para as crianças montarem, os recortes formavam uma casinha. A atividade foi colada no caderno de arte e depois eles pintaram.

Às 11h00, a professora liberou os estudantes. Antes dos estudantes saírem, eu agradei o tempo que estive com eles, pela receptividade e por contribuírem com meus estudos.

Depois que os estudantes saíram, fiz a última entrevista com uma das professoras.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

P1 – 19 de maio de 2016

1 A importância da escola, ah! A escola é tudo. É na escola que eles aprendem a respeitar o outro, a conviver na sociedade. Sempre digo que o estudo é tudo.

2 O currículo... o currículo é que vai nortear a prática do professor, é no currículo que tem os conteúdos, o que a gente tem que ensinar. Aqui a gente faz planejamento que vem da Secretaria de Educação, eles mandam os conteúdos programáticos e a gente elabora os planos. Na minha opinião, ela consegue porque isso depende muito do profissional dentro de sala de aula, como o professor se encontra, se ele está estimulado, se ele está capacitado. Se ele tiver envolvido com o propósito de aprendizado na sociedade de formar essa criança, então ele consegue atingir esse objetivo de formar verdadeiro cidadão. Só que, em contratempo, a gente vê os problemas que acontecem em torno da escola, vem a questão do professor às vezes ser desmotivado. Às vezes, ele entra na sala de aula, é... hoje vai ser um bom dia de trabalho, mas por trás daquilo, às vezes, tem uma coordenação que não estimula, uma escola que não te apoia, que não te dá o básico, o material básico que é o livro, não te dá o apoio, não te dá espaço para você se planejar e poder criar todo o ambiente para formar essas crianças. Mas, se a gente, eu pessoalmente acho que se eles, né... o professor, ele nasceu pra isso, ser professor, é o que eu digo muito, ser professor ele tem que ter sangue na veia, porque se ele for só pra sala de aula só pelo simples fato do dinheiro, ele vira um profissional frustrado, por quê? Porque não vai te recompensar. Porque ser professor, formar, ser formadora de cidadão, é muito mais do que seu salário no final do mês. É se deparar com situações individuais de cada criança, estimular ela a aprender. Para ela saber que tem um futuro à espera lá na frente, mesmo com todos os contratempos de sociedade, de dificuldades financeiras.

3 Vish formação integral do estudante, nunca ouvi esse termo. Formação integral... é ele terminar formado. É ele terminar, ter alcançado seu objetivo, ter se formado numa área específica, no que realmente ele almejou, desejou ser.

4 Acho que é o momento onde eu paro e escuto a opinião deles, onde eu vejo realmente que em casa, dá pra sentir que em casa os pais conversam com eles que eles realmente entendem de determinados assuntos e compartilham, é o

emocional de cada um, você sente que eles assimilam o conteúdo que você passa, então, quando eu proporciono um momento de conversa com eles é onde eu percebo que essa integração digamos assim de... de... não sei, dos conteúdos assimilados que a gente vê que está chegando até eles.

5 Eu não sou uma professora que não gosto de ser conteudista. Eu vou muito pela a... é... tem um professor meu, o professor Marconis, né, que já é falecido, né... o finado Marconis, ele tinha uma avaliação, agora que não lembro, uma avaliação, é... tipo uma avaliação pelo que ele apresenta. Eu não vou avaliar o estudante porque ele tirou um dez em Matemática, dez em Português e tirou quatro em História e quatro em Ciências, não! Eu vou avaliar o que ele pode me oferecer de melhor. Ele não precisa se um dia ele for formado, vai que a formação dele ou o profissional que deseja ser não precisa de uma específica História e uma específica Ciências, ele precisa ser bom só, é... em outra disciplina, então eu avalio ele no que ele pode me oferecer de melhor. Ele, às vezes, ele não é um estudante nota dez de fazer todas as atividades de casa. Mas ele é um estudante competente e participativo, então eu não vou deixar de avaliar esse estudante, vou deixar de passar nota porque ele tirou um quatro na matéria e eu não vou dar uma nota a mais por sua participação! Então, eu não vou avaliar ele simplesmente pela nota, pelo sistema de nota, eu o avalio pelo que ele pode me oferecer. Às vezes, até aquele que não participa, mas você vê se está tudo bem com ele, você chega e aí como é que está, você compreendeu, você entendeu? E, às vezes, ele te dá uma resposta que te surpreende! Sim, porque, às vezes, eles sentem-se desestimulados por ter tirado uma nota baixa e aí você vê que fica triste. E quando você chega e diz, não, vê a participação dele e diz eu vou lhe dar meio ponto. Um ponto pela questão de você está conversando com ele, então isso ele vê assim: opa! A tia já viu algo em mim que precisou, ela já sabe que eu tenho condições de fazer, então, às vezes, isso até ajuda a acompanhar mais os conteúdos, isso quando se dá essa oportunidade a eles.

6 Claro que contribui porque na escola, digamos, a gente sabe que o princípio de tudo é na casa, né? Na família, mas na escola ela vai dar o direcionamento de como se viver em sociedade, vai dar o direcionamento da pessoa que vai ser, do profissional que ele vai querer ser. Então se ele não tiver esse momento na sala de aula, digamos que, quando ele ficar um adulto, ele não esteja preparado para viver dentro da sociedade. Então, esse cotidiano em sala de aula, de

vir para a escola é essencial pra vida dessa criança. Dentro da escola, a gente tem essa preocupação do espaço, o espaço é pequeno. Eu, na minha opinião, já teria adquirido um espaço maior. Porque criança precisa de espaço, precisa correr, criança precisa brincar, ela tem que tirar todas as energias. E, na nossa escola, apesar de ser uma escola disciplinada, tem as questões das regras que devem ser seguidas e eles entendem muito bem isso. Mas, o espaço em si, o espaço oferecido pra eles, os ambientes, se tornam, às vezes, pequenos. Uma sala, uma biblioteca, um espaço maior pra recreação. Então os espaços escolares, os espaços que existem dentro da escola, talvez necessitassem ser maiores até mesmo para o próprio desenvolvimento deles.

7 Ah! A escola preocupa muito com a formação dos estudantes. Nós temos aqui o Projeto de leitura, no qual os alunos levam um livro paradidático pra casa e entrega por mês, o tema do livro é trabalhado em sala. Eu acho muito importante a leitura sabe, pois quando você ler, você descobre o mundo. Eu digo muito a eles que a gente só é alguém na vida através dos estudos. E a leitura melhora na escrita deles, estimula. A escola sempre trabalha com as olimpíadas que são promovida pela Secretaria de Educação, como os jogos esportivos e também tem sempre a feira de ciências que participamos e a culminância é apresentada nas outras escolas. Acho que é isso.

8 A sala de aula. Dentro da sala de aula, porque aqui eles estão num ambiente, não é um ambiente familiar, mas é o ambiente social que eles têm. É um ambiente social, como outros que eles têm em questão de religião, quando eles vão acompanhados com o pai, tem aqueles até que nem vão. Então, o momento que eles estão assim social, com outros pensamentos, com outras pessoas é dentro da escola. Então, dentro da sala de aula aqui, eles recebem as visitas, eles têm os colegas, recebem os colegas das outras salas de aula, então, é nesse espaço aqui, que eles se promovem. Eles mesmos se promovem, dizendo se são bem ou se não são.

9 A minha sala de aula. Porque eu estar com meus estudantes, eu me sinto bem. Eu digo muito, se... eu poderia ter a opção, eu não ser professora, eu tenho essa opção. E até casos de eu discutir com meu esposo dentro de minha casa, né! “É isso mesmo o que tu quer pra tua vida, é isso mesmo? Está muito estressada, tá muito cansada, pelo amor de Deus! Faz almoço hoje não que vou comprar!”. Então, é assim, é uma opção minha, eu quis ser isso, desde meu pai,

olhou pra mim e disse: “Tu vai ser professora.”. E parece que foi algo que impregnou em mim. Então, eu me sinto bem dentro da minha sala de aula. Por quê? Porque eu sinto um espaço meu. É um espaço seu, eu não imponho o que eu quero, eu tento direcionar o que cada um quer e incentivar a dar o melhor de si. Então, às vezes, eu chego dentro da sala de aula e quando vejo aquele espaço que são trinta cabecinhas tudo esperando por direcionamento, um direcionamento meu. Às vezes, eu tento muito chamar eles a atenção pra aula, para o conteúdo. Quando eu vejo uma criança dispersa, aquilo me incomoda, às vezes, eu tenho até que me policiar porque, às vezes, você tem sempre o que conversar, mas às vezes a gente não admite, olhe isso aqui é muito importante, então eu gosto muito desse espaço, de estar na sala de aula, de estar direcionando, de estar ensinando, de estar mostrando, olha não é esse caminho, é esse. De instruí-los de fazer as coisas e quando vem que trazem, né, a atividade feita, o trabalho feito de acordo com o que você passou, com o que você viu é muito prazeroso. Você vê que o objetivo foi alcançado. Então pra mim o meu espaço é a minha sala de aula. Eu não tenho outro espaço, ah! É a biblioteca? Ah! É a sala dos professores? Não! Pra mim, é a minha sala de aula porque é aonde eu me sinto bem. Então, assim, eu posso ter dias que vou dizer “Eu não volto mais de jeito nenhum”, mas algo no outro dia me pede pra vir.

10 Ah! Uma escola dos meus sonhos, primeiro, né... onde coordenadores e diretores fossem pessoas formadas, conhecedoras das leis, do que rege a educação, pessoas que pudessem primeiramente, antes de qualquer coisa, tivessem sido professores realmente pra saber qual é a importância de um professor dentro de sala de aula, que respeitassem os professores, que dessem espaço para eles trabalharem. Então, a escola dos meus sonhos seria o que, que a coordenação juntamente com todos os professores pudessem ver que as crianças são os principais, é... as principais pedras preciosas de dentro da escola. Que não visse a criança como mais um, mas que visse a criança que precisa ser educada até chegar no objetivo dela final que passar por todos as etapas da escola. A escola dos meus sonhos é essa, que fossem capacitados, que soubessem reger a escola, que se preocupassem com os problemas das crianças. Porque tem crianças que gritam... gritam pedindo socorro. Eu já me deparei com vários casos, com vários fatos, talvez seja isso meu lado sensível. Aqui, na nossa escola, graças a Deus, tem pessoas, a coordenação tem gente que são capacitadas. Eu vejo que, às vezes, se emocionam

também, é claro que a gente também não deve levar sempre o lado emocional, também tem que ter a razão e ajudam, amparam, vai atrás da solução para ver o que causou, fez aquele estudante chamar tanta atenção.

P2 – 19 de maio de 2016

1 A importância da escola na vida dos estudantes é muito fundamental. Porque os estudantes eles tiram da escola toda a referência para a sociedade. É no meio escolar que eles aprendem, não só aprendem as matérias ensinadas, mas, sim, a saber conviver em sociedade, a representar valores, a transformação, as mudanças da sua própria personalidade, tudo isso envolve o meio escolar.

2 O currículo escolar está associado às regras que a escola dispõe com relação à classe gestora, com relação à classe docente e discente, são também as matérias postas em sala de aula, as regras os conceitos em geral, isso tudo forma um conjunto, que faz parte do currículo escolar. Uma escola que não oferece um currículo dificilmente vai desenvolver no papel de educar o educando. Vai ter uma dificuldade muito grande, não pode correr solto, não pode trabalhar solto, tem que amarrar alguma coisa, tem que trabalhar objetivos, desenvolver esses objetivos, principalmente com relação aos educandos.

3 Eu entendo que a formação integral está relacionada em sala de aula, na qual o professor tem como papel não só desenvolver habilidades na criança, no estudante, com relação às matérias, e sim como o todo. Envolver a criança com relação aos valores familiares, à postura, à expressão de opinião, fazendo com que a criança possa interagir em meio a sociedade. Isso também faz parte de uma formação integral. Não só cobrar e exigir da criança aquela aprendizagem, aquela aprendizagem mecânica das matérias, e sim querer algo mais, puxar algo mais da criança nesse sentido. Valores, opiniões, criticidade. A escola e a família têm que estar juntas, trabalhando juntas no seu objetivo. A criança com certeza tem um desenvolvimento muito bom, né. Quando falta também o apoio, o suporte para a escola que é a família que está ali dando suporte, tendo participação, tendo seu acompanhamento, a gente sente que a criança ela não tem uma... ela sente alguma dificuldade em alguns aspectos, mas é preciso que a escola junto com a família, tenha esse suporte de trabalhar lado a lado.

4 Além das minhas atividades, das disciplinas que aplico que é História, Geografia e Ciências, eu trabalho também com Arte e Religião. E em Religião eu

desenvolvo muito a questão dos valores. Valores familiares, valores da sociedade, fazer com o estudante desperte o verdadeiro sentido do que é ser cristão na a sociedade, que ele possa saber conviver, ele possa saber desenvolver o papel de um bom cristão, mediante a oralidade, reflexão e mensagens que venham transmitir uma reflexão de mente, bastante participação deles, a oralidade, fazer com que eles exponham suas ansiedades, suas necessidades, suas preocupações, seus anseios, em que, na roda de conversa, as trocas de opiniões a gente possa, trabalhando esses valores aliviar certos anseios, aliviar certas preocupações nas crianças, certas discriminações também que a gente trabalha isso, fazer com que a criança não cresça com uma mente discriminada, não cresça com uma mente racista. A gente trabalha muito com essas questões de valores, de opinião, né. Trabalhar sempre a opinião deles e desenvolver uma opinião boa. Uma opinião correta em relação às atitudes de discriminação e racismo.

5 Eles são uns estudantes bons, participativos, desde muito cedo, desde já iniciando o Fundamental I eles já tem uma noção de leitura e escrita, isso facilita muito quando chega ao 5º ano, porque nossos estudantes já têm hábito de ler e escrever, tem uma leitura fluente, tem uma escrita boa, então isso facilita muito na hora do desenvolvimento em sala de aula. Na hora do momento de cobrar resultados, das tarefas, das atividades a gente vê essa facilidade por conta da leitura e da escrita. Avalio na sala através da participação, principalmente, porque eu vejo assim, estudantes de 5º ano eles tem que ter uma habilidade muito boa em oralidade, em expressar o que está compreendendo. O estudante jamais pode ficar calado, só recebendo, aquele estudante recebedor, a professora transmitindo o conhecimento, eles adquirindo, mas não consegue expressar o que aprendeu, não! Eles aqui são diferentes, eles têm esse costume já de se expressar. Avalio por trabalho em equipe. Com certeza, isso ajuda muito para esse desenvolvimento, porque, assim, nós temos que avaliar o estudante em vários aspectos, não só avaliar o estudante nas avaliações que tem no decorrer do ano, nas etapas de avaliação e sim avaliar no dia a dia, no cotidiano, no comportamento, na mudança de comportamento, nas melhoras de comportamento, a postura, o modo de conviver com os outros, o relacionamento dele com relação aos colegas de sala de aula, é... o desenvolvimento também de sua linguagem, da sua escrita, tudo isso é um conjunto, a gente tem que ver, então, todos esses aspectos.

6 Contribui porque a escola tem um ambiente amplo, aconchegante, um ambiente confortável, você vê que as salas...você está falando da estrutura escolar também? A escola tem um ambiente agradável, acolhedor, confortável, você vê que as salas são confortáveis, climatizadas. É ampla, tem um ambiente agradável. E nós também contamos com espaços externos, temos o ginásio, que a gente pode, no decorrer do ano, a gente leva os estudantes para o ginásio, nos momentos mais assim de socialização. Os estudantes lá podem se sentir mais a vontade, nas apresentações extra-classe, então tem um ambiente agradável, um ambiente aconchegante a escola. Um ambiente amplo que facilita um desenvolvimento escolar também. Não só sala de aula, trancado, não! Nós temos atividades extra-classe que podem ser aproveitadas nos ambientes externos da escola.

7 A escola participa de vários movimentos no decorrer do ano, quando se tem necessidade. Por exemplo, já participamos de momentos de passeatas no meio da rua, de caminhadas em manifestação contra a dengue, eles participam, eles são bem participativos com relação a isso, são entendidos, né... ouvem debates, aqui na escola, de vez em quando, acontecem palestras sobre alimentação saudável, sobre a conscientização e a preocupação com certas doenças, como no caso, a doença atual, a dengue, a transmissão... eles recebem orientações e a gente participa de vários movimentos.

8 Principalmente a sala de aula, porque na sala de aula você tem que passar para o estudante e o estudante ele tem que sentir vontade de estar em sala de aula. Então, se a sala de aula não tiver proporcionando um ambiente agradável para o estudante, o estudante ele não vai se sentir bem em sala de aula. Então, principalmente a sala de aula tem que estar no clima agradável, aconchegante, amplo. Então, tudo o que você puder aproveitar em sala de aula, você aproveita. Porque, assim, são quatro horas que eles passam na sala de aula, praticamente, e se não for um ambiente bom, agradável, um ambiente bem iluminado, bem arejado, um ambiente limpo, então, o estudante vai sentir essa necessidade.

9 Da sala de aula, porque, assim, a sala de aula, é como estou lhe dizendo, se você professor não se identifica principalmente com sua sala de aula, você vai passar quatro horas dando aula em um ambiente que você não se sente bem, então nada vai correr bem. O desenvolvimento em sala de aula não flui bem, a interação com estudante/professor, estudante com estudante também não corre bem. Então, você tem que gostar do ambiente que você está e fazer com que os

estudantes também transmitam esse gostar. Então, pra mim, o ambiente principal é a sala de aula que é onde eu passo a maioria do meu tempo com meus estudantes, desenvolvendo atividades, conversando com eles, conhecendo sobre eles, as suas origens, as suas referências.

10 Gostaria que os estudantes tivessem cada vez mais um ambiente em que essa escola oferecesse uma estrutura bem mais do que eles merecem, é... e que todos os estudantes tivessem a oportunidade de estudar em tempo integral, porque pra mim a educação é fundamental. Que uma criança ela pode muito bem estar em um ambiente de tempo integral na escola em tempo integral e ter também seu espaço de recreação, ter seu espaço de brincar, de lazer. Eu gostaria muito que existisse essa escola modelo para todas as crianças do nosso Brasil, que existisse, que realmente começasse a observar que a educação, o Brasil depende muito da educação, muito, o Brasil precisa melhorar no sentido de educar, de trabalhar a educação das crianças, dos adolescentes. Hoje, nós contamos aqui em Cascavel, por exemplo, com duas creches em tempo integral e é maravilhoso. As mães gostam muito, é muito importante. Já imaginou se tivesse essa oportunidade a nível municipal, a nível estadual, de colégio em tempo integral para as crianças e os adolescentes, então eles não estariam ociosos, nas ruas e estariam estudando o dia todo, participando de atividades extra-classes, atividades lúdicas de recreação, de pesquisa, então eles estariam cada vez mais capacitados e a educação do Brasil ia avançar cada vez mais. Então, pra mim, a escola dos meus sonhos seria essa, uma escola integrada, uma escola completa, uma escola com espaço físico grande para receber as crianças.

P3 – 20 de maio de 2016

1 A vida do estudante na escola é muito importante, porque ele vai ter um norte para o futuro, assim, é... a escola trabalha sempre junta com a comunidade, com a família, e assim, ele vai querer, vai ter vários vínculos com o aprendizado. É muito importante! Muito importante mesmo, é o complemento da educação que vem de casa.

2 O currículo é como se fosse um norte, onde a criança, o estudante, ele vai seguir para que o processo ele seja contínuo, haja uma continuidade. O currículo da escola é muito importante também porque ele vai sempre dar um norte para que a dificuldade, o que o estudante precisa aprender, o que ele precisa melhorar.

3 Contribui sim. Por exemplo, a escola tem uma meta, aí seguindo o currículo, o estudante vai cumprir toda aquela meta da escola, então eu acho muito importante. O estudante ele vem para a escola com um objetivo, é pra vir com o objetivo de aprender, então a gente aqui, como a gente trabalha muito a disciplina da criança e a gente tem a intenção de que o estudante seja bem integrado na escola para que ele desenvolva suas atividades, para que no futuro ele tenha uma boa profissão, uma boa conduta também, esse é nosso objetivo. Formar o cidadão. Como seria formar esse cidadão na sua integralidade? Eu acredito assim, formar o cidadão no todo, que ele seja cumpridor dos seus deveres, dos seus direitos, que ele tenha noção do que ele realmente quer perante a sociedade.

4 No momento em que ele dá opinião, participa das atividades. Não sei se você prestou atenção, gosto muito de trabalhar eles dando as ideias, dando os exemplos de vida, eu acho assim muito importante. Assim, a participação do estudante eu acho primordial, a construção deles, né?

5 Eu avalio eles no todo, no dia a dia, certo! Porque assim, você sabe que tem estudante que fala muito, que gosta muito de dar depoimentos, tem outros que são retraídos, são mais tímidos, então eu avalio eles no todo. No todo, tipo assim: tem dias que, por exemplo, nós temos uma aluna que é muito tímida, mas, no dia que ela fala alguma coisa, que ela escreve alguma coisa, aquele momento ali ela já está sendo avaliada. A gente tem uma aluna que mal fala. Trabalho com o todo através da escrita, oralidade, a participação. Com certeza, através dos depoimentos deles, no comportamento. No depoimento deles, dá pra eu ver o cognitivo que avalio também através da escrita, na avaliação escrita e tudo, mas, assim, a participação deles eu acho muito importante.

6 Com certeza, aqui a gente trabalha muito com a família. Por exemplo, ele dando o depoimento dele no dia a dia de sala de aula, contribui de que maneira, de que a gente conheça mais o estudante e quando acontece algum problema, assim, tipo assim, a gente chama a mãe pra conversar, pra que ela participe junto com a escola. Então, assim, o dia a dia da escola eu acho que contribui muito, porque a gente trabalha muito a disciplina, porque temos aí violência, e eu acho assim, que é muito importante. Eu acho assim que a gente dando importância ao estudante, valorizando o estudante, eu assim... até gosto muito de valorizar e incentivar. Eu acho que o incentivo também é muito importante.

7 O projeto que eu acho muito importante é o projeto de leitura porque, sabe, quando se lê abre vários caminhos, as portas vão se abrindo. Assim, o incentivo à leitura, o projeto de leitura eu acho muito importante. A gente trabalha muito com... o Município trabalha muito com olimpíada, eu acho assim que também é muito importante. Feira de Ciências, olimpíadas, esse movimento é muito importante.

8 Eu acho a sala de aula porque lá é um ambiente fechado onde todos interagem, todos participam, digo, sala de aula, todos participam, todos eles expõem o pensamento, conversam, tem um vínculo de amizade, e eles aqui estão, desde pequeninhos, juntinhos na mesma turma, sabe! E eu acho muito importante.

9 Eu também gosto da minha sala. Assim, eu gosto muito de ter o contato direto com eles, assim, eu acho muito importante. Eu passo, eu mexo com um, mexo com outro, brinco, eu acho assim, às vezes eu penso assim, que eles me acham a verdadeira criança, sabe! Em sala de aula, porque eu gosto de chegar ao nível deles, mas também pôr a minha responsabilidade, minha moral, assim... pra eles verem que a gente é uma amiga que está sempre à disposição. Às vezes, assim, termina a aula e eles chegam vão confidenciar, contar a vida, histórias que acontecem na família, eu acho muito importante.

10 Eu queria era que tivesse era espaço, menor número de estudantes que a gente possa trabalhar melhor, que acredito, assim, menos estudantes seria bem melhor e que a família estivesse mais presente.

ANEXO A – IMAGENS DE NOSSA SENHORA

Imagem 1 – Entrada da escola



Fonte: Arquivo da autora

Imagem 2 – Momento de recebimento da Santa na Escola (13 de maio).



Fonte: Arquivo da autora